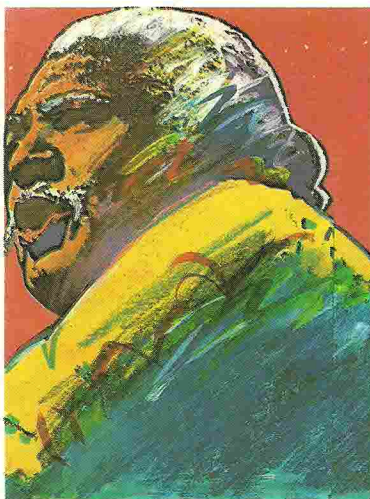
Songbook

Produzido por
Almir Chediak

DORIVAL CAYMMI

1

Lumiar Editora

Uma dupla de alta credibilidade

Hoje é quinta-feira, dia 03 de março de 1994, e, aqui em casa, na rua Souza Lima, estamos eu e Stella conversando sobre música e outros temas com Almir Chediak, o homem do *songbook*, fartamente conhecido. Estamos trabalhando há mais de um ano, compilando peças até dormidas, esquecidas, como acontece no meu caso, que já publiquei um livro de letras de modinhas, letra de canções.

Almir Chediak já fez uma porção de obras bonitas, cada qual melhor. Ele nos traz documentos importantíssimos para a história da música popular brasileira. O nosso ritmo, da forma mais decente possível, apresentado por uma pessoa que tem devoção pelo seu trabalho. Então, Almir Chediak e seu *songbook* formam uma dupla de alta credibilidade, de acerto, de paciência, de pesquisa, num desgaste imenso de energia. Ele é o mais competente pesquisador da nossa memória musical. Neste momento, penso eu, ninguém está fazendo um trabalho parecido.

Quem conhece Almir Chediak conhece o seu trabalho — o *songbook*. Está aí o Carlos Lyra, está Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, o Tom. Tem aí a memória do Cazuza, reservada, preservada em *songbook* por Almir Chediak.

Songbook

Idealizado, produzido e editado
*por **Almir Chediak***

DORIVAL CAYMMI

Volume 1

- 49 músicas contendo melodia, letra e harmonia (acordes cifrados) para violão, guitarra, piano, órgão e outros instrumentos.
- Todos os acordes cifrados estão representados graficamente para violão e guitarra.

Lumiar Editora

3ª edição

Volume 1

MÚSICAS

Volume 2

MÚSICAS

Caymmi: Deus da canção

O privilégio de produzir o "Songbook de Dorival Caymmi" foi, para mim, uma das coisas mais gratificantes de toda minha vida. Caymmi é um gênio, um ser humano muito especial. Suas composições são maravilhosas, letra e música se encaixam perfeitamente. Caymmi é de natureza simples e com um poder de síntese que só ele tem. Quando alguém lhe questiona sobre o número de composições, costuma dizer: "Minhas canções não chegam a cem". Podem não chegar a cem, mas todas, sem exceção, de infinita beleza. Para se ter uma idéia da importância deste mestre da canção popular, vou contar um caso que se passou com o grande acordeonista Sivuca. Certa vez, Sivuca pediu ao maestro Guerra Peixe que lhe indicasse algumas partituras de canções americanas para complementar seus estudos de composição e harmonia. O maestro foi taxativo: "Você não precisa de nenhuma partitura importada, basta estudar a obra de Dorival Caymmi, está tudo lá." Dorival foi o primeiro a gravar um disco de voz e violão, nos anos 40, mesmo contra a vontade dos diretores de gravadora, já que, na época, era regra gravar com um certo número de instrumentos ou mesmo orquestra, para que a música tivesse finalidade dançante. Caymmi impôs seu jeito: gravar discos, principalmente, para poder sentar e ouvir. Outro fato curioso é que, numa época em que os compositores criavam suas músicas para os artistas cantarem, Caymmi compunha primeiramente para ele próprio cantar. Essa atitude se tornou freqüente a partir do final dos anos 60, onde um grande número de compositores passou a interpretar suas próprias canções, e por essa razão, muitos artistas passaram a reclamar, dizendo não haver mais composições inéditas para serem gravadas. É bom lembrar que mesmo as primeiras canções de Caymmi foram por ele gravadas, como *A preta do acarajé* e *O que é que a baiana tem?*, sendo que esta última Caymmi dividiu a faixa com a já consagrada Carmem Miranda.

A produção deste *songbook* consumiu mais de três anos de trabalho, resultando em inúmeros encontros com Dorival Caymmi, necessários para as revisões e a escrita das músicas. Neste período tive a oportunidade de conhecer não só este gênio da música, mas o ser humano maravilhoso que é, com uma inteligência e memória privilegiada, um observador por excelência, tem o dom da palavra, disserta sobre qualquer assunto com criatividade e sabedoria; confesso que aprendi muito com esse convívio. Caymmi participou de todas as fases de produção deste *songbook*, desde a escolha do repertório, passando pela pesquisa de fotos, discografia, revisão das letras, ordenando os versos de acordo com a frase melódica, a revisão do ritmo implícito na melodia etc.

Em termos harmônicos foi adotado o seguinte critério: nas canções praieiras e de motivos folclóricos, foi conservada, praticamente, a harmonia original e, nos sambas e sambas-canções, na sua maioria, houve rearmonizações, mas todas feitas com aprovação do autor. Caymmi qualificou o gênero de cada música, determinando o que é samba, samba-canção, toada, canção praieira e etc. Gostaria de esclarecer que durante um bom tempo o número de músicas para o *songbook* girou em torno de 80 canções, daí o fato de que nos quatro CDs (82 faixas produzidas por mim para a Lumiar Discos e interpretadas por mais de cem artistas) não constam as outras 16 músicas incluídas neste *songbook*, e que só foram lembradas depois dos CDs já gravados, pois a minha intenção seria gravar toda a obra de Caymmi. Agradeço a participação de Stella Caymmi, Marcelo Machado, amigo da família, e do pesquisador Jairo Severiano, pela ajuda em relembrar músicas até mesmo esquecidas. Algumas ainda estão inéditas, não foram gravadas em discos, como *Canção antiga, Por quê?, Acaçá, Melodia do meu bairro, Vamos ver como dobra o sino, Retirantes, Desde ontem* e *Canção da primeira netinha*, composta em 1962, logo após o nascimento de Stella Teresa, filha de Nana Caymmi.

Em comum acordo, eu e Caymmi determinamos quem escreveria os textos para este *songbook*. O jornalista Sérgio Cabral foi escolhido para realizar a biografia; Tárik de Souza, jornalista e crítico de música, escreveu o texto analítico da obra e o prefácio fi-

cou a cargo de Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, nosso querido Tom, um grande admirador de Dorival e amigo de longa data. Caymmi me concedeu várias horas de entrevista, inserida no segundo volume deste *songbook*.

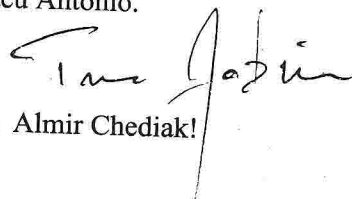
Durante o período de produção deste trabalho, tivemos passagens inesquecíveis, em conversas extramusicais, sobre os vários assuntos do cotidiano, das nossas experiências de vida e tive a oportunidade de ver em Caymmi uma pessoa que aceita a vida exatamente como ela é, da forma mais transparente possível e com grande otimismo. Certa vez, numa conversa, disse-lhe que aparentava ter a energia de uma pessoa com pelo menos trinta anos mais jovem. Caymmi se locomove de um lado para outro com tamanha agilidade, firmeza e desenvoltura, o que não é normal em homens da sua idade. Outra coisa que me impressionou é que, durante todo esse período em que nós trabalhamos, o astral de Caymmi estava sempre para cima, existia um certo humor nas conversas, me parecia que ali havia um homem imune a depressões. Disse-lhe que ficava impressionado com tudo aquilo e ele me respondeu: "A minha meta de vida é de 120 anos"; ao ouvir esta declaração me senti com os mesmos trinta anos mais jovem, que havia lhe dado anteriormente, entendi a razão dessa jovialidade e aprendi mais uma lição de vida com o mestre Dorival. Talvez pela relação de amizade e pela nossa diferença de idade, certo dia Caymmi carinhosamente me disse: "Garanto que você nunca imaginou de ter um pai preto assim como eu." Adorei e fiquei transbordando de felicidade por ter sentido nestas palavras o carinho e a admiração que demonstrava por mim, o que era recíproco, pois sempre foi meu grande ídolo, e, com este convívio quase que diário, me afeiçoei muito a ele. Neste dia eu e Caymmi combinamos de trabalhar em um apartamento que eu alugara para passar o verão, e que era no mesmo apart-hotel em que Tim Maia mora. Tim soube que Caymmi estava lá, se falaram por telefone e, em seguida, pediu a uma pessoa que entregasse no apartamento vários de seus discos com dedicatória para Caymmi e Stella. A primeira pessoa com quem me encontrei naquele dia após ter estado com Caymmi foi, exatamente, o Tim Maia. E contei a ele da maneira carinhosa com que Caymmi havia me tratado e ele me disse: "Que legal, Chediak, ele gosta mesmo de você." Em seguida fez vários elogios a Caymmi, declarando-se seu fã, e disse que durante o período em que morou nos EUA (59 a 64) defendeu alguns trocados cantando músicas de Caymmi e Tom Jobim. Ao chegar à casa de Caymmi no dia seguinte para continuarmos nosso trabalho, Caymmi abriu a porta e, sorrindo, me disse: "Tenho cara de pai do Tim Maia?" Fiquei alguns segundos sem entender e, em seguida, ele complementou: "Tim Maia me elegeu seu pai, me telefonou e disse que também era meu filho." Aí fiquei pensando: assim como eu e o Tim Maia, deveria haver milhões de brasileiros precisando de um pouco desse afeto. E senti mais uma vez, o privilégio de poder compartilhar da amizade e do carinho desse ilustríssimo cidadão brasileiro, gênio da música, um verdadeiro Deus da canção popular brasileira.

Se Vinicius de Moraes finalizasse este texto, certamente encerraria dizendo "Saravá, Caymmi"; e eu digo, de todo o coração, "a bênção, meu pai".

Almir Chediak

Frederico Mendes

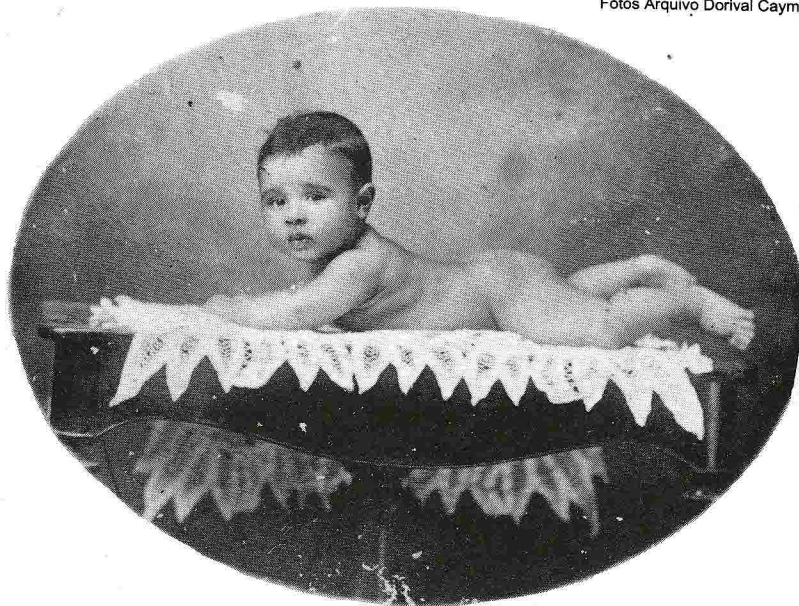
Tom visita Caymmi

Dorival é gênio universal.
É universal, é gênio baiano, é carioca, é pedra noventa, é pedra sem jaça, canção praieira, é gênio do Brasil e do mundo.
É casado com mineira de Piquiri, cantora, Stella Maris.
Têm filhos, músicos maravilhosos: Nana, Dori, Danilo.
Pai maravilhoso que cuida dos seus, que são todos, todos.
Pegou o violão e orquestrou o mundo.
Navega no vento, no pensamento.
Navega embarcado, apoitado, nos restos de um barco em praia sem mar.
Navega com a maré, de jangada, parte cedo, com o terral, participa da pescaria.
"Vela que leva o barco, barco que leva a gente, gente que pega o peixe, peixe que dá dinheiro..., Curimã."
Às vezes vejo Dorival sair do mar, de pé, sobre as águas, apanhado (vestido) pela rede, coberto de peixes prateados, de conchas, siris, caranguejos, sargaços, pedaços de madeira, de caixote, algas.
Dorival navega em pé, na canoa, no mar grande em busca do mar Novo, ao largo de Itaparica. Vai aos Abrolhos, no Maralto, em noite de temporal, e respira fundo a salsugem do largo. Vai a Copacabana e pratica o samba urbano, *Só louco*.
O mar da Bahia o leva do Oiapoque ao Chuí. Da Venezuela à Argentina, do Alaska à Patagônia. De Paris a Los Angeles.
Um dia, telefonei-lhe, agonizante: "Dorival, o médico me disse que vou morrer..."
E respondeu-me Dorival: "Olha, ninguém é tão doente que já esteja morto, nem ninguém é tão sadio que não vá morrer."
Evidentemente eu sofria de morte precoce e Dorival é um sábio, Axé.
E vamos comer siri, nos baixios.
No Raso da Catarina.
E quando acabar todo siri do mundo, Iemanjá te levará para um lugar mui alto donde contemplarás o oceano do céu, os mares intergalácticos e os peixes do céu, desses que aparecem nas poças da chuva, aqui na Terra.
Ave, Caymmi. Beijo do teu Antonio.

Tom Jobim

PS: Mais uma vez, bravo, Almir Chediak!

Olavo Rufino/AJB

Álbum de família

Fotos Arquivo Dorival Caymmi

Dorival Caymmi aos seis meses de idade.

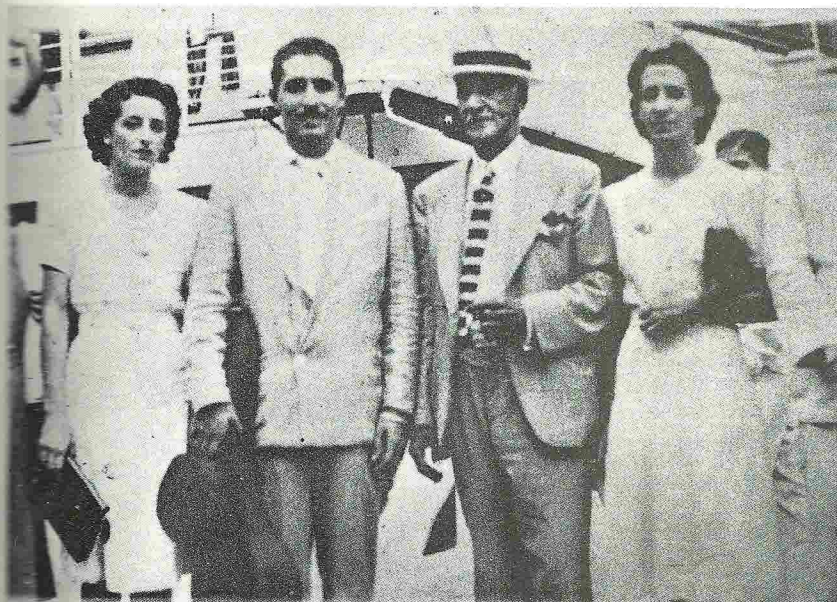
A mãe, Aurelina Soares Caymmi, "D. Sinhá".

D. Saloméa de Souza, a avó paterna.

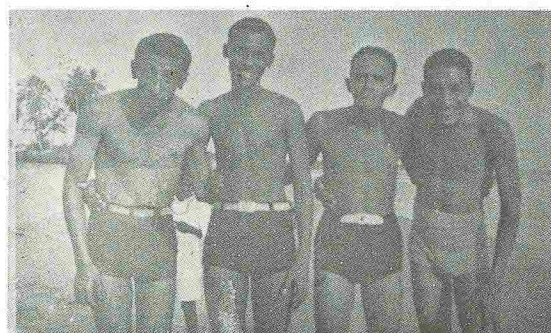
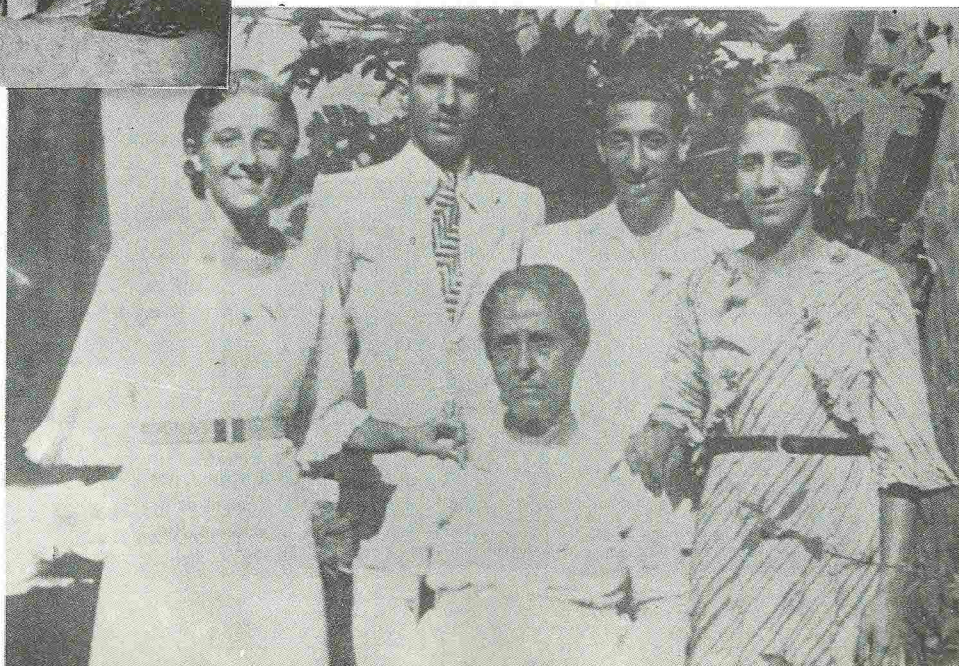
Henrique Balbino Caymmi, o avô paterno.

O pai Durval Henrique Caymmi

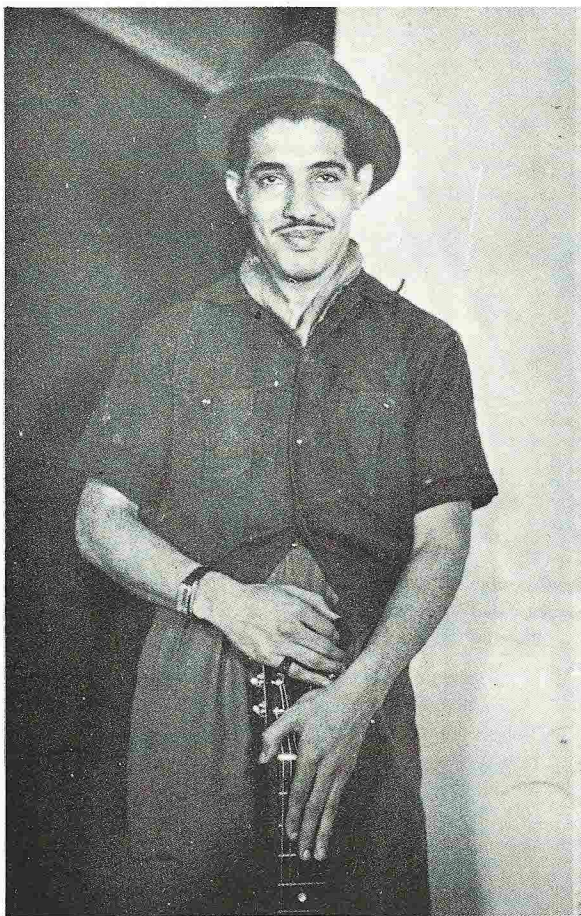
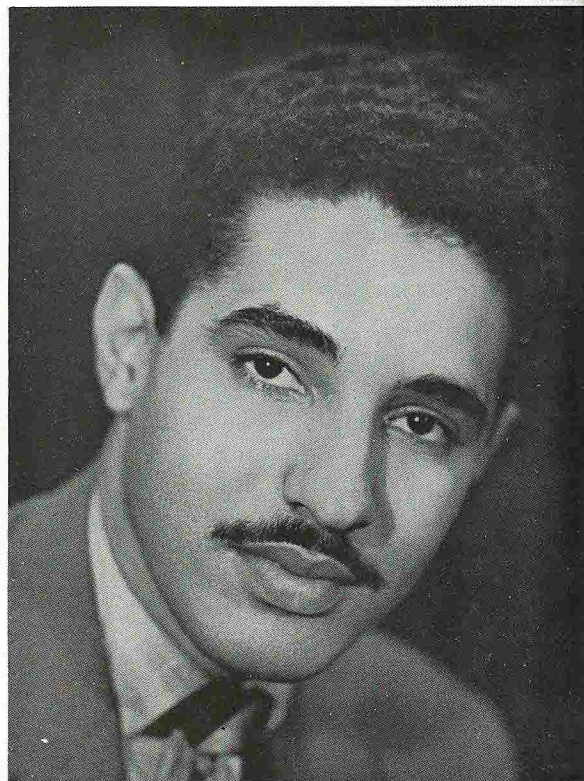
Maria da Glória, a bisavó paterna

Enrico Balbin Caymmi, bisavô patern

Caymmi, entre suas irmãs Dinahir e Dinah e, ao seu lado, seu pai Durval, Bahia, década de 40.

Álvaro Ernestino Soares, o avô materno

Família materna de Caymmi, 3ª da esquerda para a direita, sentada, sua mãe, Aurelina Soares Caymmi e, ao centro, de vestido escuro, sua avó D. Joaquina Mamede de Aragão Soares.

Dorival Caymmi à direita, seu irmão Deraldo à esquerda e seus amigos Luiz e Yoyô na praia de Itapoã, Salvador, 1936.

Dorival Caymmi, entre as irmãs Dinahir e Dinah, à sua esquerda, seu irmão Deraldo e em frente sentada sua mãe D.Sinhá, Salvador, década de 30

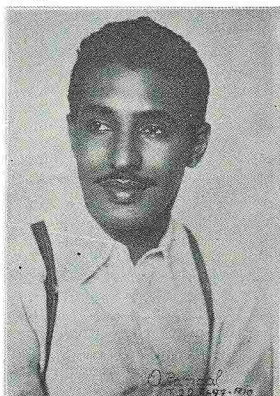
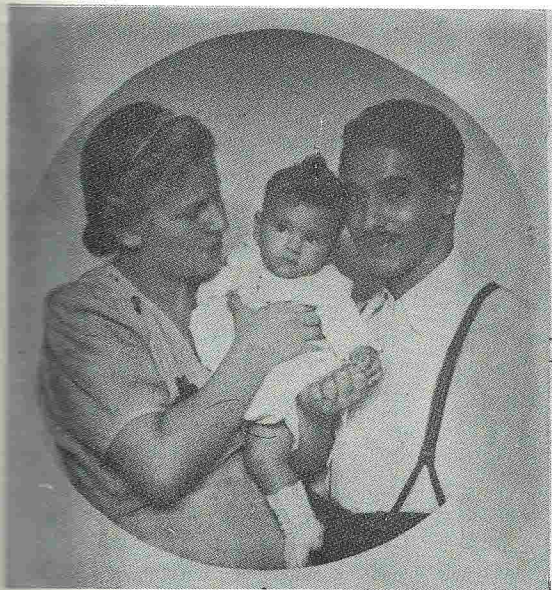
Álbum de família

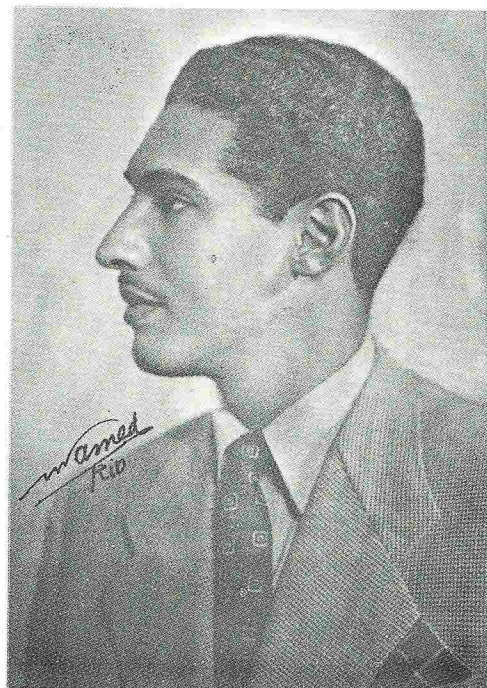
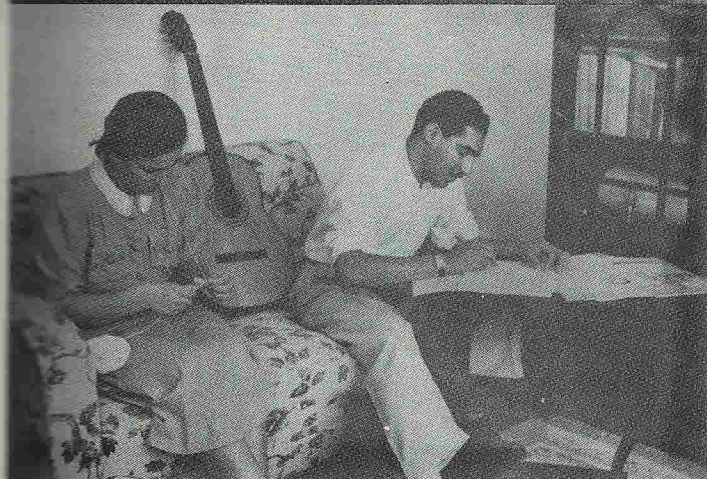
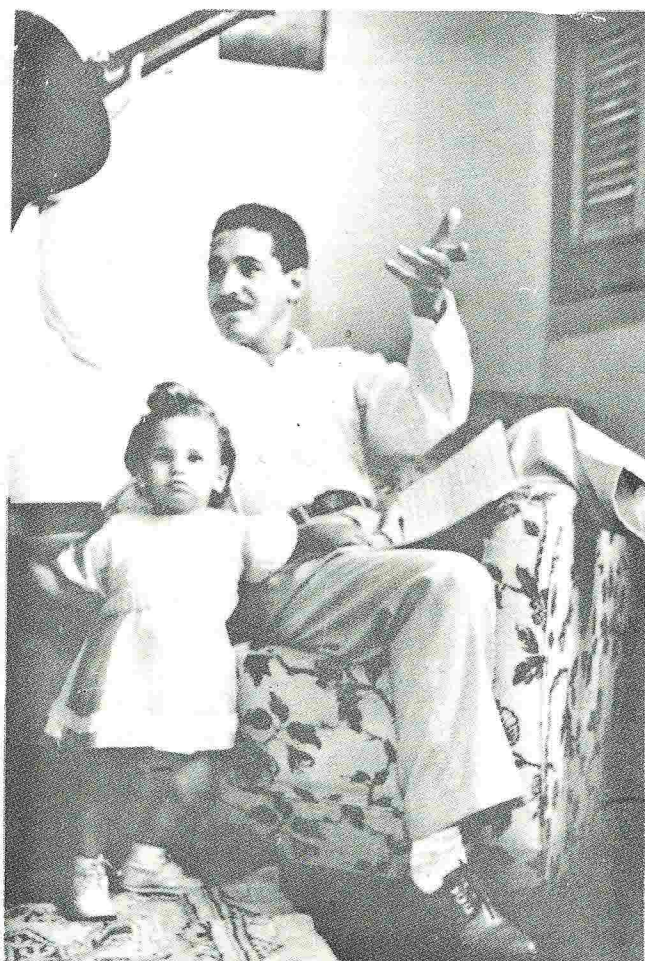
Fotos Arquivo Dorival Caymmi

Dorival Caymmi, Rio, 1939.

Dorival Caymmi, Rio, 1941

Stella Tostes, na época de seu casamento com Caymmi

Stella Tostes, Rio, 1939

Dorival Caymmi, Rio, 1941

Stella Tostes e Dorival Caymmi, nos tempos de namoro, Rio, 1939.

Stella e Dorival Caymmi, no apartamento do Grajaú, Rio, 1942

Stella e Caymmi com Nana aos 4 meses e meio de idade

Dorival Caymmi, aos 25 anos de idade

Caymmi e Stella com Nana ao seu colo, Rio, 1942

Stella e Caymmi, Rio, 1942

Caymmi com sua filha Nana, Rio, 1942

Álbum de família

Fotos Arquivo Dorival Caymm

Dorival Caymmi, Rio, final da década de 40.

Stella com os filhos Dori e Nana, Rio, 1946

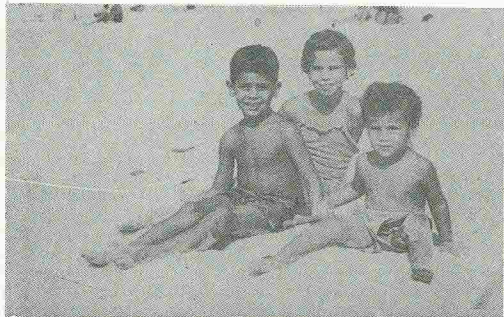
Caymmi, tocando violão para Danilo, Rio, 1950.

Caymmi com Danilo, São Paulo, 1955

Nana Caymmi aos seis anos de idade.

Dori Caymmi, aos sete anos de idade

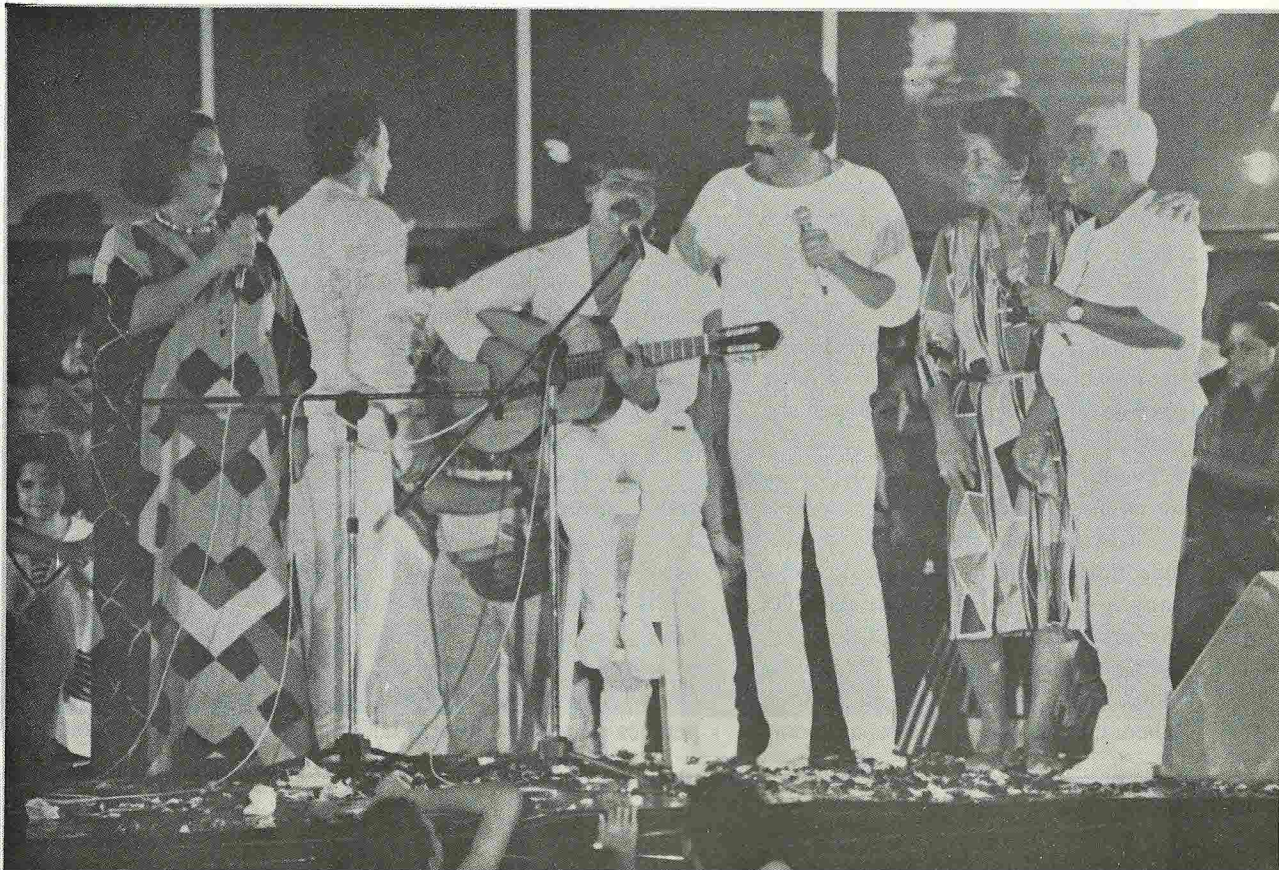
Stella e Dorival Caymmi, na residência do Leblon, Rio, 1949.

Dori, Nana e Danilo, na praia do Leblon, Rio, 1950

Nana, Dori, Stella, Dorival e Danilo Caymmi em seu colo, Rio, 1950

Arquivo JB

Nana e Caymmi com sua neta Stella Tereza em seu colo, Rio, 1963.

Danilo, Nana e Dori Caymmi, Rio, 1952.

Família Caymmi reunida. Nana, Dori ao violão, Danilo, Stella e Dorival, no teatro Castro Alves, Salvador, 1984

O ritmo de Caymmi

Fotos Arquivo Dorival Caymmi

Dorival e Stella Caymmi, Leblon, 1949.

A ansiedade não é, nem de longe, uma característica de Dorival Caymmi. Tanto a sua música quanto a sua vida desenvolveram-se no tempo e no ritmo que lhe pareceram mais adequados, razão pela qual foi criada a lenda de que o artista cultiva uma preguiça muito especial. Como chamar de preguiçoso quem tanto produziu? Além de uma extraordinária obra musical (são mais de 80 músicas), Caymmi oferece-nos uma obra de pintor de algum diletantismo, é verdade, mas de muito valor. Tantos quadros, músicas, *shows*, programas de rádio e televisão, viagens etc. não podem figurar na biografia de um preguiçoso.

"Caymmi demora muito a compor uma música", dizem alguns dos seus amigos, sem perceberem que o criador não pretende nutrir a ansiedade deles, alterando o seu ritmo de produção. Mas todos, principalmente os seus amigos, sabem que sempre vale a pena esperar: quando Caymmi conclui uma obra, a música popular brasileira fica mais rica. É percorrer o repertório do compositor para comprovar que nada é "mais ou menos". É tudo peça de antologia, biscoito fino, como pedia o sempre citado Oswald de Andrade.

Nascido no dia 30 de abril de 1914, na Rua do Bângala (depois, Rua Luís Gama), em Salvador, Dorival Caymmi decidiu abandonar o curso secundário em 1930, o ano da sua primeira música, uma canção que recebeu o título de *O sertão*. Mas não foi a música que o levou a interromper os estudos. Foi um emprego obtido no jornal *O Imparcial*, onde começou trabalhando no escritório, passando, depois, a escrever a mão os nomes e os endereços dos assinantes (tinha uma letra bonita), até passar a revisor. Nasceu ali uma paixão tão forte pelas redações de jornal que, durante muito tempo, Caymmi alimentou a esperança de ser jornalista. Mas seu pai, Durval Henrique Caymmi, que não via grande futuro nessa profissão, tratou de matriculá-lo num curso de matemática, português e inglês, a fim de prepará-lo para um concurso para escrivão de coletoria, um emprego público. De fato, o rapaz estudou, fez o concurso, ganhou o segundo lugar, mas até hoje não foi chamado para assumir o emprego.

A música é que, aos poucos, foi ocupando o tempo de Dorival Caymmi. Aos 17 anos, começou a aprender violão e, pouco depois, formou com amigos um conjunto vocal, ao qual deu o nome de Três e Meio (o "Meio" ficava por conta de um dos integrantes do grupo, um menino de 10 anos de idade). Inicialmente, o repertório do Três e Meio era formado pelas músicas que chegavam do Rio de Janeiro pelo rádio. Com esse repertório, o conjunto apresentou-se na festa de coroação da Rainha do Carnaval da Bahia, na sede da Associação dos Empregados do Comércio, e na Rádio Clube. Aos poucos, o grupo foi incorporando as músicas do próprio Caymmi (todas esquecidas, tempos depois, pelo autor), como a marcha *Lucila* e a batucada *A Bahia também dá*, esta vencedora de um concurso carnavalesco que rendeu um abajur de cetim cor-de-rosa ao compositor. Mas a verdade é que nem o conjunto nem as composições rendiam dinheiro ao jovem Dorival Caymmi. Tentou a carreira de vendedor de barbante no comércio local, mas não vendeu nada. "Você não imagina como é difícil vender barbante", diria ele, numa entrevista concedida anos depois. A tentativa seguinte foi a de vender bebida. Novo fracasso. Resultado: no dia 1º de abril de 1938, com o apoio dos pais, pegou um "Ita" — a terceira classe do navio *Itapé* — e embarcou para o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de trabalho.

"Você não imagina como é difícil vender barbante"

Recebido no Rio pelo amigo da família José Brito Pitanga, foi imediatamente encaminhado para uma pensão no

Dorival Caymmi, Bahia, 1952

Fotos Arquivo Dorival Caymmi

Dorival Caymmi, Fernando Lôbo e Dermival Costalima, Rio, 1951.

centro da cidade (Rua São José, 35), onde tratou de assegurar a hospedagem pagando adiantadamente os dias restantes de abril (ele chegou no dia 4). Foram 175 mil-réis. O mesmo Pitanga levou-o à redação da revista *O Cruzeiro*, numa tentativa frustrada de obter emprego. Só não foi um inteiro fracasso porque Caymmi acabou conhecendo uma pessoa que seria muito importante para a sua carreira, o desenhista Edgard Pereira, e que trabalhava com um menino que, dali a algum tempo, seria um dos grandes nomes da revista, o humorista Millôr Fernandes. Mas foi outro Edgard, o companheiro de pensão Edgard de Carvalho, que trabalhava em publicidade (nos anos 50 seria político), que lhe arranjou o primeiro emprego no Rio, numa agência de anúncios de jornal. O primeiro salário, porém, sairia somente no fim de maio, o que lhe causaria o constrangimento de ser despejado no dia do seu 24º aniversário, já que a pensão exigia o pagamento adiantado. E não podia nem recorrer ao amigo. Jose Brito Pitanga, pois este fora para a Europa, em viagem de trabalho. Caymmi procurou a dona da pensão para uma conversa e recebeu a melhor notícia daqueles primeiros dias de Rio de Janeiro: antes de viajar, Pitanga teve o cuidado de pagar os próximos seis meses de hospedagem.

Veio a lembrança de um moço baiano, ainda desconhecido

A boa notícia seguinte partiu de Lamartine Babo, que, baseado em informações de que o jovem baiano cantava músicas muito interessantes todas as noites, após o jantar, para os companheiros de pensão, convidou-o para cantar em seu programa, transmitido pela Rádio Nacional, à meia-noite, e que tinha o nome de *Clube dos Fantasmas*. Foi apenas uma apresentação, mas o suficiente para render duas grandes alegrias a Caymmi: foi ouvido na Bahia e conheceu uma das maiores figuras da música popular brasileira, o próprio apresentador do programa. A terceira boa notícia foi provocada por Edgard Pereira, que o recomendou para um teste a Teófilo de Barros, diretor artístico da Rádio Tupi. Teófilo adorou a voz e as músicas do candidato, mas lamentou não poder contratá-lo porque a Tupi vivia uma fase de muito aperto financeiro.

— O máximo que lhe posso oferecer — desculpou-se — são duas apresentações por semana, com cachê de 30 mil-réis cada uma.

Dorival Caymmi aceitou a proposta e ficou muito feliz: significava a garantia de um dinheiro que lhe seria de grande utilidade e a abertura das portas do rádio — a ambição de qualquer artista novo. De fato, não demorou muito para que ele fosse convidado a cantar na Rádio Transmissora, onde pontificavam

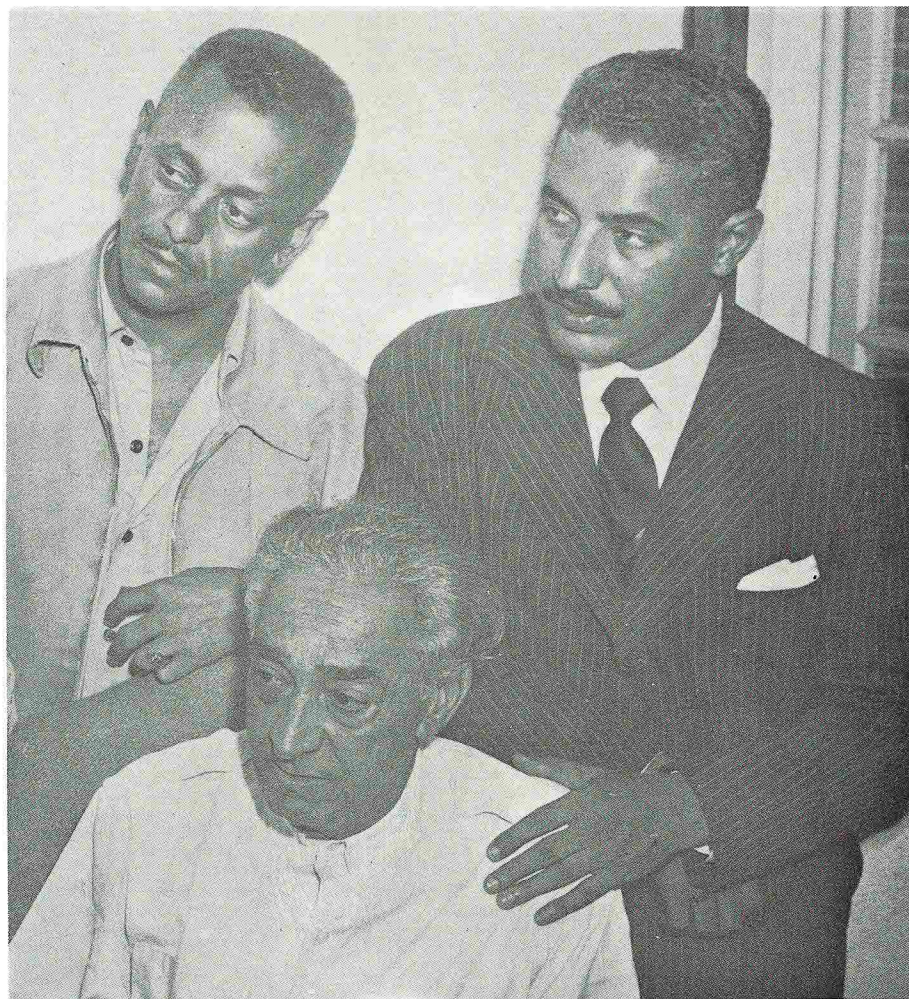
dois importantes radialistas baianos, Eric Cerqueira e Dermival Costalima. Em setembro, assinou um contrato de três meses com a Rádio Nacional, que começava a projetar-se como a grande emissora do país.

O compositor e cantor nem imaginava que o melhor estava por vir, ainda em seu primeiro ano de Rio de Janeiro. Tudo por causa de um problema ocorrido na produção do filme *Banana da terra*, que acabou sobrando para Caymmi. O radialista Almirante (Henrique Foreis Domingues) contou a história, mais de 30 anos depois, em sua coluna no jornal *O Dia*:

Caymmi conheceu o seu primeiro sucesso

"Estamos em fins de 1938. O produtor de filmes nacionais, o americano Wallace Downey, que vivia no Rio de Janeiro, realizava a película denominada *Banana da terra*. Como auxiliares para o filme, achavam-se João de Barro, Alberto Ribeiro, Mário Lago e J. Rui, encarregados dos roteiros, cenários, diálogos, roupagens, as canções e os artistas. Como participantes principais, estes nomes: Carmem e Aurora Miranda, Dircinha e Linda Batista, Oscarito, Lauro Borges, Carlos Galhardo, Orlando Silva, outros e este colunista. Entre as músicas programadas, *A jardineira*, *Sei que é covardia*, *A tirolesa* etc., além de *Na Baixa do Sapateiro*, de Ary Barroso, e *Boneca de piche*, de Ary Barroso e Luís Iglésias.

Estabelecidos todos os contatos pessoais, sem contratos em cartório, mas apenas combinações, e, unicamente, a tal palavra de honra, a filmagem corria sem dificuldades. Entre os números musicais estavam as canções de Ary Barroso, com Carmem Miranda vestida de baiana, na cena de uma igreja, e o segundo apresentando Carmem e este colunista, trajados a caráter e pintados de preto, num simples escritório.

Os trabalhos realizavam-se num velho armazém, na Avenida Venezuela, no cais do porto, e, naquela manhã, todos os elementos estavam preparados para a cena, quando surgiu a notícia de que Ary Barroso exigia a quantia de 10 contos de réis para permitir a inclusão das suas músicas no filme. Era um despropósito. Veio a lembrança de um moço baiano, ainda desconhecido, autor de canções como *O que é que a baiana tem?*, chamado Dorival Caymmi.

Assis Valente, Josué de Barros e Dorival Caymmi, Rio. 1951

Assim, Carmem Miranda filmou *Banana da terra* e apresentou-se no Cassino da Urca cantando *O que é que a baiana tem?*. O empresário Lee Schubert viu-a e levou-a para os Estados Unidos."

Quem teria sugerido o nome de Dorival Caymmi como substituto de Ary Barroso? Na biografia de João de Barro, o pesquisador da nossa música popular Jairo Severiano informou que a idéia partiu do compositor Alberto Ribeiro, imediatamente endossada por João de Barro e Almirante. Mário Lago, por sua vez, afirmou que Caymmi já era conhecido de Almirante e recordou até o dia em que o radialista ouviu o jovem baiano cantando na Rádio Transmissora. Ficou tão encantado que telefonou imediatamente para a emissora para pedir informações sobre o cantor. Outro homem de rádio, Paulo Neto, em entrevista concedida logo após a morte de Carmem Miranda, em agosto de 1955, contou: "Eu disse a Almirante que havia um rapaz na Transmissora com um samba muito bom para a Carmem. 'Na Transmissora, não há ninguém formidável. Só você." Insisti, dizendo que se tratava de Dorival Caymmi e que tinha um samba muito bom, chamado *O que é que a baiana tem?*. Diante disso, Almirante falou com João de Barro para ouvir Caymmi. Fui eu que mandei que ele cantasse a música para João de Barro, diretor musical do filme." Aloysio de Oliveira, em seu livro *De banda para a lua*, conferiu a Almirante a iniciativa de encontrar o substituto de Ary Barroso: "Foi o próprio Almirante que encontrou a solução, levando-me, no dia seguinte, na Rádio Nacional, para ouvir um novo compositor baiano, recentemente chegado ao Rio e que, para ele, era um grande talento. Num dos pequenos estúdios da

Arquivo Dorival Caymmi

Vinicius de Moraes e Dorival Caymmi no show na boate Zum-Zum, Rio, 1964.

rádio, Dorival Caymmi, de terno branco e gravata-borboleta, cantou para nós *O que é que a baiana tem?*. Levamos imediatamente Caymmi para Downey completar o filme. Esse incidente mudou definitivamente o destino de três pessoas: o de Caymmi, o de Carmem e o meu. Caymmi conheceu o seu primeiro sucesso, partindo para muitos outros. Carmem se apresentou pela primeira vez de baiana no Cassino da Urca e, logo a seguir, foi contratada para a Broadway. E eu, com o Bando da Lua, que se apresentou pela primeira vez junto com Carmem, também parti para os Estados Unidos. Graças a Ary Barroso." A última versão fica com o próprio Dorival Caymmi, que, em seu depoimento ao Museu da Imagem e Som do Rio de Janeiro, confessou ter sido achado, naquela oportunidade, "como um bilhete de loteria". E acrescentou: "Sei que foi um emissário na Rádio Transmissora me perguntando se eu queria ver uma música minha no filme. Disse que sim: 'Então, você vai ganhar 100 mil-réis para botar essa música no filme.' Lembrou que ia ser cantada por Carmem Miranda, uma grande estrela, essa coisa toda. Respondi: 'Perfeitamente.' Em seu depoimento, Caymmi revelou que somente "muito mais tarde" é que soube que substituía Ary Barroso e que este pedira "um dinheiro maior". Uma outra descoberta foi a de que *O que é que a baiana tem?* havia sido gravada para ser levada ao conhecimento de Carmem Miranda, sem que ele percebesse:

Descobri que havia um disco, sem que eu soubesse.

— Almirante me levou na casa de Carmem, na Avenida São Sebastião, na Urca — narrou Caymmi, em seu depoimento ao MIS —, onde Almirante disse para ela me ouvir pessoalmente, porque no disco podia não me entender. Foi aí que descobri que havia um disco, sem que eu soubesse. Comecei a entender tudo. Antes, o Newton Teixeira encontrou-se comigo na Rádio Nacional e me perguntou se eu gostaria de ouvir a minha própria voz. Era um sábado. Fomos para a Avenida Venezuela, onde estava a Sonofilmes. Eu cantava e eles gravavam. O Newton dizia: "Vai cantando, vai cantando." Eu cantava e ele cantava também as músicas dele, enquanto Moacir Fenelon e João de Barro gravavam tudo. Tiraram uma prova da gravação e levaram para Carmem. Mas estava um negócio feio, sem técnica nenhuma. Era uma gravação informal: eu cantava, eles gravavam. Lembro-me até da sugestão do Newton: "Canta aquele negócio da Bahia." Cantei, mas sem aquele entusiasmo. Nem sabia que iam tirar prova. Tanto que, depois que cantei para a Carmem Miranda, ele comentou: "Assim é muito melhor."

Arquivo Dorival Caymmi

Amália Rodrigues e Dorival Caymmi, Lisboa, 1957.

Nesse mesmo dia, fomos para o estúdio e gravamos, a sério, *O que é que a baiana tem?*. Eu fiz parte do coro.

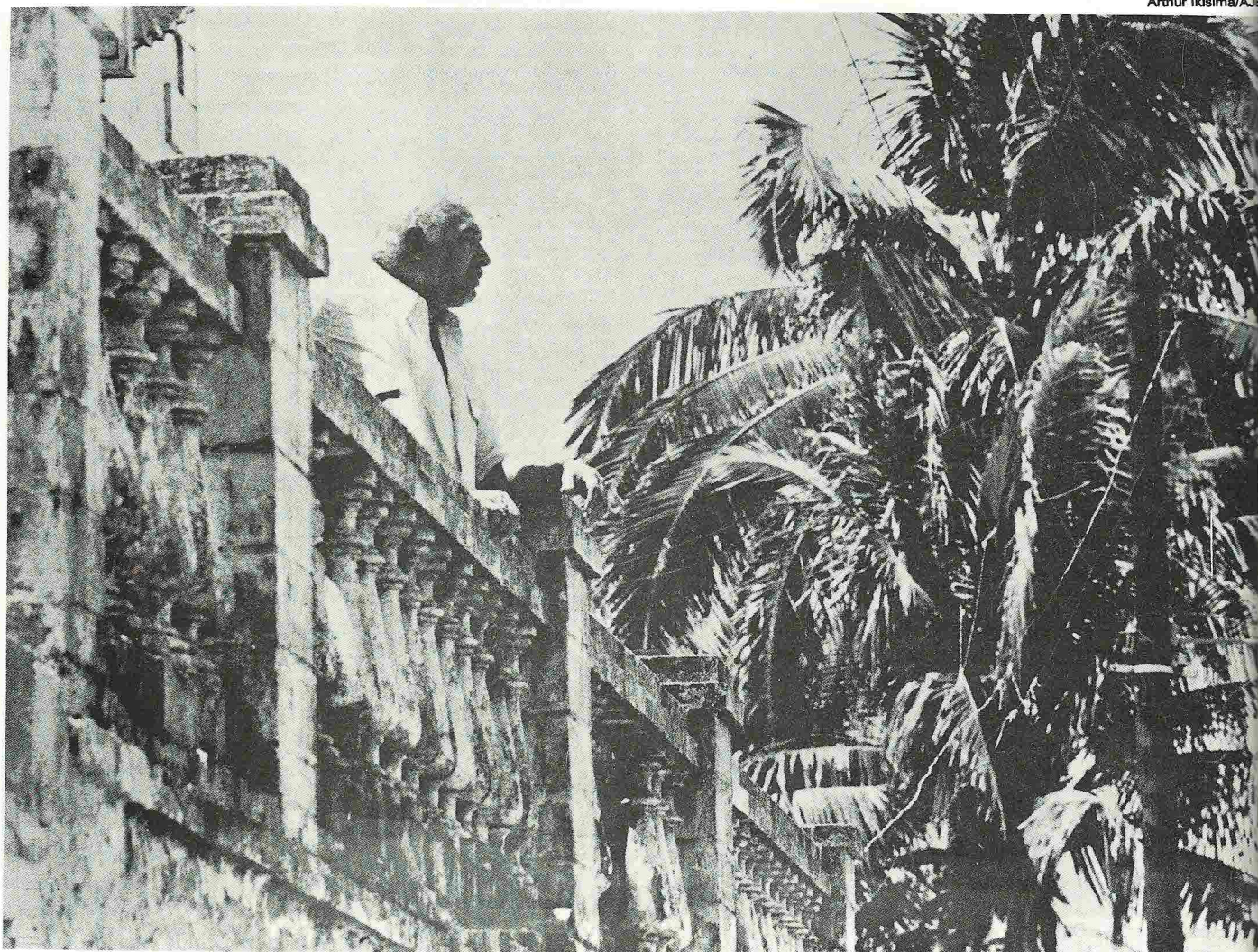
Carmem Miranda adorou Dorival Caymmi. Adorou tanto que convenceu a Odeon de que deveria gravar um disco com ele, o que, de fato, ocorreu, logo no início de 1939, quando o autor e a cantora dividiram a interpretação de *O que é que a baiana tem?*. No lado B, Caymmi gravou sozinho (ele e violão) *A preta do acarajé*. E não ficou apenas nisso. Ainda em 1939, a Odeon lançou *Promessa de pescador*, *Rainha do mar* (ambas cantadas pelo autor) e *Roda pião*, mais uma oportunidade para Caymmi cantar em dupla com Carmem Miranda. Em 1940, pela primeira vez, era gravada uma música de Dorival Caymmi no exterior. A música era *O que é que a baiana tem?* e a interpretação ficou por conta do mais famoso conjunto vocal norte-americano da época, The Mills Brothers. Também naquele ano — e na mesma gravadora, a Decca — Carmem Miranda e o Bando da Lua gravaram *O que é que a baiana tem?* nos Estados Unidos. No Brasil, além de gravar *Noite de temporal* e *O mar*, Caymmi começava a destacar-se como intérprete, gravando duas músicas de autoria alheia, fato que se repetiria somente em 1957, quando participou de um dos mais interessantes empreendimentos da nossa história fonográfica: um *long-play*, produzido por Aloysio de Oliveira, em que ele cantava músicas de Ary Barroso e este tocava ao piano obras de Dorival Caymmi. Em 1940, gravou *Navio negreiro*, de Sá Roris, J. Piedade e Alcyr Pires Vermelho, para a Odeon, e *Essa nega fulô*, o famoso poema de Jorge Lima com Osvaldo Santiago, para a Columbia, para onde se transferira, voltando, meses depois, para a Odeon. Ainda em 1940, saiu a gravação de *O samba da minha terra*, com o Bando da Lua, cuja letra é invariavelmente citada quando se quer defender a nossa música: "Quem não gosta de samba/Bom sujeito não é/É ruim da cabeça/Ou doente do pé."

Pela primeira vez, era gravada uma música de Caymmi

Os discos iam saindo e o trabalho no rádio não parava. Depois de uma temporada na Rádio Nacional, Caymmi transferiu-se para a Mayrink Veiga e lá permaneceu durante uma boa temporada, ganhando dois contos de réis por mês. Deixou a pensão da Rua São José para dividir um apartamento (na Rua do Passeio) com Teófilo de Barros, dupla que, logo depois, mudou para um trio com a entrada de mais um hóspede, o compositor, jornalista e homem do rádio Fernando Lobo. Caymmi morou no apartamento até abril de 1940, quando casou com Stella Tostes, uma jovem cantora que se apresentava com o pseudônimo de Stella Maris. O casal foi morar no bairro do Grajaú. No ano seguinte, nasceu Nana, para quem o compositor faria o seu famoso *Acalanto*. Em fins de 1941, fez a sua primeira viagem como cantor, percorrendo o Nordeste a partir de Fortaleza (no Recife, começou a compor *Dora*), indo até a Bahia, onde foi festivamente recebido e cantou nas emissoras de rádio e em *shows* em praça pública, tanto em Salvador quanto em Feira de Santana.

De volta ao Rio de Janeiro, meses depois de sua partida para Fortaleza, Caymmi já era um nome consagrado no mundo do rádio e da música popular. Suas músicas eram procuradas pelos demais cantores (o conjunto Anjos do Inferno gravou várias delas) e o seu círculo de amizade se ampliava para as rodas dos intelectuais, levado pelos seus amigos Jorge Amado e o pintor Augusto Rodrigues. Foi por essa época que Caymmi, Amado e Carlos Lacerda compuseram uma valsa intitulada *Beijos pela noite*, e que dizia numa das suas estrofes:

Um dia sentirás a mocidade
No teu corpo fatigado
Da saudade dos caminhos
E então sob a lembrança dos meus beijos
Nosso amor adolescente
Poderá recomeçar

Arthur Ikisima/AJB

Dorival Caymmi, na sua antiga residência em Salvador, 1969.

Em agosto de 1943, nasceu o segundo filho de Dorival e Stella, Dori. Em 1948, quando nasceu Danilo, o terceiro, Caymmi entrava na sua fase urbana, também chamada de fase "carioca". Foi uma época em que, a partir de *Marina* (1947), passou a compor um samba-canção atrás do outro, entre os quais *Nunca mais* (1949), *Nem eu* (1952) e *Só louco* (1955), e uma série de canções em que tinha como parceiro um *socialite* do Rio de Janeiro, Carlos Guinle: *Não tem solução* (1950), *Sábado em Copacabana* (1951), *Você não sabe amar* (1950) e várias outras. Tal parceria deu margem a comentários maliciosos, entre os quais o do jornalista Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), jurando que Dorival Caymmi entrava com a letra e a música e Carlos Guinle com o uísque. Mas Caymmi sempre contestou tais versões. De qualquer maneira, eram tempos de grandes sucessos (além das músicas citadas, *Maracangalha* (1956), *João Valentão* (1953), *Saudade da Bahia* (1957) etc.) e de muito trabalho, pois Caymmi era um dos cantores mais requisitados para cantar no rádio, na televisão e na noite do Rio e de São Paulo. Mudou-se para um apartamento no Leblon e, ainda na década de 50, adquiriu (com financiamento do antigo IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários)

Um dos maiores êxitos internacionais

o seu primeiro apartamento, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Em 1955, morou alguns meses em São Paulo, onde trabalhava como contratado da Rádio e da TV Record e se apresentava em boates. Em 1957, a convite de Assis Chateaubriand, apresentou-se em Portugal e aproveitou a oportunidade para conhecer a França e a Itália. Na segunda metade da década, surgiu a bossa nova, um movimento que pretendia mudar a música popular brasileira, mas que não conseguiu passar ao largo do grande compositor. João Gilberto, o artista que, com sua voz e seu violão, deu as cores da bossa nova, não deixava de incluir em seus discos as músicas de Caymmi e de outro mestre de nossa música, Ary Barroso.

Em 1964, Caymmi compôs *Das rosas*, somente gravada no ano seguinte, por ele mesmo, mas que, não demoraria muito, seria um dos maiores êxitos internacionais. Na versão em inglês de Ray Gilbert, *Das rosas* seria gravada por Andy Williams. E o sucesso foi tanto que o compositor foi convidado pelo próprio Ray Gilbert para visitar os Estados Unidos, onde fez, entre outras coisas, um programa de televisão, do tipo costa a costa, ao lado de Andy Williams.

Arquivo Dorival Caymmi

Dorival Caymmi e "As três Marias", no show "Cousas e graças da Bahia", boate Casablanca, Rio, 1952.

De volta ao Brasil, depois de alguns meses, uma crise de hipertensão obrigou-o a passar dois meses numa casa de saúde e, principalmente, a mudar de vida: nunca mais fumou e reduziu ao mínimo o consumo de bebidas alcoólicas (adorava um conhaque). Em 1968, Dorival foi contemplado pelo governo da Bahia com uma casa na Pedra da Sereia mas, pouco tempo depois, a família

Sua casa se transformara num ponto turístico

resolveu vendê-la (e comprar um apartamento na Pituba), o que foi feito, com apoio do próprio governo baiano: é que a tal casa se transformara num ponto turístico, acabando com o sossego da família. Várias vezes por dia, parava na porta um ônibus repleto de turistas e não chegasse à janela para dar um adeusinho para os passageiros.

O tempo passava e Caymmi continuava no seu ritmo. Na entrada dos anos 70, avô de vários netos, o compositor desfrutava não apenas o sucesso de sua obra: agora, havia também o sucesso dos três filhos. Nana já era considerada — e com toda razão — uma das melhores cantoras brasileiras de todos os tempos; Dori, vitorioso compositor de obras-primas da nossa música popular desde os anos 60, era reconhecido como um músico de primeira qualidade, destacando-se como arranjador; Danilo, igualmente compositor vitorioso, já era um flautista requisitado pelos mais exigentes maestros e produtores para participar de gravações de discos e dava início a uma carreira também vitoriosa de cantor. O que poderiam Dorival e Stella esperar mais dos filhos? Mas Caymmi não se limitava a curtir o êxito dos filhos. Em 1972, lançou uma das músicas mais executadas da década, a *Oração de Mãe Menininha*, gravada inicialmente por ele mesmo e, depois, por Maria Bethânia e Gal Costa. Em 1984, quando fez 70 anos, foi homenageadíssimo na Bahia e no Rio de Janeiro. "Que são 70 anos", escreveu Carlos Drummond de Andrade, "diante da melodia que não conta tempo, não envelhece, enquanto as modas de cantar se sucedem e quase nada de música existe mais do que uma estação?" Setentão, Caymmi continuou trabalhando. No seu ritmo, é claro. Fez um dos espetáculos mais elogiados da década, apresentando-se com os filhos na boate Scala, participou do Festival de Montreux, ao lado dos filhos, e nunca parou de compor nem de pintar os seus quadros. E certamente nunca parará. Mas dentro do seu ritmo, é claro.

Sérgio Cabral

O cirandeiro do requinte

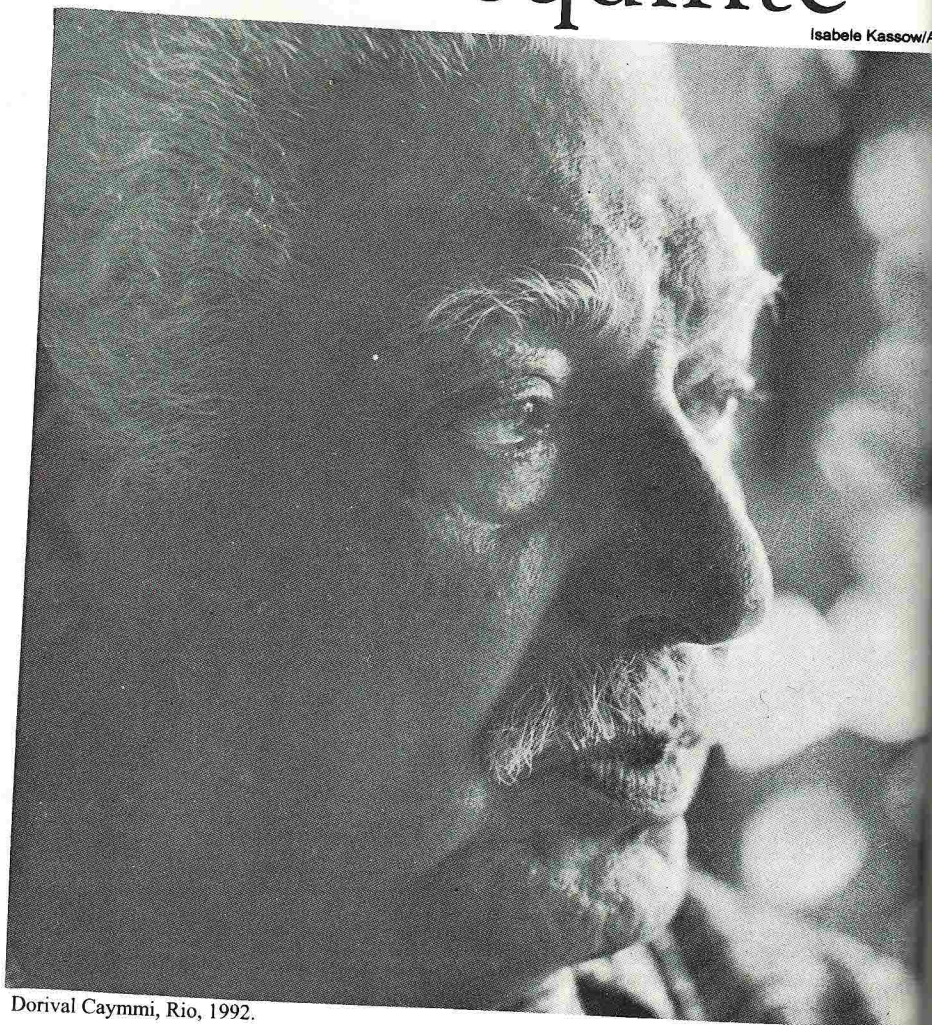
"Dorival Caymmi falou pra Oxum
com Silas tou em boa companhia
o céu abraça a terra
deságua o Rio na Bahia"
(*Nação*, de João Bosco,
Aldir Blanc e Paulo Emilio)

"Dorival é um buda nagô
filho da casa real da inspiração
como príncipe principiou
a nova idade da canção"
(*Buda nagô*, de Gilberto Gil)

"Depois, na praça Caymmi,
sentir preguiça no corpo
e, numa esteira de vime,
beber uma água de coco"
(*Tarde em Itapoã*,
de Toquinho e Vinicius de Moraes)

Isabele Kassow/AJ

Dorival Caymmi, Rio, 1992.

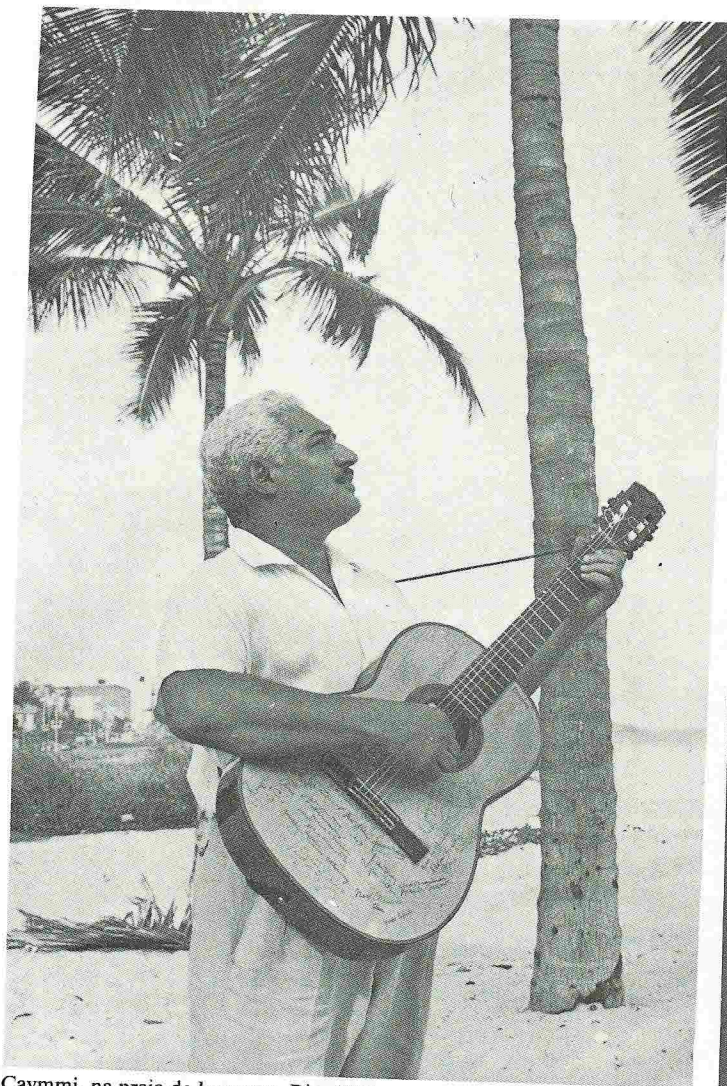
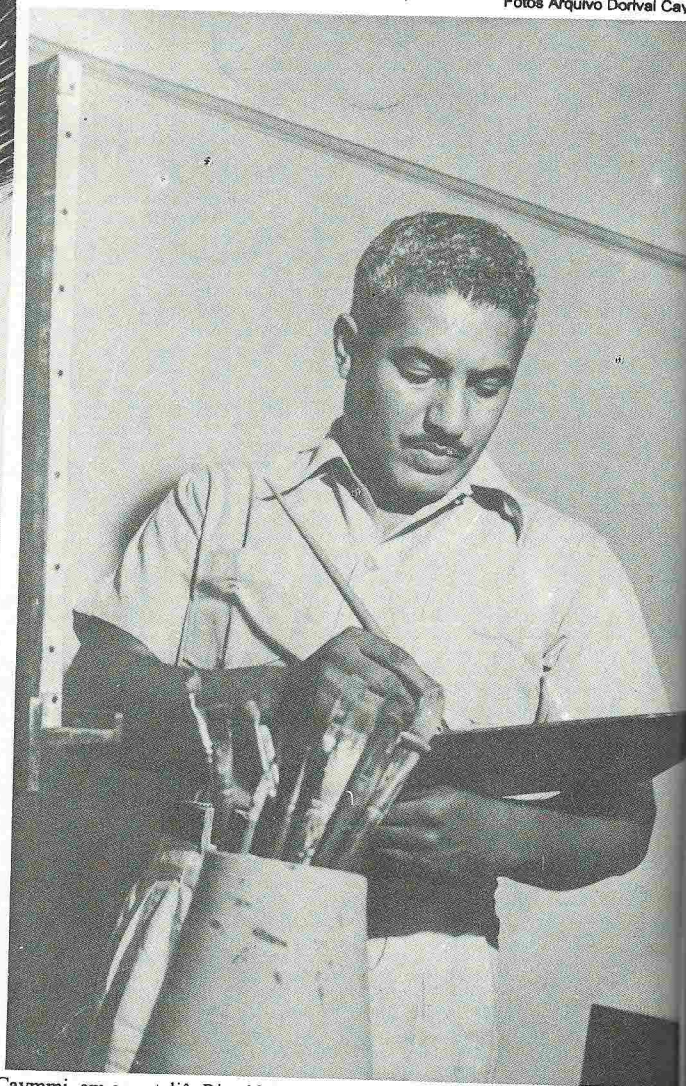
Todas as musas e músicas levam ao estuário Dorival Caymmi. Ele é um dos pontos cardeais de uma MPB atemporal, esculpida pelos elementos básicos. O vento que enfuna a vela, o mar que carrega o barco, o fogo feminino do estro sestroso e a terra em que o pescador Carapeba — rebatizado como João Valentão — nem precisa dormir para sonhar. Divindade de homem simples, *deus ex machina* em seu trono de cirandeiro do requinte, Caymmi usa o cinzel ao contrário, para despir os ornamentos. Seu triunfo é a beleza nua, o canto confidente. Tão tribal que soa criação de domínio público. "Meu sonho é ser o autor de uma ciranda-cirandinha, uma coisa que se perca no meio do povo", confidenciou-me numa entrevista no começo dos anos 70. Como explicar, ao mesmo tempo, a admiração dos modernos por novidades inseridas num enredo musical aparentemente tão despojado? Tom Jobim, prisma da mudança de rumos impressa ao país do carnaval pela bossa nova, encontra explicações de admirador. "Acho o Caymmi ilimitado, como o oceano que ele canta", definiu-me. E entrou em detalhes técnicos a respeito das inovações promovidas por este antecipador da bossa nova. "Caymmi passou a empregar notas de sexta e sétima maiores nos acordes menores, imprevisíveis modulações de meio-tom, coisas que ninguém usava na época", elogiou.

"Deve ser instintivo, porque desde pequeno acho que o som deve ter outra beleza além do acorde perfeito", rebateu a modéstia de Caymmi, que chegou a ser repreendido pelo pai. "Meu arpejo, a maneira como puxava as cordas do violão, de uma raspada só, não era considerado correto", lembra. E não imaginem que "o cantor das graças da Bahia", como o pintou o escritor e amigo Jorge Amado, extraiu tais novidades do *jazz*, onde apreciava mais o tradicionalismo do primitivo *dixieland*, com predileção pela dicção dadaísta de Jelly Roll Morton. "Como autodidata à procura de uma erudição, fui me encontrar mais tarde em Ravel, Debussy, Mussorgski, Bach, Grieg, com aquelas harmonias tão estranhas. Mas não quis estudar para não perder o lado espontâneo", confessou-me ele.

"O cantor das graças da Bahia"

Outro signo da mobilidade dialética caymmiana é sua autoctonia universal. A partir do canto enumerativo de *O que é que a baiana tem?*, o sucesso inaugural de 1939, nos requebros vocais de Carmem Miranda (para quem, como figurante no filme *Banana da terra*, cabia indicar os detalhes da indumentária referidos pela letra), sua música rompeu fronteiras, numa elasticidade de latitudes que vai de João Gilberto a Daniela Mercury, de Evandro Mesquita a Caetano Veloso. Caymmi não fez nenhum

Marco Antônio Cavalcanti/AJB

Dorival Caymmi, aos 69 anos de idade, Rio de Janeiro.

Fotos Arquivo Dorival Caym

Caymmi, na praia de Ipanema, Rio, 1960.

Caymmi, em seu ateliê, Rio, 1949.

esforço para estourar de novo no norte (do Equador), desta vez a bordo da valsamba *Das rosas*, em 1964. O sucesso de uma gravação do cantor americano Andy Williams o levou a Los Angeles para um disco na Warner e um curta-metragem na Columbia Pictures. O cantor do quintal praieiro baiano, dos postais soteropolitanos e mais tarde, na fase carioca, dos sambas-canções de romantismo dissonante nunca deixou de expressar-se na língua do planeta. "Acontece que eu sou baiano", assume no samba gentílico. Ou afro-brasileiro, evocando cenas e totens do Candomblé, refestelado em sua condição de obá de Xangô.

Alguns temas são recorrentes no monumento musical de Caymmi, ao mesmo tempo ciclópico pela quantidade de obras-primas e minimalista pela economia de meios e avareza de títulos. A lendária letargia de seu processo de trabalho, na verdade, desvela uma metódica depuração dos impulsos até atingir a condição de espontaneidade consciente, almejada por sua assinatura de trovador pouco afeito ao facilitário dos adjetivos ou à máscara das metáforas. Mas mesmo o Caymmi mais celebrado, o das

Caymmi bateu tambores para o sincretismo

canções praieiras (resumido num disco à base de voz e violão que deve ser um dos mais perfeitos da MPB), exibe faces múltiplas e um nível de elaboração digno de ourivesaria de câmara. O mais curioso é saber que tais matrizes telúricas foram colhidas por um Caymmi adolescente na condição de veranista com a família, numa época em que praias como Itapoã ou lagoas como Abaeté — hoje meros bairros da cidade servida por um serpentário de autopistas — ficavam à distância de uma longa viagem do centro urbano de Salvador.

É doce morrer no mar, ele prega com voz dolente, lamentosa, suspirante como um canto de sereia, inspirado no livro *Mar morto*, de Jorge Amado. O fatalismo da *Noite de temporal* (aberto pelo sinistro vocal do refrão grave "ê lambaê/ê lambaio"), o desenlace anunciado de *A jangada voltou só*, o *Milagre* dos embarcados numa quarta-feira santa, dia de pescar e de pescador. A *Morena do mar*, para quem a volta significa um presente de pescador. Alguém que a divide nos afetos de *O bem do mar*: "Um bem na terra/um bem no mar." A lápide-refrão de *Quem vem pra beira do mar* ("nunca mais quer voltar/andei por andar andei/ e todo caminho deu no mar") cristaliza-se na ritualística *Promessa de pescador*,

[illegible] e seu violão, final da década de 60.

[illegible] o pai "velho e acabado", que já não [illegible] pegar no remo, confia o filho a Ie[illegible], a *Rainha do mar* de outra can[illegible]. Ao pulso teatral deste Hemingway [illegible] não falta o assovio sonoplasta da [illegible]da do *Vento* (que tanto impulsio[illegible] [illegible]to pode tombar o barco). Nem a [illegible] de trabalho do *Canoeiro*, capaz [illegible] organizar-lhe as tarefas com uma pre[illegible] métrica joão cabraliana: "cerca o [illegible] bate o remo/puxa a corda/colhe a [illegible]", enquanto o violão tece a trama [illegible] cordas. Dividida em várias partes au[illegible]as, a *Suíte dos pescadores* vale por [illegible] *Morte e vida severina* caiçara, com [illegible] ao.epitáfio de uma incelença nor[illegible] e gênese de marcha-rancho cari[illegible].

Do macunaímico *João Valentão*, es[illegible]çado na areia da praia que acaba [illegible] a vista não pode alcançar, à *Pasár*[illegible] interiorana de *Maracangalha*, cujos *tickets* para o éden são reles *liforme* branco & chapéu de palha, Caymmi procura a utopia de lugar referida por Antonio Risério em seu arguto ensaio *Caymmi: uma utopia de lugar* (Editora Perspectiva, 183 págs.). O texto ressalta a ilusória singeleza de *O mar*, um clássico entre seus ícones praieiros. A partir do violão-orquestra da introdução em modula-

Liforme branco & chapéu de palha

ções cromáticas ("em vez de ir da dominante para a tônica, ele usa a tônica alterada, meio-tom abaixo como dominante", decupa o ensaio, escrito em parceria com o músico Tuzé de Abreu), Caymmi propõe uma intervenção semiótica no tema. "Ele consegue reproduzir o movimento da maré, recriando-o na própria disposição dos signos", descobre Risério. "O mar quando quebra na praia/é bonito/é bonito", sumariza a letra espumante. A salinidade do projeto caymmiano contamina da religiosidade de *Dois de fevereiro* ("dia de festa no mar/eu quero ser o primeiro/a salvar Iemanjá"), *A mãe-d'água e a menina* e *Festa de rua* ("Cem barquinhos brancos/nas ondas do mar") à queixa sócio-habitacional de *Eu não tenho onde morar* ("é por isso que eu moro na areia"), ou o canto retirante de *Peguei um "Ita" no Norte*, concluído com o realismo da migração irreversível: "*Pro* mês *intera* dez anos/adeus, Belém do Pará". *Sargaço mar*, "doida canção/que não fui eu que fiz", parece interromper este ciclo na obra aberta do compositor. "Vou me atirar/beber o mar", incorpora a letra.

O parentesco de Dorival Caymmi com o folclore de sua terra, documenta-

Fotos Arquivo Dorival Caymmi

Caymmi, no caminho para Caldas da Rainha, Portugal, 1957.

do no precursor *songbook* que escreveu, *O cancioneiro da Bahia* (Martins Editora, 193 págs., 1ª edição, 1947), abre um flanco regionalista a seu trabalho, expresso em cantigas como *Roda pião*, *Sodade matadeira* e *Eu fiz uma viagem*, além do canto de capoeira *Cala a boca, menino* (regravado com a luminosidade de João Donato) e o genérico *Acalanto* (o do ancestral "boi da cara preta", que serviu de estréia ao vocal superlativo da filha, Nana Caymmi). A todos estes exemplos, e vários outros, o compositor acrescentou sua lapidação de ourives. Sem descaracterizar a essência, ele injeta novas fragrâncias ao buquê da tradição oral. Urbanizador visionário do *Afochê* (ainda se grafava com ch) bisavô do Olodum, Caymmi bateu tambores para o sincretismo (*Santa Clara clareou*, *Canto de Nanã*, *Canto de Obá* e a heráldica *Oração de Mãe Menininha*). Difundiu os pregões de rua (*A preta do acarajé*) e inaugurou o samba-receita (*Vatapá*). Sua contigüidade com o canto espontâneo da rua o levou ao artesanato do refrão transformado em ditado popular, como o de *Samba da minha*

Os requebros e interjeições verbais do cantor/autor

terra — "Quem não gosta de samba/ bom sujeito não é/é ruim da cabeça ou doente do pé". Ou os dos enunciados *O que é que a baiana tem?* e *Você já foi à Bahia?*, um outro segmento de interesses da lira caymmiana — a Bahia, sua paisagem humana e geográfica, através da ótica afetiva da feminilidade e da doçura.

Este é o Caymmi buliçoso de *O dengo que a nega tem*, *Acontece que eu sou baiano*, *Balaio grande*, *A vizinha do lado*, *Lá vem a baiana*, *Requebre que eu dou um doce* e *Vestido de bolero*. Pratica um samba repleto de intervalos, com ecos de samba-de-roda, bem diferente da sintaxe carioca e dos sambas-canções que faria no Rio. A malemolência do ritmo — e os próprios requebros e interjeições verbais do cantor/autor — lubrifica a libido dos versos, que podem ainda conjugar a mulher e a terra numa única celebração. É o caso de "Adalgisa mandou dizer/que a Bahia tá viva *inda* lá". Ou da umbilical *Saudade da Bahia*, com seus gemidos canoros de banzo & gozo: "Ah, ai que saudade eu tenho da

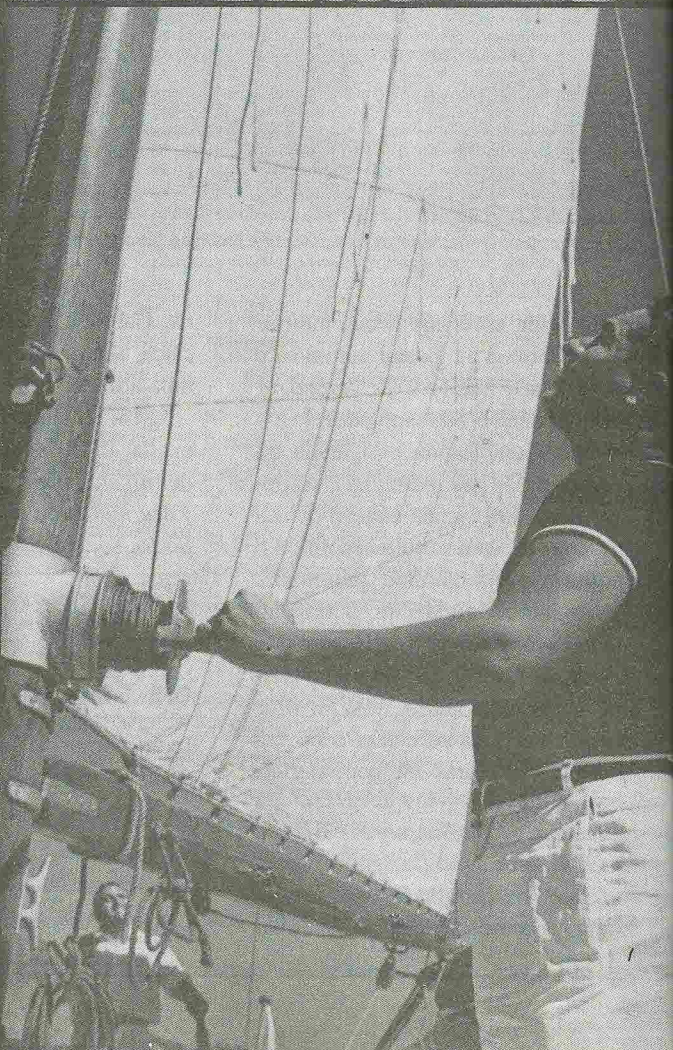
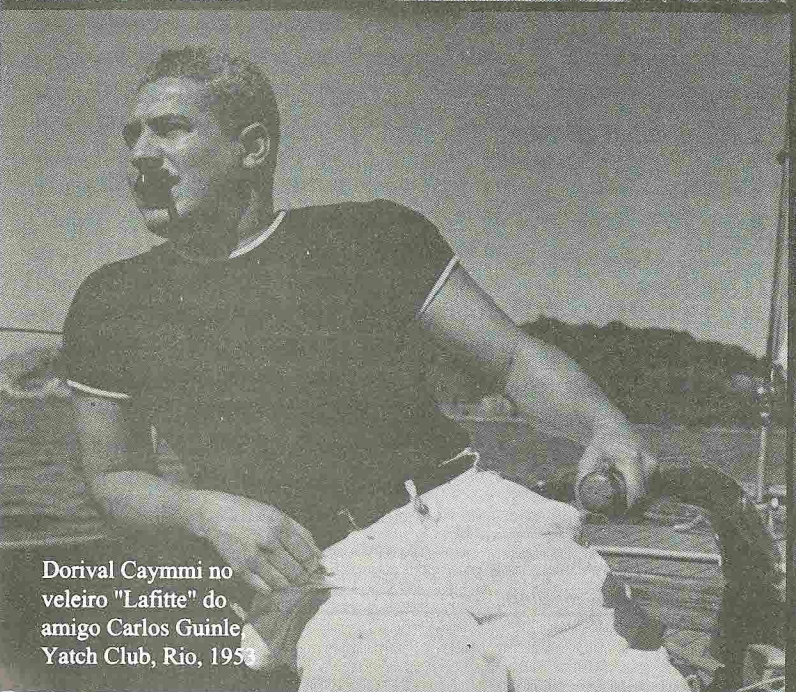
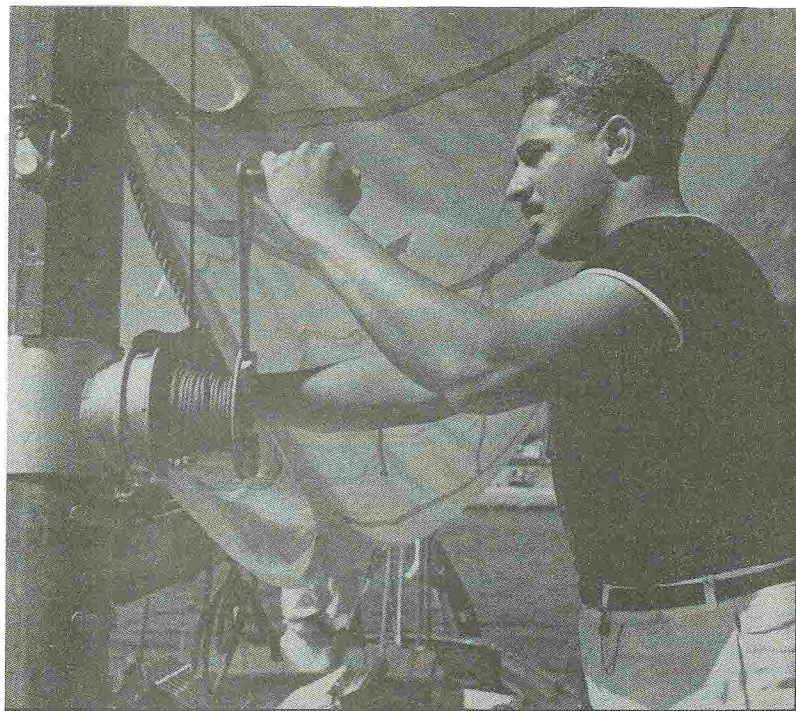
Caymmi na mesma estrada, vista na foto anterior e tendo ao fundo, a roseira que lhe inspirou a canção *...Das rosas*

Bahia/ah, se eu escutasse o que mamãe dizia." A Bahia vira postal semovente em *365 igrejas*, *Saudade de Itapoã*, *A lenda do Abaeté* e *São Salvador* (a do diagnóstico racial sucinto: "Cidade do branco mulato/do preto doutor"). Assim como *Marina*, um samba-canção de sua fase carioca, evoca no título escolhido o Caymmi praieiro, há uma paronomia entre as mulheres de sua obra. Ocorre em *Dora* (caso único onde a ação se passa no Recife, em meio ao frevo e o maracatu) e no sincopado de *Doralice* (uma de suas raras parcerias com Antonio Almeida, regravada com perícia por João Gilberto). Acontece entre a Maria Amélia de *Eu cheguei lá* e *Eu sem Maria*; *Rosa morena* e *Das rosas*, esta a apologia da "rosa mulher". Mas Caymmi canta no compasso que quiser Juliana, Gabriela, Maricotinha e até a Francisca Santos das Flores, salpicada por uma aura de fado com sotaque.

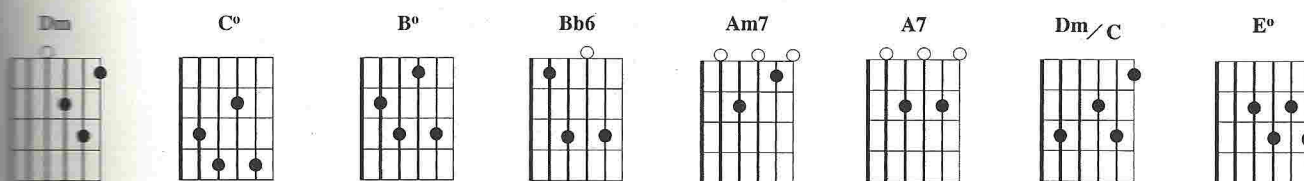
Mas há ainda um percurso em que a exaltação do belo trafega por reflexões de romantismo mais urbano, como as de *Você não sabe amar*, *Não tem solução*, *Só louco*, *Adeus*, *Nunca mais*, *Saudade*

Uma paronomia entre as mulheres de sua obra

(com Fernando Lobo), *Rua deserta* e o comportamental *Sábado em Copacabana* (uma de suas parcerias com Carlos Guinle). É o Caymmi da descoberta de um Rio pré-bossa nova, nas dores-de-cotovelo dos anos 50. "Quem inventou o amor/não fui eu", decide uma delas. "E eu que esperava nunca mais amar/não sei o que faça/com este amor demais", geme outra. Ironicamente, uma terceira ("o nosso amor/não teve querida/as coisas boas da vida") foi regravada por Chico Buarque em seu disco *Sinal fechado* para exorcizar perseguições do regime militar. Mesmo sem devoção ao engajamento político, a obra elástica de Dorival Caymmi prestou-se a esta estilingada de criação em progresso. Dono de uma assinatura parabólica impregnada nas raízes profundas do país, o samba de sua lavra quando se canta todo mundo bole. É o canto do povo de um lugar.

Tárik de Souza

Dorival Caymmi no veleiro "Lafitte" do amigo Carlos Guinle, Yatch Club, Rio, 1953

Canção da primeira netinha

DORIVAL CAYMMI

Dm / / / / / C° B° Bb6 / / / Am7 / Dm / / / C° B°
Dorme ne–tinha Stella Tere–si—nha Dorme ne–tinha minha estrangei–ri–nha Toda estrela bri–lha,

Bb6 A7 Dm / Dm/C / B° / / / / / E° / / / / /
toda flor per–fu–ma — É que nasceu u–ma "niña" — minha, "niña" "Niña" minha

ção de ninar

Dm C° B°

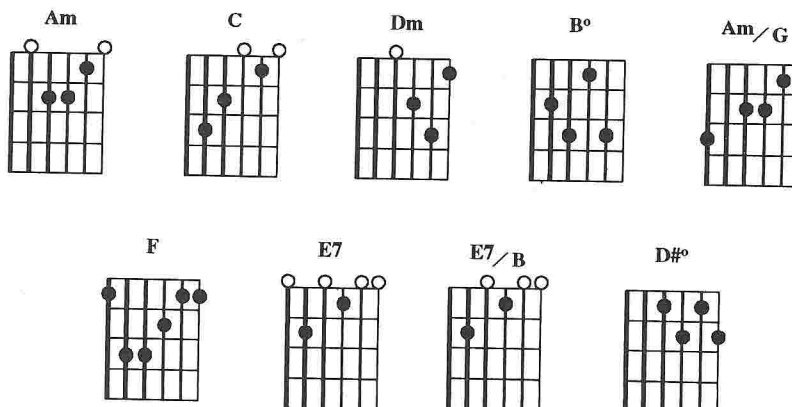
Bb6 Am7 Dm

C° B° Bb6 A7 Dm

Dm/C B°

E° Dm

Acaçá

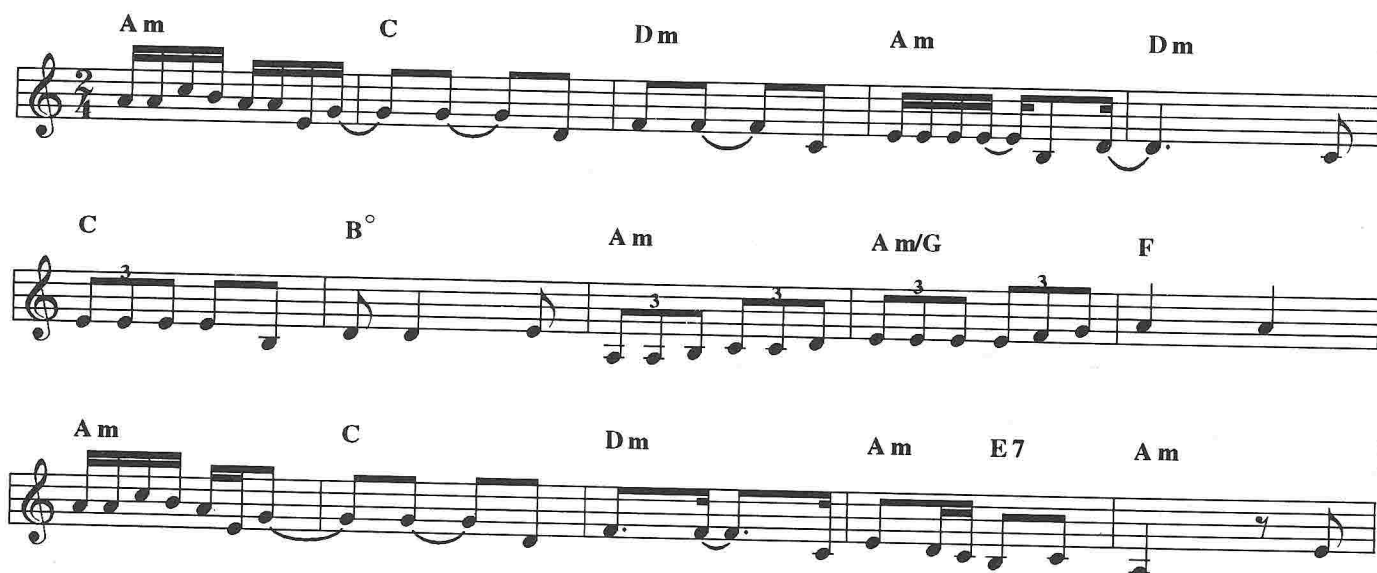
DORIVAL CAYMMI

Am / C / Dm / Am / Dm /
— Acaçá de milho bem fei—to... E o jeito?... E o modo dela mercar?

C / Bº / Am / Am/G / F / Am
Sor–rindo com dentes alvos A bata caindo do ombro Caindo pro peito — Acaçá de

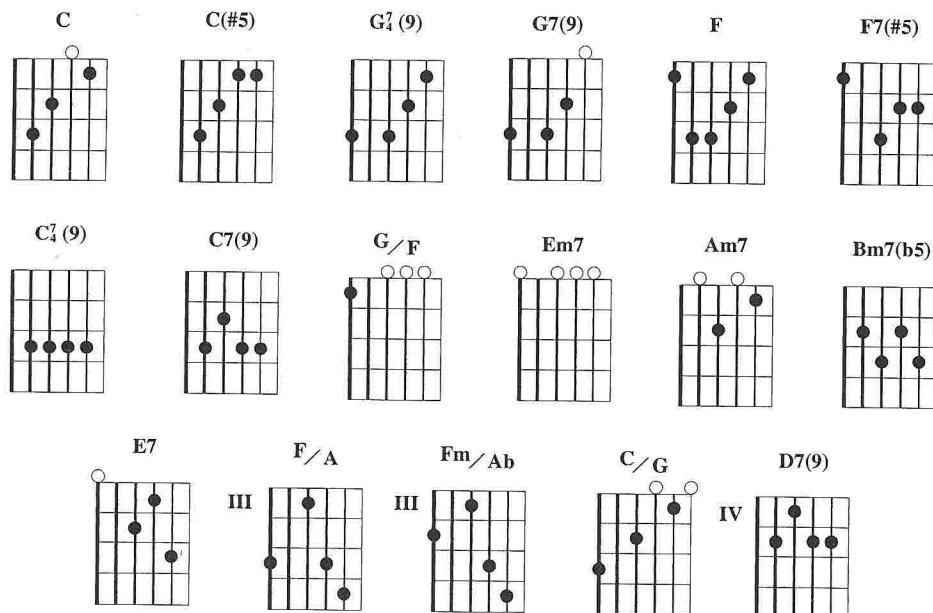
/ C / Dm / Am E7 Am / E7 /
milho bem-fei—to... E o jei—to?... E o modo dela mer–car? Bem-feito é o acaçá

Am / E7 / Am / E7/B / Am / D#º
de lei——te Bem-feito é o acaçá Bem-feito é o corpinho de——la Bem-feito

/ E7 / / / Am / C / Dm / Am /
como aca–çá — Acaçá de milho bem-fei—to... E o jeito?... E o modo dela

Dm
mercar?

E7
Am
E7
Am
E7/B
Am
D#°
E7
Am
C
Dm
E7
Am

Acalanto

DORIVAL CAYMMI

C / / / C(#5) / / / G_4^7(9) / G7(9) / C / / / F / / / F(#5) / / /
É tão tar——de... A ma—nhã já vem To—dos dor——mem

C_4^7(9) / C7(9) / F / / / G/F / / / Em7 / Am7 / Bm7(b5) / E7 /
A noi—te tam—bém... Só eu ve——lo... por vo—cê, meu

Am7 / / / F/A / Fm/Ab / C/G / Am7 / D7(9) / / / G_4^7(9) / G7(9) / C /
bem Dor——me, an———jo O boi pe—ga ne—ném Lá,

/ / C(#5) / / / G_4^7(9) / G7(9) / C / / / F / / / F(#5) / / /
no céu, dei—xam de can—tar Os an——ji———nhos

C_4^7(9) / C7(9) / F / / / G/F / / / Em7 / Am7 / Bm7(b5) / E7 / Am7 / / /
fo——ram se dei–tar Ma——mãe——zi——nha pre—ci———sa descan–sar

F/A / Fm/Ab / C/G / Am7 / D7(9) / / / G_4^7(9) / G7(9) / C / C(#5) /
Dor——me, an———jo Pa—pai vai lhe ni—nar... "Boi, boi,

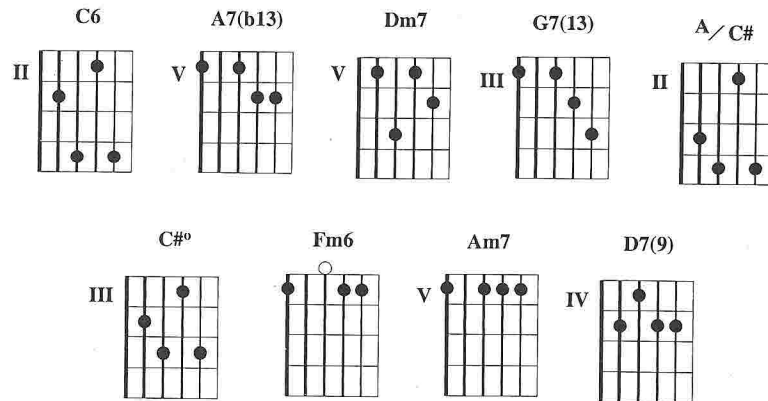
C / / / F/C / / / G_4^7(9) / / / G7(9) / / / G_4^7(9) / / / G7(9) /
boi Boi da ca—ra pre——ta Pegue es–sa me—ni——na Que tem me——do

/ / C / / / / / C(#5) / C / / / F/C / / G_4^7(9) / / / G7(9) / /
de ca—re—ta" "Boi, boi, boi Boi da ca—ra pre———ta Pegue essa

/ G_4^7(9) / / / G7(9) / / / C / / /
me—ni——na Que tem me——do de ca—re—ta"

canção de ninar
C
C (♯5)
G 7/4(9)
G 7(9)
C
F
F (♯5)
C 7/4(9)
C 7(9)
F
G/F
E m7
A m7
B m7(♭5)
E 7
A m7
F/A
F m/A♭
C/G
A m7
D 7(9)
G 7/4(9)
G 7(9)
C
C (♯5)
C
F/C
G 7/4(9)
G 7(9)
G 7/4(9)
G 7(9)
1 C
2 C

Acontece que eu sou baiano

DORIVAL CAYMMI

C6 / A7(b13) / Dm7 / G7(13) / C6 / A7(b13)
Acontece que eu sou baia——no Acontece que ela não é Acontece que eu

/ Dm7 / G7(13) / C6 A7/C# Dm7 G7(13)
sou baia——no Acontece que ela não é Mas tem um requebrado pro

C6 C#º Dm7 G7(13) C6 A7/C# Dm7 G7(13)
la——do Minha Nossa Senho——ra! Meu Senhor São José! Tem um requebrado

C6 C#º Dm7 G7(13) C6 / A7(b13)
pro la——do Minha Nossa Senho——ra! Ninguém sabe o que é Há tanta

/ Dm7 / Fm6 / C6 / A7(b13)
mulher no mun——do Só não casa quem não quer Por que é que eu

/ Dm7 / Fm6 / C6 / Am7 /
vim de lon——ge Pra gostar desta mulher? Por que é que eu vim de

D7(9) / / / G7(13) / Dm7 G7(13) C6
lon——ge Pra gostar desta mulher? Essa que tem um requebrado pro la——do

C#º Dm7 G7(13) C6 A7/C# Dm7 G7(13)
Minha Nossa Senho——ra! Meu Senhor São José! Essa que tem um requebrado

C6 C#º Dm7 G7(13) C6 / A7(b13)
pro la——do Minha Nossa Senho——ra! E ninguém sabe o que é Acontece que

/ Dm7 / G7(13) / C6 / A7(b13) / Dm7 /
eu sou baia——no Acontece que ela não é Acontece que eu sou baia——no

G7(13) / C6 A7/C# Dm7 G7(13) C6 C#º
Acontece que ela não é Tem um requebrado pro la——do Minha Nossa

Dm7 G7(13) C6 A7/C# Dm7 G7(13) C6
Senho——ra! Meu Senhor São José! Tem um requebrado pro la——do Minha

C#º Dm7 G7(13) C6 / A7(b13) / Dm7 /
Nossa Senho——ra! E ninguém sabe o que é Já plantei na minha por——ta

Fm6 / C6 / A7(b13) / Dm7 / Fm6 /
Um pezinho de Guiné Já chamei um Pai——de-san——to Pra benzer essa mulher

C6 / Am7 / D7(9) / / / G7(13) / Dm7
Já chamei um Pai——de-san——to Pra benzer essa mulher Essa que tem

G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13) C6 A7/C#
um requebrado pro la——do Minha Nossa Senho——ra! Meu Senhor São José!

Dm7 G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13)
Essa que tem um requebrado pro la——do Minha Nossa Senho——ra! E ninguém sabe

C6 / A7(b13) / Dm7 / G7(13) / C6 /
o que é Acontece que eu sou baia——no Acontece que ela não é

A7(b13) / Dm7 / G7(13) / C6 A7/C# Dm7
Acontece que eu sou baia——no Acontece que ela não é Tem um

G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13) C6 A7/C#
requebrado pro la——do Minha Nossa Senho——ra! Meu Senhor São José!

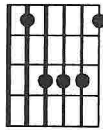
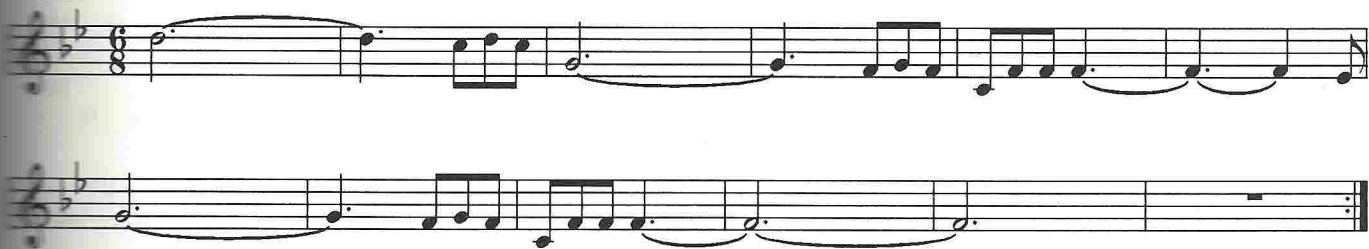
Dm7 G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13) C6
Tem um requebrado pro la——do Minha Nossa Senho——ra! E ninguém sabe o que é

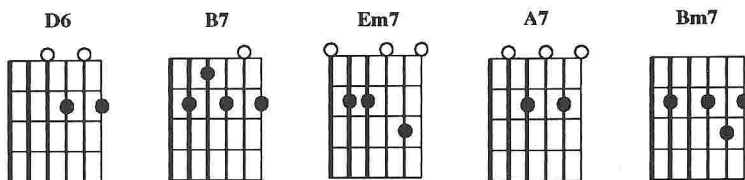
C#º Dm7 G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13) C6 C#º Dm7
E ninguém sabe o que é E ninguém sabe o que é

G7(13) C6 C#º Dm7 G7(13) C6
E ninguém sabe o que é E ninguém sabe o que é

C 6
A 7(♭13)
D m7
F m6
C 6
A 7(♭13)
D m7
F m6
C 6
A m7
D 7(9)
G 7(13)
D m7
G 7(13)
C 6
C♯°
D m7
G 7(13)
C 6
A 7/C♯
D m7
G 7(13)
C 6
C♯°
D m7
G 7(13)
C 6
Ao 𝄋 2 vezes e 𝄌
𝄌
C 6
C♯°
D m7
G 7(13)
Fade Out

Canto de Nanã

DORIVAL CAYMMI

Adalgisa

DORIVAL CAYMMI

D6 / B7 / Em7 / A7 / D6 / Bm7
Adalgisa man–dou dizê Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva

/ Em7 / A7 / D6 / B7 / Em7
ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—-da lá Adalgisa man—dou dizer Que a

/ A7 / D6 / Bm7 / Em7 / A7
Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva

/ D6 / B7 / Em7 / A7 / D6
ain—da lá Com a graça de Deus in—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá

/ Bm7 / Em7 / A7 / D6 / B7
Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Adalgisa man—dou

/ Em7 / A7 / D6 / Bm7 / Em7
dizer Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que

/ A7 / D6 / B7 / Em7 / A7 /
a Bahia tá viva ain—da lá Adalgisa man–dou dizer Que a Bahia tá viva ain—da

D6 / Bm7 / Em7 / A7 / D6 /
lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Com a graça

B7 / Em7 / A7 / D6 / Bm7 /
de Deus in—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da

Em7 / A7 / D6 / B7 / Em7 /
lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que nada mu–dou ain—da lá Que a Bahia

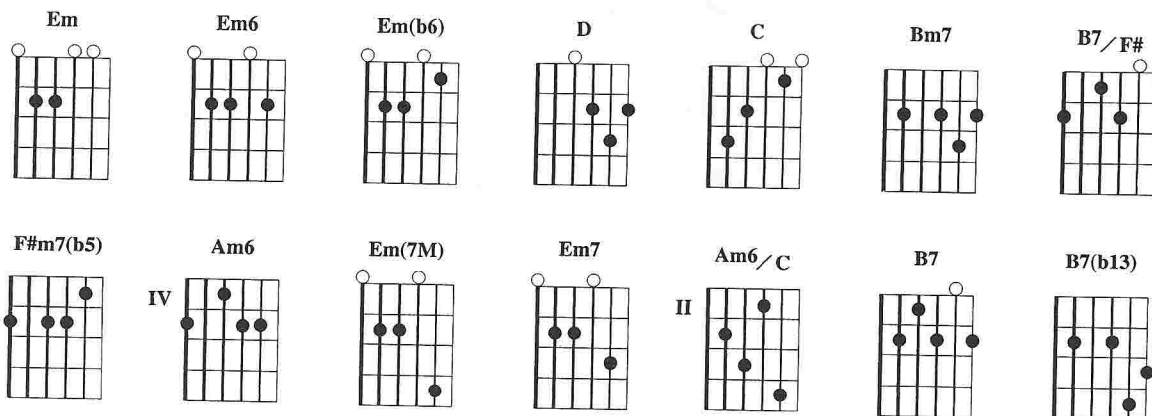
A7 / Em7 / Bm7 / Em7 / A7 /
tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da

D6 / Bm7 / Em7 / A7 / D6 /
lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que a Bahia tá viva ain—da lá Que nada

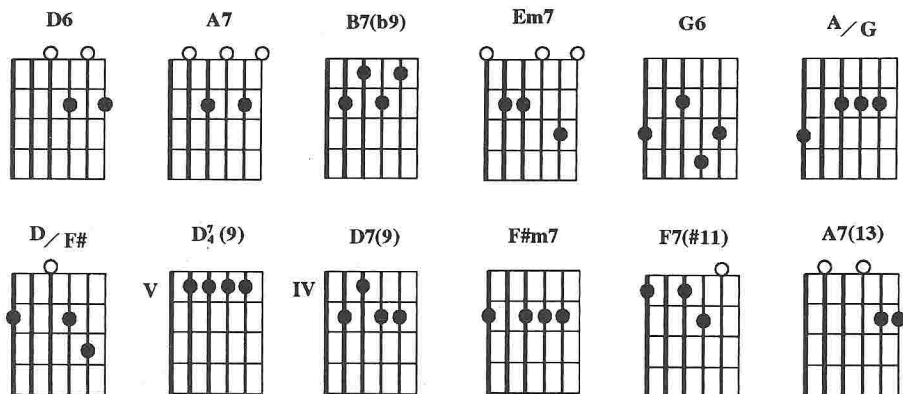
B7 / Em7
mu–dou in—da lá

samba
D6
B7
Em7
A7
D6
Bm7
Em7
A7
D6
B7

A lenda do Abaeté

DORIVAL CAYMMI

Em / Em6 Em(b6) Em / Em6
No Abae–té tem uma lagoa escu———ra No Abae–té tem uma lagoa escu———ra
Em(b6) Em / Em6 Em(b6) Em / / /
Arrodi–ada de areia bran———ca Arrodi–ada de areia bran——ca Ô de areia
/ / /
bran——ca Ô de areia bran——ca
canção praieira
rubato
a tempo
Fim
lento
Ao e Fim

A Mãe d'Água e a menina

DORIVAL CAYMMI

/ D6 / A7 / D6 / / / / / B7(b9) / Em7 / A7
Estou can–sado de an–dar na arei——a Estou cansado de na a–reia andar

/ G6 / A/G / D/F# / B7(b9) / Em7 / A7 / D$^{7}_{4}$(9) / D7(9)
Procu–rando, eu mais Si—nhazi———nha A me–ni——na–zi———nha que su–miu no mar

/ G6 / A/G / D/F# / B7(b9) / Em7 / A7 / D6 / /
Procu–rando, eu mais Si—nhazi———nha A me–ni——nazi———nha que su–miu no mar

/ Em7 / A7 / F#m7 / F7(#11) / Em7 / A7 / D6 /
A Mãe d'Água le–vou a me–ni——na A Mãe d'Água le–vou a me–ni–na

/ / G6 / A7 / D/F# / F7(#11) / Em7 / A7 / D6 / A7(13) / D6 /
Le—vou, le—vou, le—vou Le—vou, le—vou, le—vou Estou can–sado, eu

A7 / D6 / / / / / B7(b9) / Em7 / A7 / G6
mais Si–nha–zi——nha De andar na areia, de na a–reia andar De re–pente

/ A/G / D/F# / B7(b9) / Em7 / A7 / D$^{7}_{4}$(9) / D7(9) /
nós vimo a meni———na Toda en–fei——tadi———nha no mes–mo lu—gar De

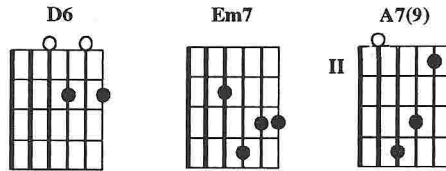
G6 / A/G / D/F# / B7(b9) / Em7 / A7 / D6 / /
re–pente nós vimo a meni———na Toda en–fei———tadi———nha no mes–mo lu—gar

/ Em7 / A7 / F#m7 / F7(#11) / Em7 A7 /
A Mãe d'Água vol–tou com a me–ni——na A Mãe d'Água vol–tou com a

D6 / / / G6 / A7 / D/F# / F7(#11) / Em7 / A7 / D6
me–ni—na Vol–tou, vol–tou, vol–tou Vol–tou, vol–tou, vol–tou

marcha
D6
A 7(9)
D6
D6
B 7(♭9)
Em7
A 7
G6
A/G
D/F♯
B 7(♭9)
Em7
A 7
D7 4(9)
D 7(9)
G6
A/G
D/F♯
B 7(♭9)
Em7
A 7
D6
3
Em7
A 7
F♯m7
F 7(♯11)
Em7
A 7
D6
3
3
3
3
3
G6
A 7
D/F♯
F 7(♯11)
Em7
A 7
1
D6
A 7(13)
2
D/F♯
F 7(♯11)
Em7
A 7
D6

Anjo da noite

DANILO CAYMMI E DORIVAL CAYMMI

/ / **D6 /** **/ / / /** **/** **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **Em7 / / /**
O anjo da noi—te Passou por a–qui E eu pergun–tei

A7(9) / **/** **/** **D6 / / / / /** **/ /** **/ /** **/ / / /** **/** **/** **Em7 / / /**
Que viu por a–í O anjo da noi—te Passou por a–qui

A7(9) / **/** **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **D6 / / / /** **/** **/** **/** **/ /**
E eu pergun–tei Que viu por a–í Perguntei pela flor,

/ / / **/** **/ /** **Em7** **/ / / /** **/** **/** **/** **A7(9) / / /** **Em7** **/** **/ /** **/**
oiá Perguntei pelo a–mor, oiá Perguntei pela dor, oiá Ele disse que viu,

/ **A7(9)** **/** **D6 /** **/ /** **/ /** **/ / / /** **/** **/** **Em7 / / / A7(9) /**
mas fin–giu que não viu O anjo da noi—te Passou por a–qui

/ **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **D6 / / / / /** **/ /** **/** **/ / / / /**
E eu pergun–tei Que viu por a–í O anjo da noi—te

/ **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **D6 / / / /**
Passou por a–qui E eu pergun–tei Que viu por a–í

/ **/** **/** **/** **/ / / / /** **/** **/** **/** **Em7 / / / /** **/** **/** **/** **A7(9) / / /** **Em7**
Perguntei pela flor, oiá Perguntei pelo a–mor, oiá Perguntei pela dor, oiá

/ **/ /** **/** **/** **A7(9)** **/** **D6 /** **/ /** **/ /** **/ / / /** **/** **/**
Ele disse que viu, mas fin–giu que não viu O anjo da noi—te Passou por

Em7 / / / A7(9) / **/** **/** **Em7 / / / A7(9) /** **/** **/** **D6 / / / / /**
a–qui E eu pergun–tei Que viu por a–í

toada

D 6
E m7
A 7(9)
E m7
A 7(9)
D 6
E m7
A 7(9)
E m7
E m7
A 7(9)
D 6
D 6
E m7
A 7(9)
E m7
A 7(9)
D 6

A preta do acarajé

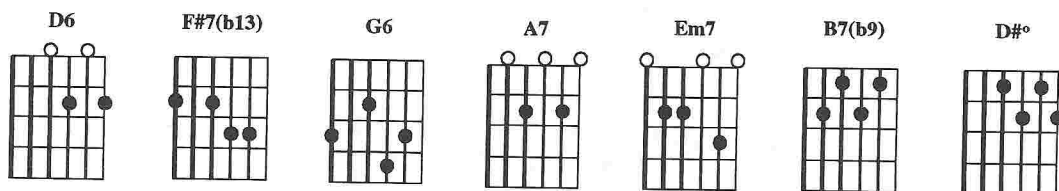
DORIVAL CAYMMI

rubato
D m
3
G m7
3
B♭/F
3
A 7/E
A 7
3
D m
D m6
D m
3
G m7
3
B♭/F
3
A 7/E
A 7
3
D
A 7
D 6
a tempo (samba)
E m
A 7
D 6
E m
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6

Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Em7
A7
D6
Dm
lento (rubato)
Gm7
B♭/F
A7/E
A7
Dm

D m6

A vizinha do lado

DORIVAL CAYMMI

D6 / / / F#7(b13) / G6 / A7 /
A vi–zinha quan—do pas—sa Com seu ves–tido grená Todo mundo diz que

Em7 / A7 / D6 / / / Em7 /
é bo——a Mas como a vi–zinha não há Ela mexe com as cadei——ras, pra cá

A7 / D6 / / / Em7 / A7
Ela mexe com as cadei——ras, pra lá Ela mexe com o juí——zo Do homem que vai

/ D6 / / / / / F#7(b13) / G6 /
tra—balhar A vizinha quan—do pas—sa Com seu ves–tido grená Todo

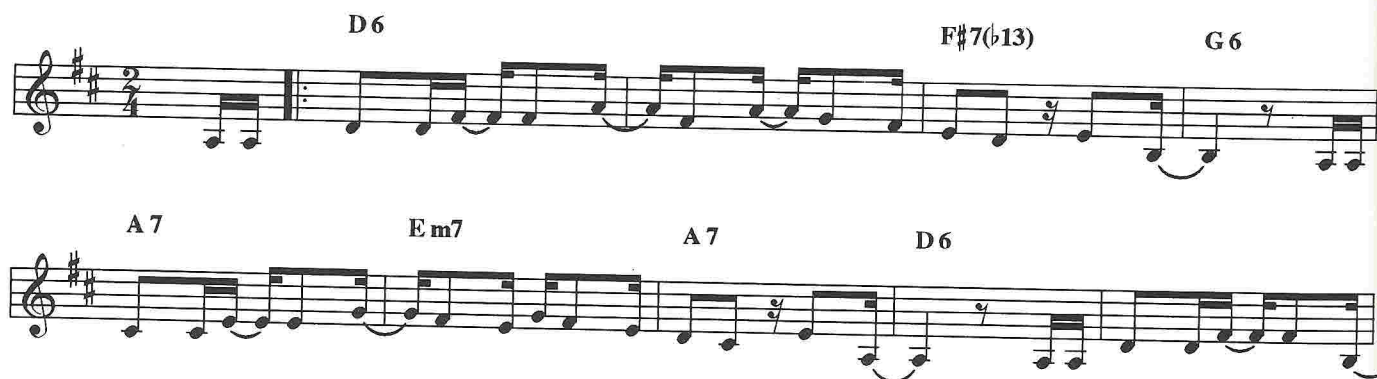
A7 / Em7 / A7 / D6 / / /
mundo diz que é bo——a Mas como a vi–zinha não há Ela mexe com as

Em7 / A7 / D6 / / / Em7
cadei——ras, pra cá Ela mexe com as cadei——ras, pra lá Ela mexe com o juí——zo

/ A7 / D6 / B7(b9) / Em7 / A7
Do homem que vai tra—balhar Há um bocado de gen——te Na mesma

/ D6 / D#º / Em7 / A7 / D6 / D#º
situa–ção Todo mundo gos—ta de——la Na mesma do—ce ilusão A vi–zinha

/ Em7 / A7 / D6 / / / Em7
quan—do pas——sa Que não liga pra ninguém Todo mundo fi—ca lou——co E

/ A7 / D6
o seu vi–zinho... também

E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6
B 7(♭9)
E m7
A 7
D 6
D♯°
E m7
A 7
D 6
D♯°
E m7
A 7
D 6
E m7
A 7
D 6

Balada do rei das sereias

DORIVAL CAYMMI E MANUEL BANDEIRA

A 7M(9) D m6/A D m6/E

F♯m7 E 7/4 A° A 7M(6)

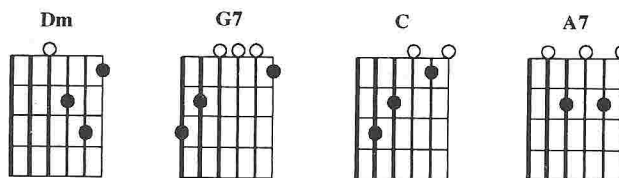
D m6/A E 7/4 A° A 7M(9) A m7(9)

D m7 A m7

A m/G F 7M E 7(♭9) A 7M(9)

D.C.

Balaio grande

DORIVAL CAYMMI E OSVALDO SANTIAGO

Dm G7 C A7 Dm G7 C A7 Dm
Oi a nega do ba–laio gran—de Ô do ba–laio Ô do ba–laio gran—de Ô do

G7 C A7 Dm G7 C / Dm G7 C
ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de Olha a nega do ba–laio gran—de Ô do

A7 Dm G7 C A7 Dm G7 C A7 Dm G7
ba–laio Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio

C / / / / / / / C /
gran—de No balaio des—sa ne—ga Não se sabe o que é que tem Essa

/ / G7 / / / C / Dm G7 C
nega tem segre—do Que não conta pra ninguém Oi a nega do ba–laio gran—de

A7 Dm G7 C A7 Dm G7 C A7 Dm
Ô do ba–laio Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de Ô do

A7 C Dm G7 C A7 Dm G7 C
ba–laio gran—de Olha a nega do ba–laio gran—de Ô do ba–laio Ô do ba–laio gran—de

A7 Dm G7 C A7 Dm G7 C / / / G7
Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de Lá na feira a—pare—ce

/ / / C / / / G7 / / /
Muito cesto e sam—burá Mas balaio assim, ô ne—ga! Todos dizem que não

C / Dm G7 C A7 Dm G7 C A7
há Olha a nega do ba–laio gran—de Ô do ba–laio Ô do ba–laio gran—de

Dm G7 C A7 Dm G7 C / Dm G7
Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de Olha a nega do ba–laio

C A7 Dm G7 C A7 Dm G7 C A7 Dm
gran—de Ô do ba–laio Ô do ba–laio gran—de Ô do ba–laio gran—de

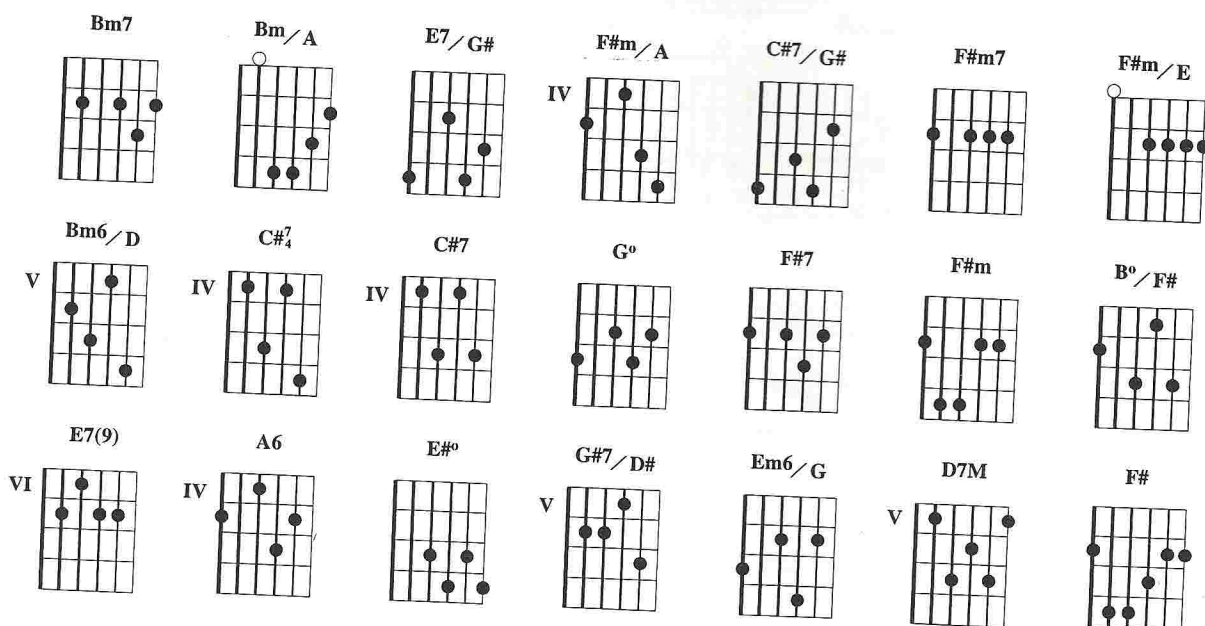
G7 C
Ô do ba–laio gran—de

Dm
G7
C
A7
Dm
G7
C
A7
Dm
G7
C
A7
1
Dm
G7
C
2
Dm
G7
C
C
G7
C
G7
C
Ao

Beijos pela noite

DORIVAL CAYMMI, JORGE AMADO E CARLOS LACERDA

/ E7(9) / / / A6 / / / E#º / / / F#m7
fati–gado Da saudade dos ca–minhos E en–tão sob a lembrança dos meus beijos

/ F#m/E / G#7/D# / / / Bm6/D / C#7 / Bm7 / Bm/A / E7/G# /
Nosso a–mor adole–cente Poderá recome–çar A———qui O

/ / F#m/A / / C#7/G# F#m7 / F#m/E / Bm7 / Bm6/D /
teu corpo nos meus bra———ços Nossos passos pela es–tra——da

C#$^7_4$ / C#7 / Em6/G / F#7 / Bm7 / Bm/A / E7/G# / / /
Nossos beijos pela noi———te E a lu——a Pelos campos minha

F#m/A / / C#7/G# F#m7 / F#m/E / Bm7 / Bm6/D / C#$^7_4$ / C#7
a–ma———da Pelos bosques, pelas á———guas Acom–panha o

/ D7M / / / Bm7 / / / F# / / / / / / / /
nosso a–mor

F♯m/A / / C♯7/G♯
F♯m7
F♯m/E
B m7
B m6/D
C♯7 4
C♯7
E m6/G
F♯7
B m7
B m/A
E 7/G♯
F♯m7 / / C♯7/G♯
F♯m7
F♯m/E
B m7
B m6/D
C♯7 4
C♯7
D 7M
B m7
F♯

Modinha para Teresa Batista

DORIVAL CAYMMI E JORGE AMADO

Canção antiga

DORIVAL CAYMMI

G m
A 7
D m
D 7
G m
D m/F
G m
G m(7M)
E m7(♭5)
A 7(♭13)
G m6/D
D m

Canto de Obá

DORIVAL CAYMMI E JORGE AMADO

Bm7(b5) / / / / / / / **Am7** **Bm7(b5)** **Am7** / / / / / / /
a–miga! Stella estrela da minha can–tiga a–mor rece–bi, ai! Por

/ **G** / **F** / **Am7** / **Bm7(b5)** / **Am7** /
ser teu O–bá Onikoy–i Por não mere–cer, ser merece–dor De tanta Stella, estrela de

Bm7(b5) / / / / / / / / **Am7** / / / / / / /
a–mor, ai Meu pai Xangô É meu pai Xangô É meu pai É meu pai

/ / **Bm7(b5)** **Bb7M** **Bm7(b5)** **Bb7M** **Bm7(b5)** **Bb7M**
Xangô É meu pai É meu pai Xan–gô É meu pai É meu pai

Bm7(b5) / **Am7** / / / / / / / / / /
Xan–gô É meu pai Meu pai Xangô É meu pai Xangô É meu pai É

/ / **Bm7(b5)** **Bb7M** **Bm7(b5)** **Bb7M** **Bm7(b5)** **Bb7M**
meu pai Xangô É meu pai É meu pai Xan–gô É meu pai É meu

Bm7(b5) / **Am7**
pai Xan–gô É meu pai

A m7
B m7(♭5)
A m7
D.C.
G
F
A m7
B m7(♭5)
A m7
B m7(♭5)
A m7
B m7(♭5)
B♭7M
B m7(♭5)
B♭7M
B m7(♭5)
B♭7M
B m7(♭5)
A m7
B m7(♭5)
E 7 4(♭9)
B m7(♭5)
E 7 4(♭9)
A m7
B m7(♭5)
A m7
B m7(♭5)
A m/F♯

O que é que eu dou?

DORIVAL CAYMMI E ANTONIO ALMEIDA

...Das rosas

DORIVAL CAYMMI

D6/9 / A7(13) / D6/9 / / / D6/F# / / B7(b9)
Nada co—mo ser rosa na vi—da Rosa mes——mo Ou mesmo rosa

Em7 / F7(#11) / Em7 / / / / / / / / /
mulher To——dos querem muito bem à ro—sa Quero eu Todo

A7 / F#m7 B7(b9) Em7 A7 Am7 / D7(9) /
mundo tam—bém quer Um ami—go meu disse que

Am7 / D7(9) / G7M / F#m7 / Em7 / A7(13) A7(b13) D6/9
em sam———ba Can——ta-se melhor flor e mu–lher

/ Am6/C / B7/4 / B7(b13) / Em7 / A7
E que tenho ro————sas co—mo te—ma Canto no compas——so

/ D6/9 / A7(b9) / D6/9 / / A7(#5) / / F#m7(b5) / / B7(b9) / / Em7 / /
que quiser Rosas, ro——sas, ro————sas Ro——sas for–mo—sas São

/ / / Bm7 / / / / / Am/C / / / / / Em/B / / / / / Gm/Bb / / /
ro–sas de mim Ro——sas a me confun–dir Ro———sas a te

/ / D/A / / A7/4(9) / / D/A / / Gm/A / / D6/9 / / A7(b9) / / D6/9 /
confun–dir Com as ro—sas, as ro———sas, as ro——sas de a—bril Rosas,

samba

D6/9 A 7(13) D6/9 D 6/F♯

D 6/F♯ B 7(♭9) E m7 F 7(♯11) E m7

A 7 F♯m7 B 7(♭9)

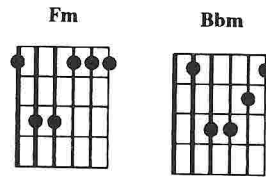
E m7 A 7 A m7 D 7(9) A m7 D 7(9)

G 7M F♯m7 E m7 A 7(13) A 7(♭13) D6/9

A m6/C B7/4 B 7(♭13) E m7 A 7

D 6/9
A 7(♭9)
(♪=♩♪)
valsa
D 6/9
A 7(♯5)
F♯m7(♭5)
B 7(♭9)
E m7
B m7
A m/C
E m/B
G m/B♭
D/A
A 7/4(9)
D/A
1
G m/A
D 6/9
A 7(♭9)
2
G m/A
D 6/9
D/F♯
B m7
F♯m7
A m7
E m7
G m6/B♭
A 7
F♯m7(♭5)
B 7(♭9)
E m7
A 7(♯5)
D 6/9

Retirantes

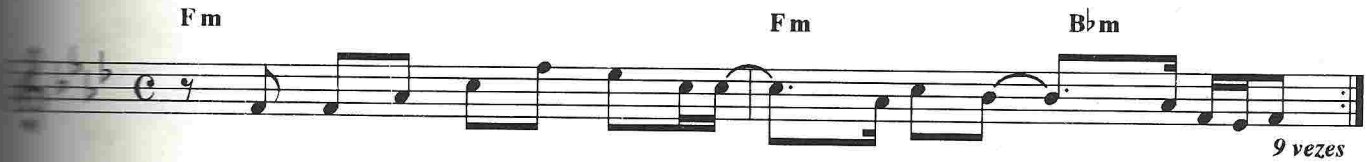
DORIVAL CAYMMI E JORGE AMADO

Fm / / / / / Bbm / Fm / / /
Vida de nego é difí—cil É difí———cil como quê Eu quero mor–rer de

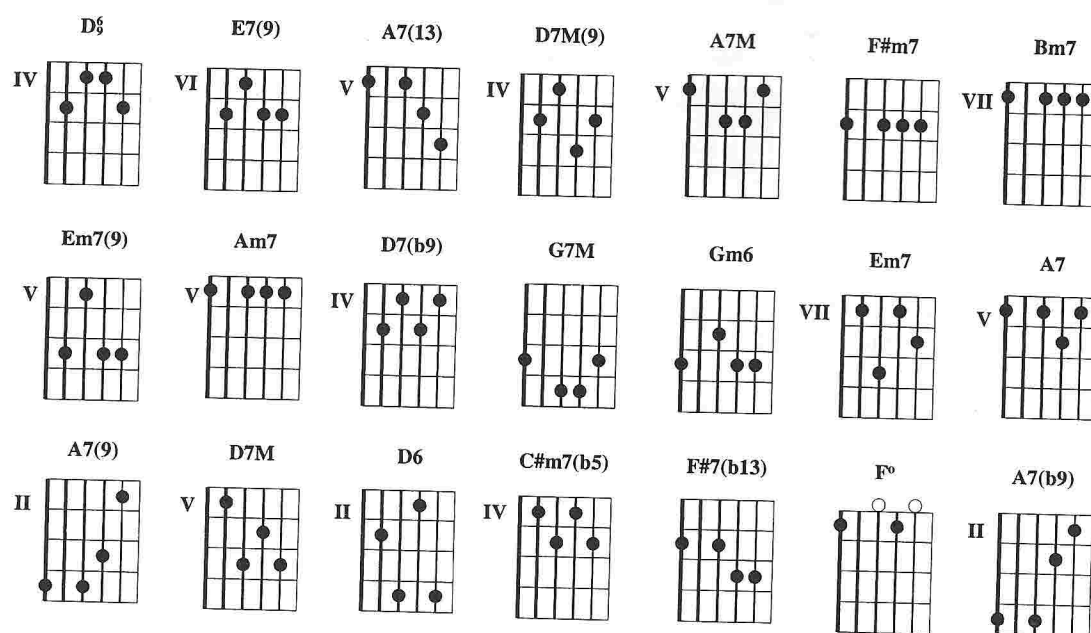
/ / Bbm / Fm / / / / / Bbm
noi—te, na toca———ia me matar Eu quero mor–rer de açoi—te se tu, ne———ga,

/ Fm / / / / / / Bbm / Fm / /
me deixar Vida de nego é difí—cil É difí———cil como quê Meu a–mor,

/ / / Bbm / Fm / / /
eu vou mimbo—–ra Nessa ter———ra vou morrer O dia eu não vou mais ver,

/ / Bbm / Fm / / / / / / Bbm
nunca mais eu vou te ver Vida de nego é difí—cil É difí———cil

/
como quê

Doralice

DORIVAL CAYMMI E ANTONIO ALMEIDA

D^{6}_{9} / E7(9) / A7(13) / D^{6}_{9} /
Dora–lice, eu bem que lhe dis——se Amar é toli——ce, é boba—gem é ilusão

D7M(9) / A7M F#m7 Bm7 E7(9) Em7(9)
Eu pre–firo viver tão sozi——nho Ao som do lamento do meu vi–olão

A7(13) D^{6}_{9} / E7(9) / A7(13)
Dora–lice, eu bem que lhe dis——se Olha essa embrulha——da em que vou

/ Am7 D7(b9) G7M Gm6 F#m7 B7(b9) Em7
me meter Ago——ra, amor, Dora–lice, meu bem Como é que

A7 D^{6}_{9} / Em7 A7(9) D7M D6 C#m7(b5)
nós vamos fazer? Um belo dia você me surgiu Eu quis fu–gir

F#7(b13) Bm7 / Em7 A7(9) D7M F° Em7
mas você insistiu Alguma coisa bem que an–dava me avi–sando Até pa–rece

A7(9) D7M F° Em7 A7(9) D7M
que eu es–tava adivi–nhando Eu bem que não que–ria me ca–sar conti——go

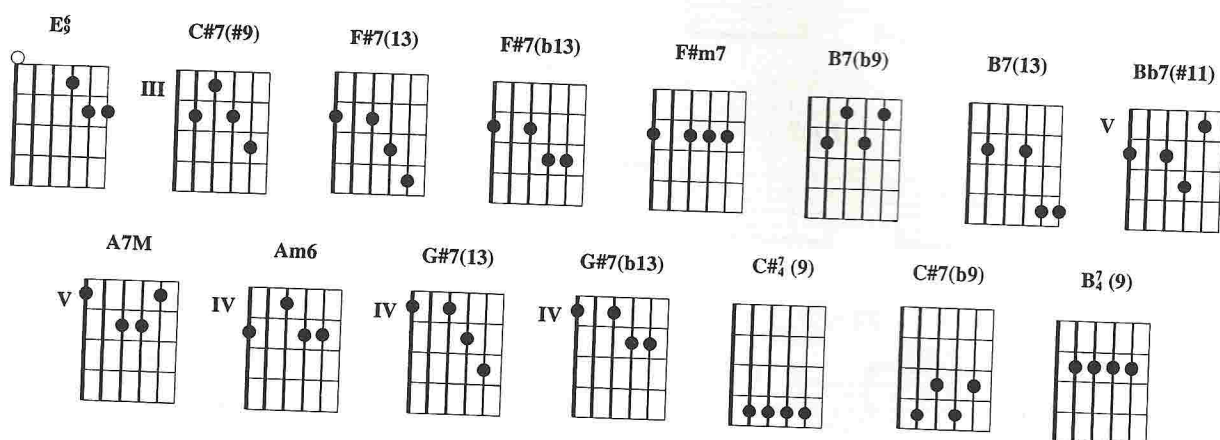
F° Em7 A7(9) Am7 D7(b9) G7M Gm6
Bem que não que–ria enfren–tar este pe–rigo, Dora–lice A–gora você tem que me

F#m7 B7(b9) Em7 A7(b9) D^{6}_{9}
di——zer Como é que nós vamos fazer

D 6/9 E 7(9) A 7(13) D 6/9
D 7M(9) A 7M F♯m7 B m7 E 7(9) E m7(9) A 7(13)
D 6/9 E 7(9) A 7(13) A m7 D 7(♭9)
G 7M G m6 F♯m7 B 7(♭9) E m7 A 7 1 D 6/9
2 D 6/9 E m7 A 7(9) D 7M D 6 C♯m7(♭5) F♯7(♭13)
B m7 E m7 A 7(9) D 7M F° E m7 A 7(9)
D 7M F° E m7 A 7(9) D 7M F° E m7 A 7(9)
A m7 D 7(♭9) G 7M G m6 F♯m7 B 7(♭9) E m7 A 7(♭9) D 6/9

Eu cheguei lá

DORIVAL CAYMMI

samba
Em7
A 7
D 6
D 6/F♯
F°
Em7
A 7
D 6
Em7
A 7
Em7
A 7
D 6
A 7
D 6
1
D 6/F♯
F°
2
D 6/F♯
F°
Ao

Maracangalha

DORIVAL CAYMMI

E6/9 / C#7(#9) / F#7(13) / F#7(b13) / F#m7 /
Eu vou pra Maracan–galha Eu vou Eu vou de "liforme "

B7(b9) / E6/9 / B7(13) / E6/9 / C#7(#9) / F#7(13) / F#7(b13) /
branco Eu vou Eu vou de chapéu de palha Eu vou

F#m7 / B7(b9) / E6/9 / Bb7(#11) / A7M /
Eu vou convidar A–nália Eu vou Se Aná——lia não quiser

Am6 / G#7(13) G#7(b13) C#7/4 (9) C#7(b9) F#7(13) F#7(b13) B7/4 (9)
ir, eu vou só Eu vou só Eu

B7(b9) E6/9 / Bb7(#11) / A7M / Am6 / G#7(13) G#7(b13)
vou só Se Aná——lia não quiser ir, eu vou só

C#7/4 (9) C#7(b9) F#7(13) F#7(b13) B7/4 (9) B7(b9) E6/9 / B7(13) /
Eu vou só Eu vou só sem A-nália, mas eu vou

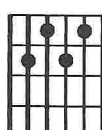
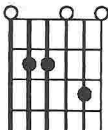
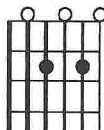
samba

E 6/9
B♭7(♯11)
A 7M
A m6
G♯7(13) G♯7(♭13)
C♯7/4(9)
C♯7(♭9)
F♯7(13) F♯7(♭13)
B 7/4(9)
B 7(♭9)
E 6/9
B♭7(♯11)
A 7M
A m6
G♯7(13) G♯7(♭13)
C♯7/4(9)
C♯7(♭9)
F♯7(13)
F♯7(♭13)
B 7/4(9)
B 7(♭9)
1
E 6/9
B 7(13)
2
E 6/9

Festa de rua

DORIVAL CAYMMI

História pra sinhozinho

DORIVAL CAYMMI

F#m7(b5) / B7(b9) / Em7 / A7 / F#7/A# / B/A / E/G# /
Na ho——ra que o sol se es–conde e o so–no che——ga O si—nho—zi——nho

A/G / D/F# / Bm7 / Em7 / A7 / D / / / F#m7(b5) / B7(b9) /
vai pro—cu–rar Hum, hum, hum... A ve——lha de co——lo

Em7 / A7 / F#7/A# / B/A / E/G# / A/G / D/F# / Bm7 /
quen–te Que canta qua——dras Que con—ta his–tó——rias pa–ra ni—nar

Em7 / A7 / D / / / Em7 A7 D / Em7 A7
Hum, hum, hum... Sinhá Zefa que conta histó——rias Sinhá Zefa sabe agradar

D / Em7 A7 D / Em7 A7 D D7 Em7 /
Sinhá Zefa que quando ni——na A–caba por cochilar Siá Ze——fa vai

A7 / D / B7 / Em7 / A7 / D / G A7 D / / /
mur–mu—rando His–tó—rias pa–ra ni—nar... Peixe é esse, meu filho? —

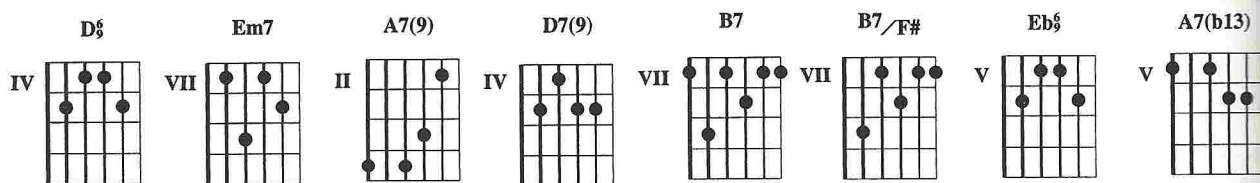
G / / A7 / / / D Bm7
Não, meu pai Peixe é esse, e "mutum mangue–nem" É a co——ca

Em7 A7 D / / A7 / D Gm6 D6
do mato "gue——nem gue–nem" Suê filho, ê... Toca ê ma–rimba, ê...

lento
F♯m7(♭5) B 7(♭9) E m7 A 7 F♯7/A♯ B/A E/G♯ A/G
D/F♯ B m7 E m7 A 7
1. D
2. D
mais rápido
E m7 A 7 D
E m7 A 7 D E m7 A 7 D E m7 A 7
rall
D D 7 E m7 A 7 D B 7 E m7 A 7 D / G A 7
D G A 7 D B m7
E m7 A 7 D 7M D 6 G A/G D/F♯ B m7 E m7 A 7
D E m7 A 7 D G m6 D 6
rall
Ao e
D

Lá vem a baiana

DORIVAL CAYMMI

D6/9 (IV) Em7 (VII) A7(9) (II) D7(9) (IV) B7 (VII) B7/F# (VII) Eb6/9 (V) A7(b13) (V)

D6/9 / / / / / / / / / / /
Lá vem a baia—na de saia rodada, sandália borda—da Vem me convidar para

Em7 / / / / / / / A7(9) / / /
sambar Mas eu não vou Lá vem a baia——na Coberta de contas, pisando

/ / / / / / / / D6/9 / /
nas pontas achando que eu sou o seu Ioiô Mas eu não vou Lá vem a

D7(9) / / / / / B7 /
baia———na mostrando os encantos, falando nos san—tos dizendo que é filha do Senhor do

Em7 / B7 / Em7 / B7/F# B7 Em7 /
Bon–fim Mas, pra cima de mim?! Pode jogar seu quebranto que

/ A7(9) / / / Em7 / / / D6/9 / Em7
eu não vou Po——de invocar o seu santo que eu não vou Pode

A7(9) D6/9 / Em7 A7(9) D6/9 / Em7 A7(9)
es———perar senta—da, bai–ana, que eu não vou Pode es———perar

D6/9 / Em7 A7(9) D6/9 / / / / / B7
senta—da, bai–ana, que eu não vou Não vou porque não pos——so

/ Em7 / / / A7(9) / / / D6/9 /
re—sistir à ten—tação Se ela sambar eu vou sofrer

B7 / / / Em7 / / / Eb6/9 / A7(b13) /
Esse diabo sambando é mais mulher E se eu deixar ela faz o que

D6/9 / / / / / B7 / Em7 / /
bem quer Não vou, não vou, não vou Nem a—marra——do por—que bem sei

/ D6/9 / Em7 A7(9) D6/9
hum hum hum hum hum hum hum hum hum hum hum hum hum

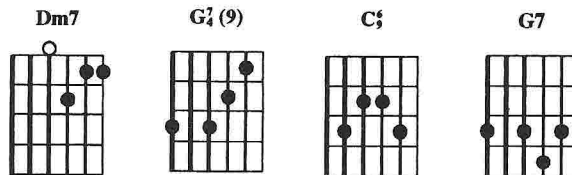
D 6/9
D 7(9)
B 7
E m7
B 7
E m7
B 7/F♯
B 7
E m7
A 7(9)
E m7
A 7(9)
D 6/9
E m7
A 7(9)
D 6/9
E m7
A 7(9)
D 6/9
E m7
A 7(9)
D 6/9
B 7
E m7
A 7(9)
D 6/9
B 7
E m7
E♭ 6/9
A 7(♭13)
D 6/9
B 7
E m7
D 6/9
E m7
A 7(9)
D 6/9
Ao 𝄋

Francisca Santos das Flores

DORIVAL CAYMMI

canção à portuguesa
rubato
A 6
E m6/G
F♯7
B m7
E 7
E$^7_4$
E 7
A 6
1 e 2
3
A 7
D 7M
D♯m7(♭5)
G♯7(♭13)
C♯m7
F♯7(♭13)
B m7
E 7(9)
E m7(9)
A 7
Fade Out

Maricotinha

DORIVAL CAYMMI

Dm7 / / / / / / / **G^7_4 (9)** / **C^6_9**
Se fizé bom tem——po, amanhã Se fizé bom tem——po, amanhã eu vô

/ / / **Dm7** / / / / / / / **G^7_4 (9)** /
Mas, se por exem——po, chuvê Mas, se por exem——po, chuvê, não

C^6_9 / / / **Dm7** / / / / / / /
vô Se fizé bom tem——po, amanhã Se fizé bom tem——po, amanhã

G^7_4 (9) / **C^6_9** / **Dm7** / / / / / /
eu vô Mas, se por exem——po, chuvê Mas, se por exem——po,

/ **G^7_4 (9)** / **C^6_9** / / / **Dm7** / / / **G^7_4 (9)**
chuvê, não vô Di———ga à Maricoti——nha que eu mandei di–zê

/ **C^6_9** / / / **Dm7** / **G7** / **C^6_9** / / / **Dm7** / **G7**
que eu não tô Nem tô Nem vô Nem tô

/ **C^6_9** / / / **Dm7** / / / / / / /
Nem vô Se fizé bom tem——po, amanhã Se fizé bom tem——po, amanhã

G^7_4 (9) / **C^6_9** / / / **Dm7** / / / / / /
eu vô Mas, se por exem——po, chuvê Mas, se por exem——po,

/ **G^7_4 (9)** / **C^6_9** / **Dm7** / / / **G^7_4 (9)** / **C^6_9** /
chuvê, não vô U———ma chu——vinha, redinha, Cotinha Aí, piorou

/ / **Dm7** / **G7** / **C^6_9** / / / **Dm7** / **G7** / **C^6_9** / / /
Nem tô Nem vô Nem tô Nem vô

Dm7 / **G7** / **C^6_9** / / / **Dm7** / **G7** **C^6_9** / **Dm7**
Nem tô Nem vô Nem tô Nem vô Se

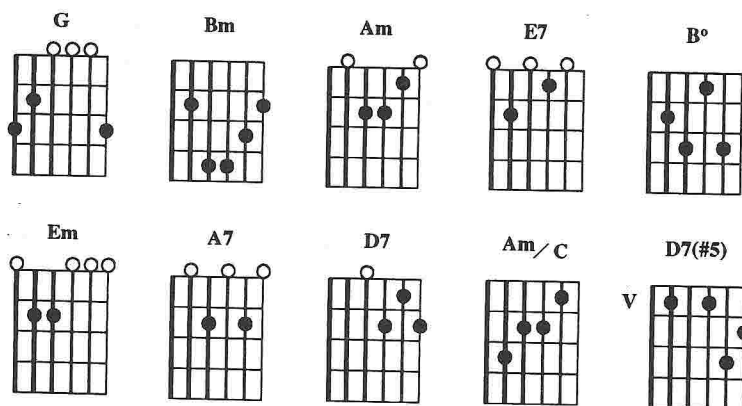
/ / / / / / / **G^7_4 (9)** / **C^6_9** / /
fizé bom tem——po, amanhã Se fizé bom tem——po, amanhã eu vô

/ **Dm7** / / / / / / / **G^7_4 (9)** /
Mas, se por exem——po, chuvê Mas, se por exem——po, chuvê, não vô

C^6_9 / **G7** / **C^6_9** / **G7** / **C^6_9**
Não vô Não vô

...mba
D m7
G 7/4(9)
C 6/9
D m7
G 7/4(9)
C 6/9
1
2
C 6/9
D m7
G 7/4(9)
C 6/9
D m7
G 7
C 6/9
D m7
G 7
C 6/9
D.C.

Melodia do meu bairro

DORIVAL CAYMMI

G / / Bm / / Am / / G / / E7 / / B° / / Am / / /
Eu a—cor—do sem—pre em meu bairro ao som des—ta do—ce canção:

/ / G / / / Em / / /
Merca–dores de peixes, de frutas, de flores de bolas de cores berrantes que parecem

A7 / / / D7 / / / G / / / / / / /
notas Vibrantes, distantes... de uma melo–di—a Oh, melodia do meu

Am / / / B° / / / / / / / Am/C / / / / / / / / /
bair—ro és minha doce inspi—ração... Ou—ço das

/ / G / / / / / / / A7 / / / / / / /
crianças o cantar A cantar, cantar, pelos parques... a

D7 / D7(#5) / G / / / / / / / Am / / / B° / / / /
cantar Oh, melodia do meu bair—ro és

/ / / Am/C / / / / / / / / / / / / G / / /
minha doce inspi—ração Lon—ge do bulício da ci–da—de

/ / / / A7 / / / / / / / D7 / D7(#5) / G
Berço da tranqui—lida—de, do poeta e do amor...

Em
A7
D7
G
Am
B°
Am/C
G
A7
D7
D7(♯5)

Milagre

DORIVAL CAYMMI

A6 Bm7 C#m7 / A6 E7 A6 / F#m7 /
Mau–rino, Da–dá e Ze———ca, ô Embar–caram de manhã Era quarta-fei——ra

Bm7 / E7 A6 / F#m7 / Bm7 /
san———ta Dia de pescar e de pescador Era quarta-fei——ra san———ta Dia

E7 / A6 / / Bm7 C#m7 / A6
de pescar e de pescador Maurino, Da–dá e Ze———ca, ô Embar–caram de

E7 A6 / F#m7 / Bm7 / E7 / A6 /
manhã Era quarta-fei——ra san———ta Dia de pescar e de pescador Era

F#m7 / Bm7 / E7 / A6 / Gm7 C7(9)
quarta-fei——ra san———ta Dia de pescar e de pescador Se sa——be que muda

F6 / Gm7 C7(9) F6 / / /
o tem———po Se sa–be que o tem———po vi———ra Ai, o tempo virou

C7 / / / / / / / / / / /
Maurino que é de guentá, guentou Dadá que é

/ / / / / F6 / E7 / A6 / F#m7 /
de labutá, labutou Zeca, esse nem falou, ô Era só jogar a

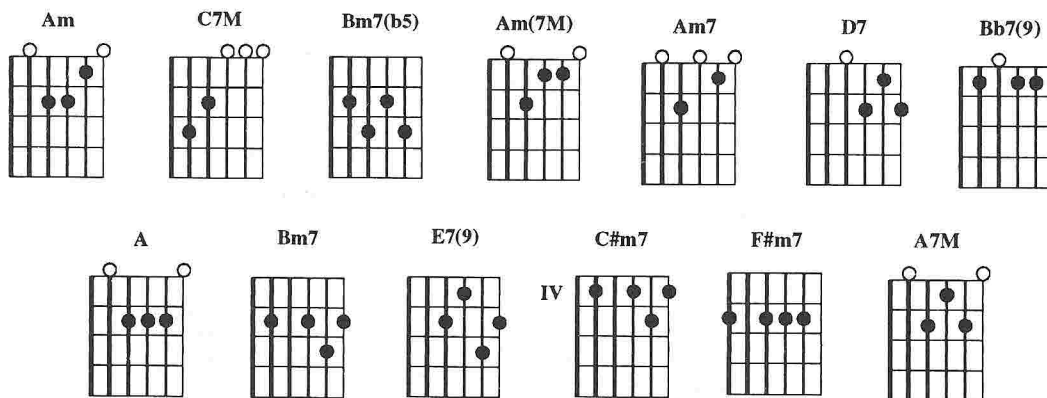
Bm7 / E7 / A6 / F#m7 /
re———de e puxar Era só jogar a re———de e puxar Era só jogar a

Bm7 / E7 / A6 / F#m7 /
re———de e puxar Era só jogar a re———de e puxar Era só jogar a

Bm7 / E7 / A6 /
re———de e puxar Era só jogar a re———de e puxar

A 6
B m7
C♯m7
E 7
F♯m7
1
2
G m7
C 7(9)
F 6
C 7
Ao 𝄋 direto à casa 2

Modinha de Gabriela

DORIVAL CAYMMI

Am / / / C7M / / / Bm7(b5) / / / Am / Am(7M) /
Quando eu vim para esse mun——do Eu não ati–nava em na———da

Am7 / D7 / Bm7(b5) / / / / / / / Bb7(9) / / / Am
Hoje eu sou Gabri–e——————la Gabri–ela ê... meus ca——ma–rada

/ / / A / Bm7 E7(9) C#m7 F#m7 Bm7
Eu nas–ci assim Eu cres–ci assim Eu sou mesmo assim

E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(b9) C#m7 F#m7 Bm7
Vou ser sempre assim —Gabri–ela! Sempre Gabrie————la!

E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) C#m7
Quem me batizou Quem me nomeou

F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) C#m7
Pouco me importou É as–sim que eu sou —Gabri–ela!

F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7
Sempre Gabrie————la! Eu nas–ci assim Eu

E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7
cres–ci assim Eu sou mesmo assim Vou ser sempre assim —Gabri–ela!

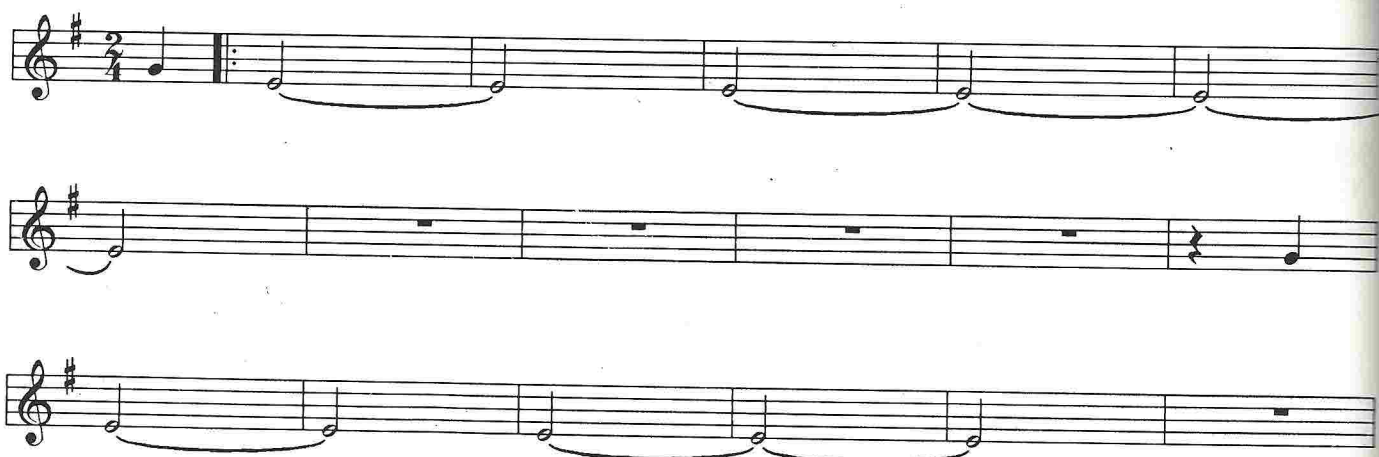
E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7
Sempre Gabrie———la! Quem me batizou

E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9) A7M
Quem me nomeou Pouco me importou É as–sim que eu sou

F#m7 Bm7 E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7 E7(9) A7M
—Gabri–ela! Sempre Gabrie————la!

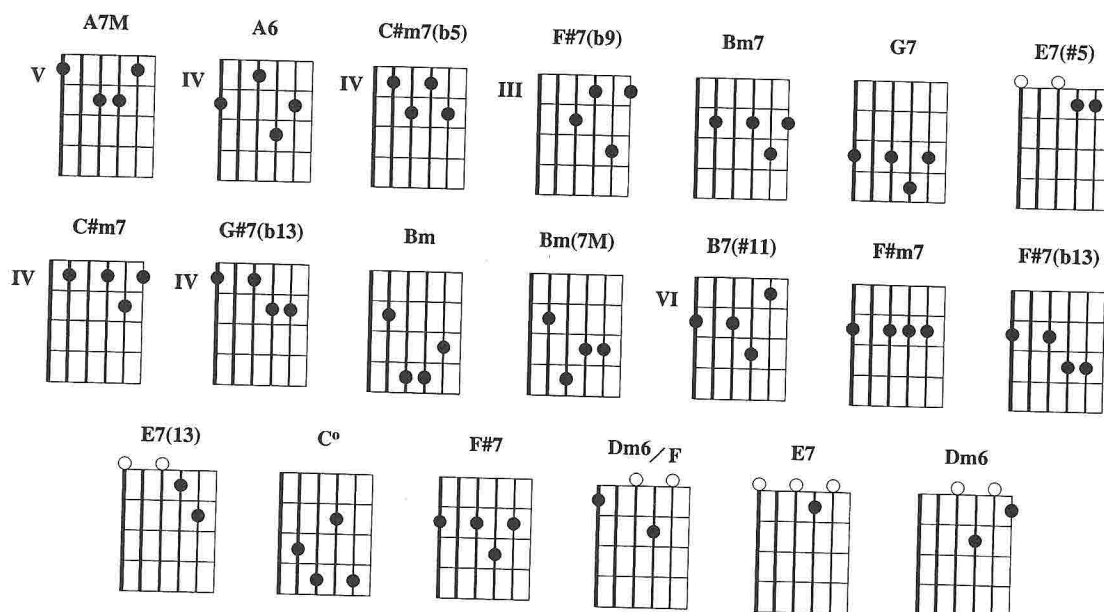
F#m7 Bm7 E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9)
Eu sou sempre igual Não de–sejo o mal Amo natural Ete–cetera

A7M F#m7 Bm7 E7(9) C#m7 F#m7 Bm7 E7(9) A7M F#m7 Bm7
e tal Gabri–ela! Sempre Gabrie——la!
E7(9) Am / / / C7M / / / Bm7(b5) / / /
Quando eu vim para esse mun——do Eu não ati–nava em
Am / Am(7M) / Am / D7 / Bm7(b5) / / / / / / / Bb7(9) /
na———da Hoje eu sou Gabri–e————la Gabri–ela ê... meus
/ Am / / /
ca——ma–rada
rubato
a tempo
1,2 e 3
4 vezes
4
D.C.

Noite de temporal

DORIVAL CAYMMI

C 7
E m6
C 7
3
E m6
A m
E m6
F 6
3
E m6
E m6
Fade Out

Nunca mais

DORIVAL CAYMMI

A7M A6 C#m7(b5) F#7(b9) Bm7 G7 Bm7 / / G7 Bm7
Eu que–ria escre–ver mas de–pois desis–ti Prefe–ri te fa–lar

E7(#5) C#m7 F#7(b9) Bm7 E7(#5) C#m7 G#7(b13) C#m7 F#7(b9) Bm
as–sim, a sós Termi–nar nosso a–mor

Bm(7M) Bm7 / B7(#11) / F#m7 / Bm7 / E7(#5)
Para nós é me–lhor Para mim é me–lhor Con–vém a nós, con–vém a

/ A7M A6 C#m7 F#7(b13) Bm7 / / / /
nós Nunca mais vou que–rer o teu beijo Nunca mais Nunca mais vou

/ E7(13) / A7M / E7(#5) / C#m7 / Cº / Bm7
querer teu a–mor Nunca mais Uma vez, me pediste sor–rin——do Eu vol–tei

F#7(b13) Bm7 / Bm Bm(7M) E7(#5) / C#m7(b5) F#7(b9) Bm7 E7(#5)
Outra vez, me pe–diste cho–rando Eu vol–tei

C#m7 / F#7 / Bm7 / C#m7(b5) F#7(b13) Dm6/F
Mas, a–gora eu não posso e nem quero Nunca mais O que tu

/ E7 / A6 F#m7 Bm7 E7(#5) C#m7 / Cº /
me fizeste, a–mor Foi de–mais Uma vez, me pediste sor–rin——do Eu

Bm7 F#7(b13) Bm7 / Bm Bm(7M) E7(#5) / C#m7(b5) F#7(b9) Bm7
vol–tei Outra vez, me pe–diste cho–rando Eu vol–tei

C#m7 / F#7 / Bm7 / C#m7(b5) F#7(b13) Dm6/F
Mas, a–gora eu não posso e nem quero Nunca mais O que tu

/ E7 / A6 / / / Dm6 / / / A7M /
me fizeste, a–mor Foi de–mais O que tu me fizeste, amor Foi de–mais

samba canção
A 7M A 6 C♯m7(♭5) F♯7(♭9) B m7 G 7 B m7
B m7 G 7 B m7 E 7(♯5) C♯m7 F♯7(♭9) B m7 E 7(♯5)
C♯m7 G♯7(♭13) C♯m7 F♯7(♭9) B m B m(7M) B m7
B 7(♯11) F♯m7 B m7 E 7(♯5)
A 7M A 6 C♯m7 F♯7(♭13) B m7
E 7(13) A 7M E 7(♯5) C♯m7 C°
B m7 F♯7(♭13) B m7 B m B m(7M) E 7(♯5) C♯m7(♭5) F♯7(♭9)
B m7 E 7(♯5) C♯m7 F♯7 B m7 C♯m7(♭5) F♯7(♭13)
D m6/F 1 E 7 A 6 F♯m7 B m7 E 7(♯5) 2 E 7
A 6 D m6 A 7M

O bem do mar

DORIVAL CAYMMI

...nção praieira

O vento

DORIVAL CAYMMI

Dm7 / Gm6 / Dm/F / Gm6 / Dm7 /
Vamos chamar o ven———to Vamos chamar o ven———to Va———mos chamar o

Gm6 / Dm7 / Gm6 / Dm7 / / Am7 Dm7 / /
ven———to Vamos chamar o ven——to Vento que dá na ve——la

Am7 Dm7 / / Am7 Dm7 / / Am7 Dm7 /
Vela que leva o bar——co Barco que leva gen——te Gente que leva

/ Am7 Dm7 / / / / / / / / / / /
o pei——xe Peixe que dá dinhei——ro, curimã Curimã ê, curimã

/ / / / / / / / Ebm7 / / / /
lambaio Curimã ê, curimã lambaio Curimã Curimã ê, curimã lambaio

/ / / / Dm7 / / / / / / / / / /
Curimã ê, curimã lam–baio Curi–mã

canção praieira

D m7 — G m6 — D m/F — G m6 — D m7

G m6 — D m7 — G m6 — D m7 — D m7 — A m7

2 — 2 — 2

D m7

E♭m7
E♭m7
D m7
D m7
G m6
D m/F
G m6
D m7
G m6
3
D m7
G m6
D m/F
G m6
D m7

Promessa de pescador

DORIVAL CAYMMI

canção praieira

Rainha do mar

DORIVAL CAYMMI

C6 / / / F7M / / / G7 / / / C6 / / / / / / /
Ah, tem dó de ver o meu penar Ah,

F7M / / / G7 / / / C6 / / / / / Dm7
tem dó de ver o meu penar Minha se–reia,

G7 C6 / Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 /
ra–inha do mar Minha se–reia, ra–inha do mar O canto dela faz admi–rar O canto

Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 /
dela faz admi–rar Minha se–reia, ra–inha do mar Minha se–reia, ra–inha do mar O

Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6
canto dela faz admi–rar O canto dela faz admi–rar Minha se–reia é moça bo–nita

/ Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 /
Minha se–reia é moça bo–nita Nas ondas do mar A–onde ela ha–bita Nas ondas

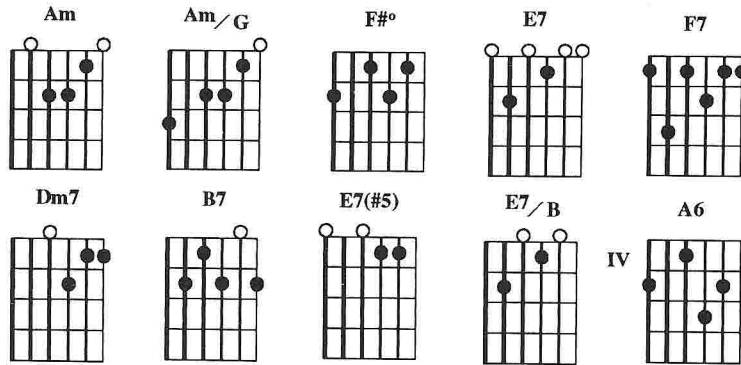
Dm7 G7 C6 / Dm7 G7 C6 / Dm7 G7
do mar A–onde ela ha–bita Minha se–reia é moça bo–nita Minha se–reia é moça

C6 / Dm7 G7 C6 / Dm7 G7
bo–nita Nas ondas do mar A–onde ela ha–bita Nas ondas do mar A–onde ela

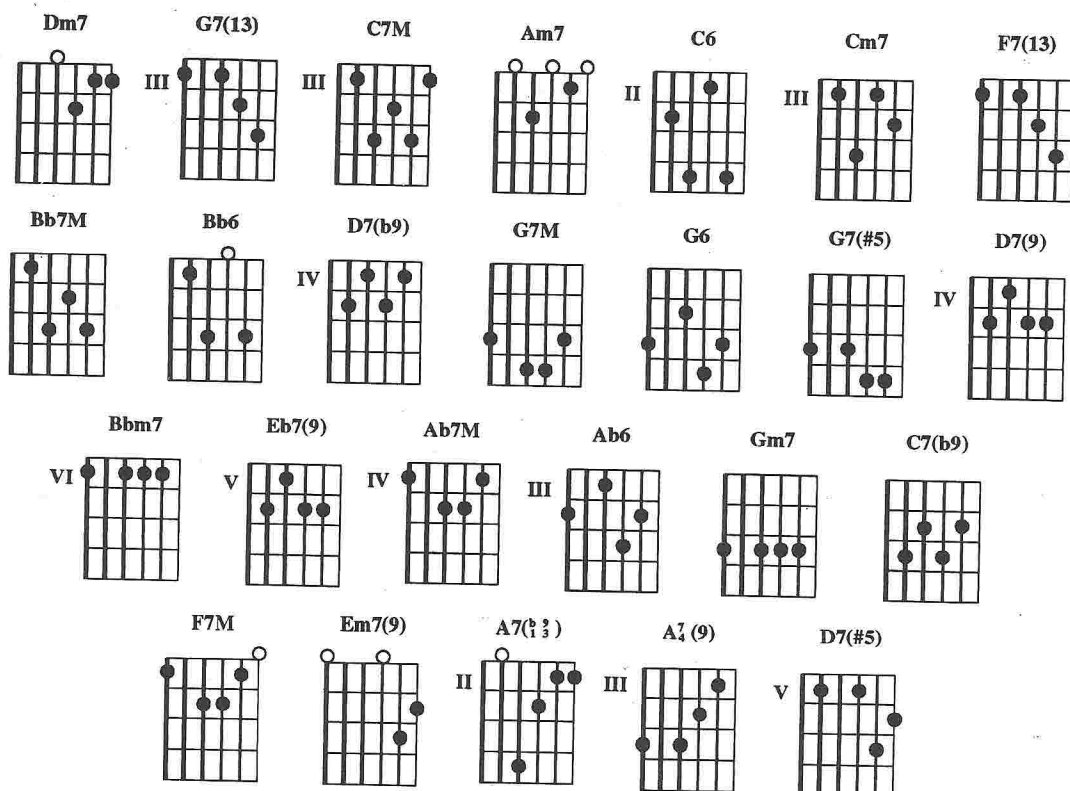
C6 / / /
ha–bita

Dm7 G7 C6 C6 Dm7 G7 C6
Dm7 G7 C6 Dm7 G7 C6 Dm7 G7
C6 C6
F7M G7 C6
F7M
G7 C6 Dm7 G7 C6
Dm7 G7 C6 Dm7 G7 C6 Dm7 G7
C6 C6

Roda pião

DORIVAL CAYMMI

ô pi–ão Sapateia no tijo–lo ô pião Sapateia no tijo–lo ô pião Roda pi–ão,
bam–beia ô pi–ão Roda pi–ão, bam–beia ô pi–ão Passa de um lado pro
ou–tro, ô pião Passa de um lado pro ou–tro, ô pião Roda pi–ão, bam–beia ô
pi–ão Roda pi–ão, bam–beia ô pi–ão
rubato
a tempo
Fim
D.C. e Fim

Rua deserta

DORIVAL CAYMMI , CARLOS GUINLE E HUGO LIMA

/ Dm7 / G7(13) / C7M / Am7 / Dm7 / G7(13) / C7M / C6
Nesta ru——a tão de–ser——ta numa noi——te sem lu–ar

/ Cm7 / F7(13) / Bb7M / Bb6 / Am7 / D7(b9) / G7M / G6
Um la–men——to não se ou——ve, a noi—te sem can–ção

/ Dm7 / G7(#5) / C7M / Am7 / Dm7 / G7(#5) /
A lem–bran——ça de um dia os seus o———lhos jun———tos aos

C7M / C6 / Cm7 / F7(13) / Bb7M / Bb6 / Am7 / D7(9)
meus Os seus lá——bios mur———mu–ravam uma pre—ce pra mim,

/ Bbm7 / Eb7(9) / Ab7M / Ab6 / Bbm7 / Eb7(9) / Ab7M
do seu cora–ção A sau–dade de al–guém, de vo–cê A mal–dade

/ Ab6 / Gm7 / C7(b9) / F7M / Dm7 / Em7(9) / A7(b13 9)
de vi–ver sem vo–cê A von–tade de vi–ver com vo–cê

/ F7M / Dm7 / Ab7M / / A7/4 (9) Dm7 / G7(13) / C7M /
Foi um sonho que pas–sou, tudo a–gora se acabou Nesta ru——a tão de–ser—ta

Am7 / Dm7 / G7(13) / C7M / C6 / Cm7 / F7(13) / Bb7M /
numa noi——te sem lu–ar Um la–men——to não se ou———ve

Bb6 / Am7 / D7(9) / Bbm7 / Eb7(9) / Am7 / D7(9)
So–zinho vou se–guindo Sem pa–rar, sem o–lhar Sem vo–cê, sem vo–cê,

/ Cm7 / F7(13) / Bb7M / Eb7(9) / Ab7M / Am7 D7(#5) G7M
meu a–mor!

Sábado em Copacabana

DORIVAL CAYMMI E CARLOS GUINLE

samba
G 6 G♯° A m7 D 7(9) G 6
E m7 A 7 D 7M D♯° E m7 A 7/4 A 7 A m7 D 7(♭9)
G 7M G♯° A m7 D 7(9) A m A m(7M)
D 7/4(9) D 7(9) G 6 E m7 A m7 D 7(9) G/B B♭°
A m7 D 7(9) A m7 D 7(♯5) G 6 E m7
A m7 D 7(♭9) G 7M G♯° A m7 D 7(9)
A m A m(7M) D 7/4(9) D 7(9) E m7 D m7 G 7(♯5) C 7M
C♯° G 6/D B m7(♭5) E 7(♭13) A m7 A♭7(13)
G 7M 1 D 7/4(9) D 7(9) 2 C m6 G 7M

Saudade

DORIVAL CAYMMI E FERNANDO LOBO

C6 / / / **Em7** / / / **F7M** / / / **F6** / / / **Em7(b5)** / / / **A7(b13)** / /
Tu——do a——con–te————ce na vi————————da Tu————————do a——con–te————————ce

/ **Dm** / **A7/E** / **Dm/F** / / / **G7** / / / / / **G#°** /
a to——dos nós Sem——pre u——ma dor, um

Am7 / / / / / / **D7(9)** / / / / / / / **Dm7** / / /
ai de amor E de um in–feliz se ou————ve a voz,

G7(#5) / / / **C6** / **Em/B** / **Am7** / **Am/G** / **A7** / / / / / / / /
ai Sinto sau–dades, tris–tezas bem dentro de mim

Dm / Dm(7M) / Dm7 / G^{7}_{4} / C6 / A7(b13) / Dm7 / G7 / C/E
Coisas pas–sadas, já mortas que tive—ram fim Tenho

/ / / Eb° / / / Dm7 / / / / / / / / G7 / / /
os olhos pa–rados, perdidos, dis–tan——tes Como se a vida me

G7(#5) / / / C7M / Am7 / Dm7(9) / G7 / C6 / Em/B / Am7
fo—ra o que e—ra an——tes Cartas, pa–lavras, no–tícias

/ Am/G / A7 / / / / / / / / Dm / Dm(7M) / Dm7 / F7
não vêm se–quer E a cer–teza me diz que ela era

/ E7 / D/F# / E7/G# / E7(b13) / F7M / / / F#° /
o meu bem O que dóiprofun——da–men——te

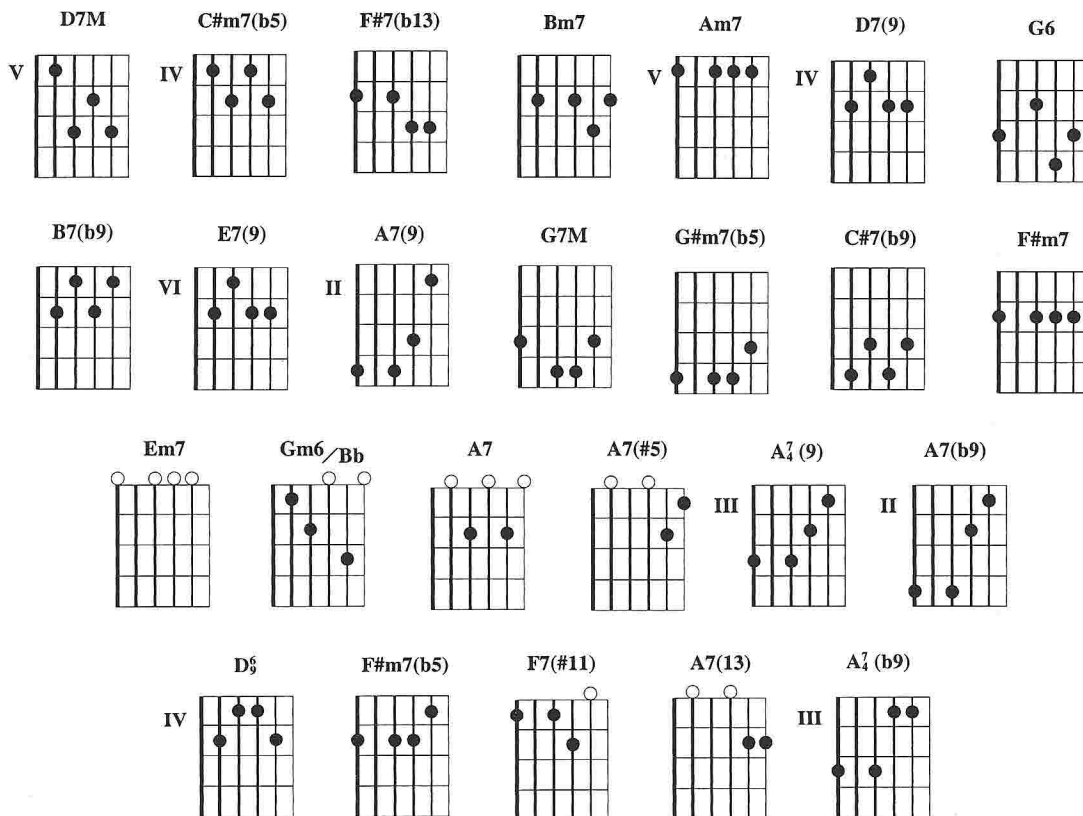
/ Em7 / / / A7(b13) / / / Dm7 / / / G7(13) / /
É sa—ber que infe—liz–men——te A vida é aquilo que a gen——te

/ Gm7 / / / C7(9) / C7(b9) / F7M / / / F#° / / Em7 /
não quer O que dói profun—da–men—te É sa—ber

/ / A7(b13) / / / Dm7 / / / G7(13) / / / C6
que infe—liz–men——te A vida é aquilo que a gen——te não quer

E♭°
D m7
G 7
G 7(♯5)
C 7M
A m7
D m7(9)
G 7
C 6
E m/B
A m7
A m/G
A 7
D m
D m(7M)
D m7
F 7
E 7
D/F♯
E 7/G♯
E 7(♭13)
F 7M
F♯°
E m7
A 7(♭13)
D m7
G 7(13)
G m7
C 7(9)
C 7(♭9)
F 7M
F♯°
E m7
A 7(♭13)
D m7
G 7(13)
C 6
A m7
D m7
G 7
G 7(13)
G 7(♭13)
C 6
F m6
C 6

Saudade da Bahia

DORIVAL CAYMMI

D7M / C#m7(b5) F#7(b13) Bm7 / Am7 D7(9) G6 /
Ai, ai que sau–dade eu tenho da Bahi———a Ai, se eu

B7(b9) / E7(9) / A7(9) / G7M / G#m7(b5) C#7(b9)
escu–tasse o que mamãe dizi———a "Bem, não vá dei–xar a sua mãe

F#m7 / B7(b9) / Em7 / Gm6/Bb /
afli———ta A gente faz o que o coração di———ta Mas esse mundo é feito de

A7 / A7(#5) / D7M / C#m7(b5) F#7(b13) Bm7 / Am7
malda——de e ilusão" Ai, se eu escu–tasse hoje não sofri———a

D7(9) / G6 / B7(b9) / E7(9) / A7(9) / G7M / G#m7(b5)
Ai, esta sau–dade dentro do meu pei———to Ai, se ter sau–dade

C#7(b9) F#m7 / B7(b9) / Em7 / A7/4 (9)
é ter al–gum defei———to Eu, pelo menos, mereço o direi———to De ter al–guém

A7(b9) D6/9 / F#m7(b5) F7(#11) Em7 / A7(13)
com quem eu possa me confessar Ponha-se no meu lugar E

/ F#m7 / B7(b9) / Em7 / A7(13) /
veja como sofre um homem infeliz Que teve que desabafar Dizendo a todo

D$^6_9$ / F#m7 F7(#11) Em7 / A$^7_4$(9) A7(b9) F#m7
mundo o que ninguém diz Vejam que situação E vejam como sofre

/ B7(b9) / Em7 / A7(9) / D$^6_9$ A$^7_4$(b9)
pobre coração Pobre de quem acredi——ta Na glória e no di–nheiro para ser

D$^6_9$ / D7M / C#m7(b5) F#7(b13) Bm7 / Am7 D7(9) G6 /
feliz Ai, ai que sau–dade eu tenho da Bahi——a Ai,

B7(b9) / E7(9) / A7(9) / G7M / G#m7(b5)
se eu escu–tasse o que mamãe dizi——a "Bem, não vá dei–xar a sua

C#7(b9) F#m7 B7(b9) / Em7 / Gm6/Bb
mãe afli——ta A gente faz o que o coração di——ta Mas esse mundo é feito

/ A7 / A7(#5) / D7M / C#m7(b5) F#7(b13) Bm7 / Am7
de malda—de e ilusão" Ai, se eu escu–tasse hoje não sofri——a

D7(9) / G6 / B7(b9) / E7(9) / A7(9) / G7M / G#m7(b5)
Ai, esta sau–dade dentro do meu pei——to Ai, se ter sau–dade

C#7(b9) F#m7 / B7(b9) / Em7 / A$^7_4$(9)
é ter al–gum defei——to Eu, pelo menos, mereço o direi——to De ter al–guém

A7(b9) D$^6_9$ /
com quem eu possa me confessar

A 7(13)
F♯m7
B 7(♭9)
E m7
A 7(13)
D 6/9
F♯m7
F 7(♯11)
E m7
A 7/4(9)
A 7(♭9)
F♯m7
B 7(♭9)
E m7
A 7(9)
D 6/9
A 7/4(♭9)
D 6/9
D.C.

Tão só

DORIVAL CAYMMI

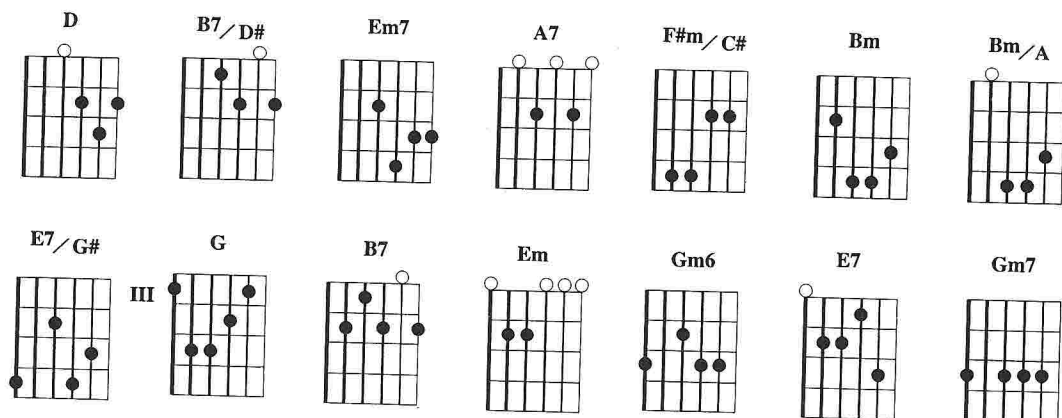
C/A C/G F7M / Fm6 / C / / / G$^7_4$(9) / G$^7_4$(b9) / Dm7(9) / Fm6 / C
Pra eu querer bem E não fi–car tão só
samba canção
C C/B C/A C/G Em7 Dm7(9) Fm6 C C/B C/A C/G
F7M Fm6 C G$^7_4$(9) G$^7_4$(♭9) 1 C G$^7_4$(9) 2 C C7(♯5)
F7M C7(♭9) F6 B♭7(9) B♭7(♭9) E♭$^6_9$
D7(9) G7(13) D7(9) Dm7(9) G7(♭9)
Ao e
Dm7(9) Fm6 C

365 igrejas

DORIVAL CAYMMI

samba
A 7
D m7
G 7(13)
C 6
A 7
D m7
G 7(13)
C 6
A 7
D m7
G 7(13)
C 6
A 7
D m7
G 7(13)
C 6
A 7
D m7
G 7(13)
1 C 6
2 C 6
G 7(13)
C
D m7
G 7
C 6
A 7
D m7
G 7
C
G 7/D
G 7
C 6
C 7
F 6
C 6
A 7
D m7
G 7
C 6
Ao
e
C 6
A 7
D m7
G 7(13)
C 6

Valerá a pena

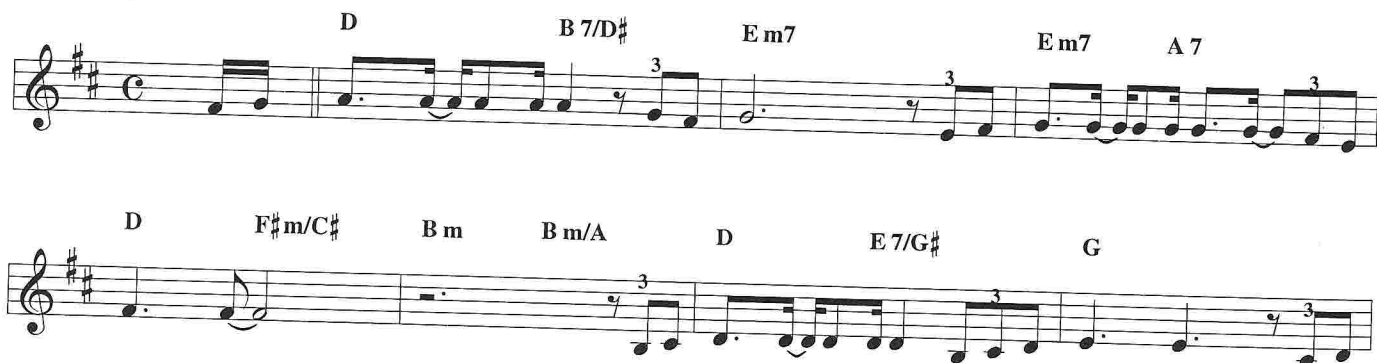
DORIVAL CAYMMI E CARLOS GUINLE

D / B7/D# / Em7 / / / / / A7 / D /
Vale–rá a pe––na vi–ver sem vo–cê? Para que pas––sar a vida sem ca–ri––nho?

F#m/C# / Bm / Bm/A / D / E7/G# / G / / / A7
Quando al–guém a––mar vo–cê sincera–men––te Segui–rá

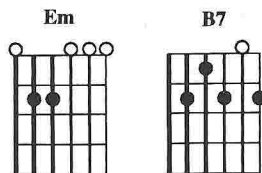
/ / / D / F#m/C# / Bm / Bm/A / D / B7 /
o seu caminho indife–ren–te Eu não quero viver sem vo–cê

Em / B7 / Em / / / A7 / / / D / F#m/C# / Bm /
nunca mais Sem vo–cê, a saudade, amor, é de–mais

Bm/A / G / / / Gm6 / / / D / / / F#m/C# / / /
Eu que so–fri e pade–ci Co–nhe––ço bem a dor Não

E7 / / / Gm7 / / / D
quero perder Vi–ver sem você, a–mor

A 7
D
F♯m/C♯
B m
B m/A
D
B 7
E m
B 7
E m
A 7
D
F♯m/C♯
B m
B m/A
G
G m6
D
F♯m/C♯
E 7
G m7
D

Vamos ver como dobra o sino

DORIVAL CAYMMI

Em /　/　/　/　/　B7　/　Em　/
Vamos ver como dobra o sino, ô Yayá Que faz: delém dem-bão Delém

B7　/　Em　/　B7　/　Em / /　B7　/ / Em /
dem-bão, delém dem-bão delém dem-bão aperte a mão　Nós dois... cri–an—ci–nhas

/ B7　/　/ Em　/　/ B7　/ / Em　/　/ B7 /　/ Em /　/ B7　/
A—le-gres... fe—li—zes... De mãos u–ni—di—nhas... Que do–ce recorda–ção Brin–can–do

/ Em　/　/ B7　/　/ Em　/　/ B7　/　/ Em　/　/ B7　/　/ Em
de si—no, di—zen-do: de—lém dem-bão Brin–can–do de ro—da, di—zen-do: a—perte a

/ / B7　/ /　Em　/ /　/　/　/　/　B7
mão　Ai! A–perte a mão　Vamos ver como dobra o sino, ô Yayá Que faz:

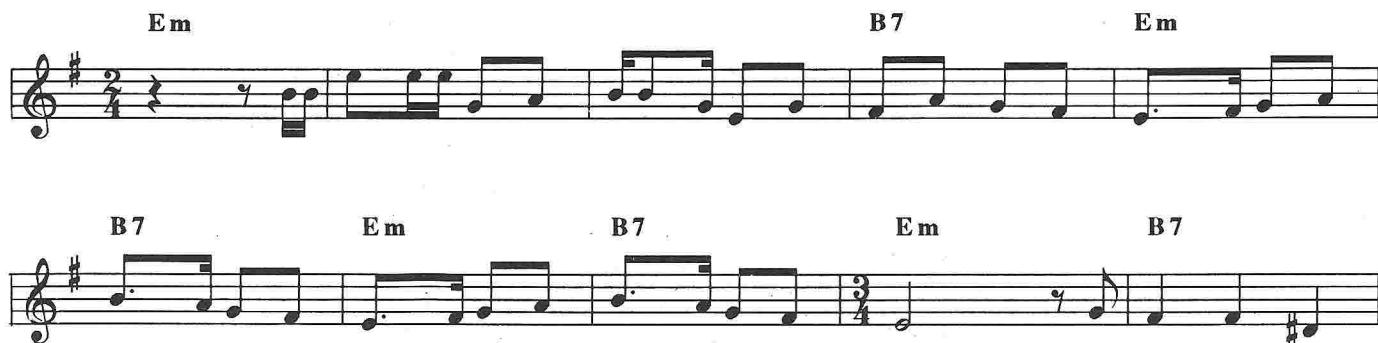
/　Em　/　B7　/　Em　/　B7　/　Em　/ /
delém dem-bão Delém dem-bão, delém dem-bão delém dem-bão aperte a mão

B7 /　/ Em /　/ B7 /　/ Em /　/ B7　/　/ Em　/ / B7　/
Sa–in–do da i–gre–ja... U—ni–dos... fe—li—zes... Vo—cê sempre mi—nha E só no meu

/ Em　/　/ B7　/ / Em　/ / B7　/　/ Em　/　/ B7　/　/
cora–ção　Sua mão peque—nina a–per—tan–do a minha mão E os si—nos da

Em /　/ B7　/　/ Em　/ / B7　/ /　Em　/ /　/
i–gre–ja fa—zen–do: De—lém dem-bão　Ai! A–perte a mão　Vamos ver como

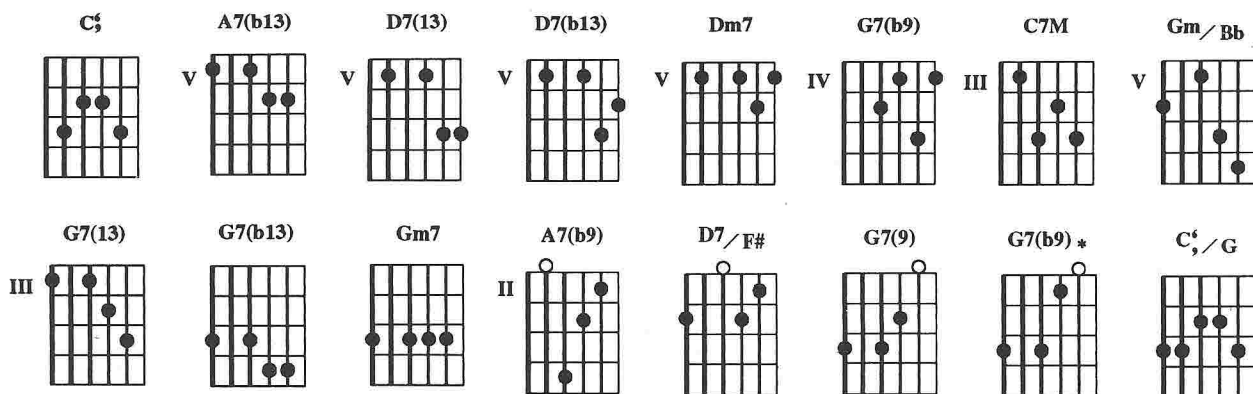
/　/　/　B7　/　Em　/　B7　/　Em
dobra o sino, ô Yayá Que faz: delém dem-bão Delém dem-bão, delém dem-bão

/　B7　/　Em
delém dem-bão aperte a mão

Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em
B7
Em

Vestido de bolero

DORIVAL CAYMMI

C^6_9 | A7(b13) | D7(13) | D7(b13) | Dm7 | G7(b9) | C7M | Gm/Bb

G7(13) | G7(b13) | Gm7 | A7(b9) | D7/F# | G7(9) | G7(b9) * | C^6_9/G

/ C^6_9 / A7(b13) / D7(13) / D7(b13)
Um casaco bordô, um vestido de ve–ludo pra você usar Um

/ Dm7 / G7(b9) / C^6_9 / G7(b9) /
vestido de bo–lero, lero, lero, le————ro já mandei comprar Um casaco

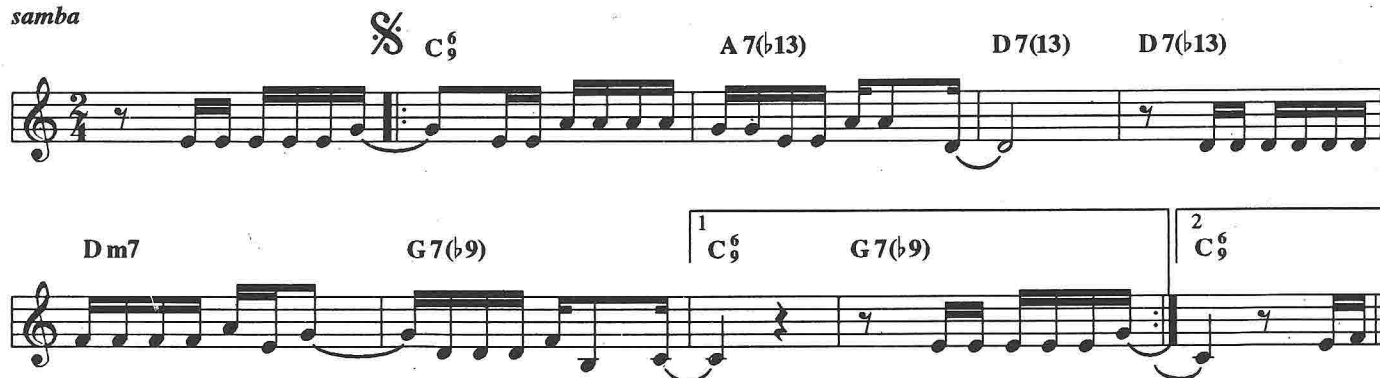
C^6_9 / A7(b13) / D7(13) / D7(b13) /
bordô, um vestido de ve–ludo pra você usar Um vestido

Dm7 / G7(b9) / C^6_9 / / /
de bo–lero, lero, lero, le————ro já mandei comprar Se o casaco for

C7M Gm/Bb A7(b13) / Dm7 / / / G7(13)
verme———lho todo mundo vai usar Saia verde, azul e bran———co

/ G7(b13) / C^6_9 / / / Gm7 / A7(b9) /
todo mundo vai usar Apesar dessa mistu———ra todo mundo vai

Dm7 / D7/F# / G7(9) / G7(b9) /
gostar É que debaixo do bo–lero, lero, lero, le————ro tem você

C^6_9/G
Yayá

C 7M
G m/B♭
A 7(♭13)
D m7
G 7(13)
G 7(♭13)
C 6/9
G m7
A 7(♭9)
D m7
D 7/F♯
G 7(9)
G 7(♭9)
C 6/9/G
Ao 𝄋
e 𝄌
C 6/9
D m7
G 7(9)
C 6/9
Fade Out

Vou ver Juliana

DORIVAL CAYMMI

C6 (II) F Am/E Dm G^{7}_{4} (III) G7 Em7

C6 / F / Am/E / Dm / G^{7}_{4} G7 C6 / / / / / /
Quando a maré va–zá Vou vê Julia——na Vou vê

/ Dm7 / / / G7 / / / C6 / / / / / / / F
Juliana, au–ê Vou vê Julia——na Quando a maré va–zá

/ Am/E / Dm / G^{7}_{4} G7 C6 / / / / / / / Dm7 / / /
Vou vê Julia——na Vou vê Juliana, au–ê

G7 / / / C6 / / / / / / Dm7 Em7 Dm7 C6
Vou vê Julia——na Savei–rista qué o dinhei——ro Pra po–dê

Dm7 Em7 Dm7 C6 Dm7 Em7 Dm7 C6
me atra——vessá Eu não tenho mais dinhei——ro Pra pa–gá

Dm7 Em7 Dm7 G7 / Dm7 / G7 /
pra em——barcá Como não tenho dinhei——ro O re–médio é es——perá

Dm7 / G7 / Dm7 / G7 / Dm7 / G7
Bate palma, pal——ma, pal——ma Bate pé, pé, pé Caran–guejo só

/ Dm7 / G7 / Dm7 / G7 / Dm7 /
é pei——xe Na va–zante da maré É me–lhor esperá senta——do Do

G7 / Dm7 / G7 / Dm7 / G7 / Dm7 / G7 / C6
que esperá em pé Pra vê Pra vê Ju—lia——na

/ / / / / / / / / / / / / / / / / / / F / Am/E / Dm / G^{7}_{4}
Quando a maré va–zá Vou vê

G7 C6 / / / / / / / Dm7 / / / G7 / / / C6
Julia——na Vou vê Juliana, au–ê Vou vê Julia——na

/ / / / / / / F / Am/E / Dm / G^{7}_{4} G7 C6 / / / / /
Quando a maré va–zá Vou vê Julia——na

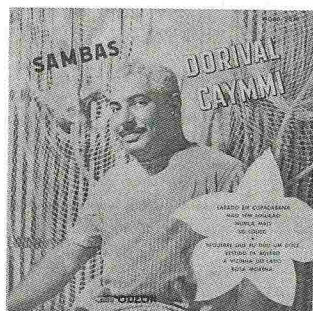
/ / Dm7 / / / G7 / / / C6
Vou vê Juliana, au–ê Vou vê Julia——na

G7
C6
1
2
C6
Dm7
Em7
Dm7
C6
Dm7
Em7
Dm7
a tempo
3
C6
Dm7
Em7
Dm7
C6
Dm7
Em7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
Dm7
G7
C6
D.C. ao
c/ rep.
F
Dm
C

Vamos falar de Teresa

DANILO CAYMMI E DORIVAL CAYMMI

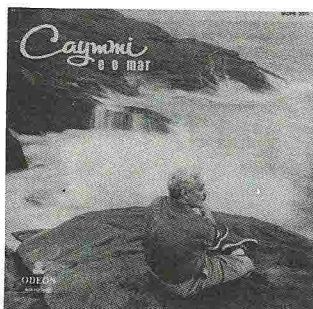
/ A7/4 / A7(9) / D7M / / / C#m7 / F#7 / Bm7
Senhor Pa——ra falar de beleza Pa——ra saber de Te–resa
/ E7 / A7/4(9) / A7(9) / D7M / / / C#m7
Só mesmo o Nosso Senhor Pa——ra falar de beleza Pa——ra
/ F#7 / Bm7 / E7 / F7M(#11) / / / Dm7(9) / /
saber de Te–resa Só mesmo o Nosso Senhor
/ E/D / / / C#m7 / F#7 / Bm7 / E7/4 / A(add9) /
samba
A(add9) E/D C♯m7 F♯7
Bm7 E7 A(add9) E/D
C♯m7 F♯7 Bm7 1 E7
A(add9) Bm7 A(add9) D♯m7(♭5) G♯7 C♯m7
Bm7 A(add9) E7 A(add9) 2 E7
A(add9) D7M D♯m7(♭5) C♯m7 F♯7/4(9) Bm
F♯7/A♯ Bm/A G♯m7(♭5) C♯7(♭9) F♯m7
F♯m/E D7M C♯m7 F♯7

Discografia

■ Sambas de Caymmi
(Odeon, 1955)

□ **Lado 1**

1. Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi e Carlos Guinle) *2.* Não tem solução (Dorival Caymmi e Carlos Guinle) *3.* Nunca mais (Dorival Caymmi) *4.* Só louco (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Requebre que eu dou um doce (Dorival Caymmi) *2.* Vestido de bolero (Dorival Caymmi) *3.* A vizinha do lado (Dorival Caymmi) *4.* Rosa morena (Dorival Caymmi)

■ Caymmi e o mar
(Odeon, 1957)

□ **Lado 1**

1. História de pescadores (Dorival Caymmi) *2.* Promessa de pescador (Dorival Caymmi) *3.* Dois de fevereiro (Dorival Caymmi) *4.* O vento (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

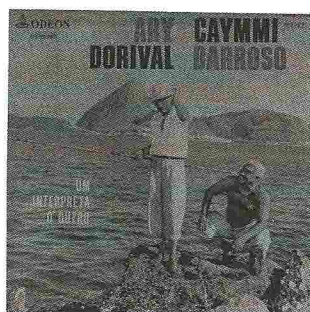
1. Saudades de Itapuan (Dorival Caymmi) *2.* Noite de temporal (Dorival Caymmi) *3.* Festa de rua (Dorival Caymmi) *4.* O mar (Dorival Caymmi)

■ Eu vou pra Maracangalha
(Odeon, 1957)

□ **Lado 1**

1. Maracangalha (Dorival Caymmi) *2.* Samba da minha terra (Dorival Caymmi) *3.* Saudade da Bahia ((Dorival Caymmi) *4.* Acontece que eu sou baiano (Dorival Caymmi)

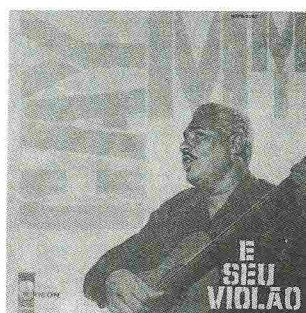
□ **Lado 2**

1. Fiz uma viagem (Dorival Caymmi) *2.* Vatapá (Dorival Caymmi) *3.* Roda pião (Dorival Caymmi) *4.* 365 igrejas (Dorival Caymmi)

■ Ary Caymmi / Dorival Barroso
(Odeon, 1958)

□ **Lado 1**

1. Lá vem a baiana (Dorival Caymmi) *2.* Risque (Ary Barroso) *3.* Maracangalha (Dorival Caymmi) *4.* Por causa desta cabocla (Ary Barroso) *5.* João Valentão (Dorival Caymmi) *6.* Inquietação (Ary Barroso)

□ **Lado 2**

1. Na Baixa do Sapateiro (Ary Barroso) *2.* Marina (Dorival Caymmi) *3.* Maria (Ary Barroso) *4.* Dora (Dorival Caymmi) *5.* Tu (Ary Barroso) *6.* Nem eu (Dorival Caymmi)

■ Caymmi e seu violão
(Odeon, 1960)

□ **Lado 1**

1. Canoeiro (Dorival Caymmi) *2.* A jangada voltou só (Dorival Caymmi) *3.* Dois de fevereiro (Dorival Caymmi) *4.* É doce morrer no mar (Dorival Caymmi) *5.* Coqueiro de Itapoan (Dorival Caymmi) *6.* O mar (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. O vento (Dorival Caymmi) *2.* O bem do mar (Dorival Caymmi) *3.* Quem vem pra beira do mar (Dorival Caymmi) *4.* A lenda do Abaeté (Dorival Caymmi) *5.* Promessa de pescador (Dorival Caymmi) *6.* Noite de temporal (Dorival Caymmi)

■ Eu não tenho onde morar
(Odeon, 1960)

□ **Lado 1**

1. Eu não tenho onde morar (Dorival Caymmi) *2.* Rosa Morena (Dorival Caymmi) *3.* Acontece que eu sou baiano (Dorival Caymmi) *4.* Acalanto (Dorival Caymmi) *5.* Vestido de bolero (Dorival Caymmi) *6.* O dengo que a nega tem (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Dora (Dorival Caymmi) *2.* O que é que a baiana tem? (Dorival Caymmi) *3.* A vizinha do lado (Dorival Caymmi) *4.* Adeus (Dorival Caymmi) *5.* São Salvador (Dorival Caymmi) *6.* Marina (Dorival Caymmi)

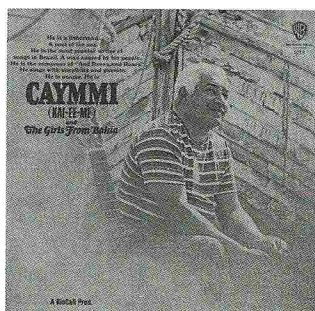
■ Caymmi visita Tom e leva seus filhos Nana, Dori e Danilo
(Elenco, 1964)

□ **Lado 1**

1. ...das rosas (Dorival Caymmi) *2.* Só tinha de ser com você (Tom Jobim e Aloysio de Oliveira) *3.* Inútil paisagem (Tom Jobim e Aloysio de Oliveira) *4.* Vai de vez (Menescal e Lula Freire) *5.* Canção da noiva (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Saudades da Bahia (Dorival Caymmi) *2.* Tristeza de nós dois (D.Ferreira, Bebeto e Mauricio Einhorn) *3.* Berimbau (Baden Powell e Vinicius de Moraes) *4.* Sem você (Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

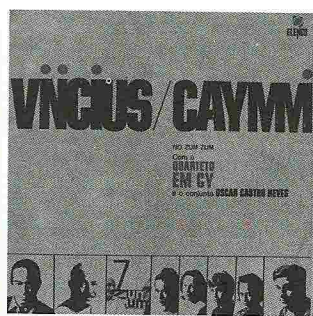
Discografia

■ Caymmi (Kai-ee-me) and the Girls From Bahia

(Warner Bros, 1965)

□ **Side 1**

1. And roses, and roses (Dorival Caymmi and Gilbert) *2.* Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi and Guinle) *3.* Berimbau (Powell, Vinicius and Gilbert) *4.* Saudade da Bahia (Dorival Caymmi) *5.* I long for Itapoã - *Saudades de Itapoã* (Dorival Caymmi) *6.* Maracangalha (Dorival Caymmi)

□ **Side 2**

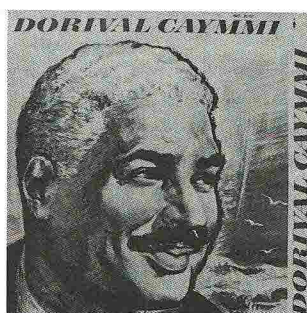
1. March of the fisherman (Dorival Caymmi) *2.* I live to love you - *Morrer de amor* (Neves and Fiorini) *3.* The storm - *O vento* (Dorival Caymmi) *4.* Amaralina beach - *Praia de Amaralina* (Castilho de Assis) *5.* Whistle to the wind - *Temporal* (Dorival Caymmi) *6.* Samba da minha terra (Dorival Caymmi)

■ Vinicius / Caymmi no Zum-Zum

(Elenco, 1967)

□ **Lado 1**

1. Bom dia, amigo (Baden e Vinicius) *2.* Carta ao Tom (Vinicius) *3.* Berimbau (Baden e Vinicius) *4.* Tem dó de mim (Carlos Lyra) *5.* Broto maroto (Carlos Lyra e Vinicius) *6.* Minha namorada (Carlos Lyra e Vinicius) *7.* Saudades da Bahia (Dorival Caymmi) *8.* ...Das rosas (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. História de pescadores (Dorival Caymmi) *2.* Dia da Criação (Vinicius) *3.* Aruanda (Carlos Lyra e Geraldo Vandré) *4.* Adalgisa (Dorival Caymmi) *5.* Formosa (Baden e Vinicius) *6.* Final

■ Dorival Caymmi

(Imperial, 1969)

□ **Lado 1**

1. Maracangalha (Dorival Caymmi) *2.* Samba da minha terra (Dorival Caymmi) *3.* Não tem solução (Dorival Caymmi) *4.* Fiz uma viagem (Dorival Caymmi) *5.* Vatapá (Dorival Caymmi) *6.* Requebre que eu dou um doce (Dorival Caymmi) *7.* Festa de rua (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Peguei um "Ita" no Norte (Dorival Caymmi) *2.* Saudades da Bahia (Dorival Caymmi) *3.* Nunca mais (Dorival Caymmi) *4.* Só louco (Dorival Caymmi) *5.* Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi e Carlos Guinle) *6.* Roda pião (Dorival Caymmi) *7.* 365 igrejas (Dorival Caymmi)

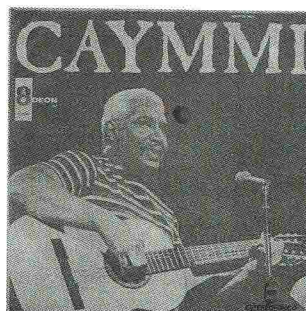
■ Encontro com Dorival Caymmi

(RCA, 1969)

□ **Lado 1**

1. Cantiga (Dorival Caymmi) - Dorival Caymmi *2.* Sodade matadera (Dorival Caymmi) - Dorival Caymmi *3.* A lenda do Abaeté (Dorival Caymmi) - Dorival Caymmi *4.* Saudade de Itapoã (Dorival Caymmi) - Dorival Caymmi *5.* Romances de Caymmi (Dorival Caymmi, Carlos Guinle e Alcyr Pires Vermelho) - Ivon Curi *6.* Maracangalha (Dorival Caymmi) - Léo Belico

□ **Lado 2**

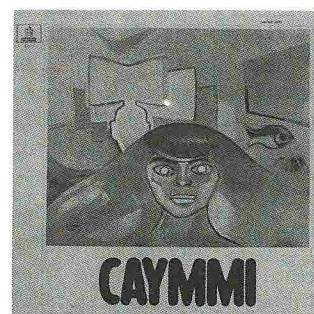
1. Dora (Dorival Caymmi) - Nelson Gonçalves *2.* Nem eu (Dorival Caymmi) - Ângela Maria *3.* Rosa Morena (Dorival Caymmi) - Miltinho *4.* Marina (Dorival Caymmi) - Nelson Gonçalves *5.* Samba da minha terra (Dorival Caymmi) - Titulares do Ritmo *6.* Saudades da Bahia (Dorival Caymmi) - Trio do Fafá

■ Caymmi

(Odeon, 1972)

□ **Lado 1**

1. ...das rosas (Dorival Caymmi) *2.* Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi e Carlos Guinle) *3.* Berimbau (Baden Powell e Vinicius de Moraes) *4.* Saudades da Bahia (Dorival Caymmi) *5.* Saudades de Itapoã (Dorival Caymmi) *6.* Maracangalha (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Marcha dos pescadores (Dorival Caymmi) *2.* Morrer de amor (Neves e Fiorini) *3.* Temporal (Dorival Caymmi) *4.* Praia de Amaralina (Castilho de Assis) *5.* O vento (Dorival Caymmi) *6.* Samba da minha terra (Dorival Caymmi)

■ Caymmi

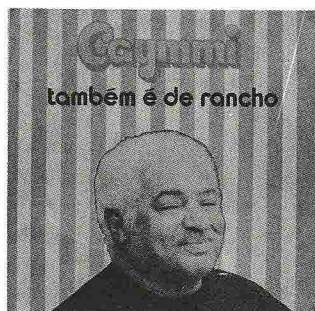
(Odeon, 1972)

□ **Lado 1**

1. Promessa de pescador (Dorival Caymmi) *2.* Morena do mar (Dorival Caymmi) *3.* Santa Clara clareou (Dorival Caymmi) *4.* Canto de Nanã (Dorival Caymmi) *5.* Dona Chica - Francisca Santos das Flores (Dorival Caymmi) *6.* Oração de Mãe Menininha (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Eu chguei lá (Dorival Caymmi) *2.* Sodade matadera (Dorival Caymmi) *3.* A preta do acarajé (Dorival Caymmi) *4.* Rainha do mar (Dorival Caymmi) *5.* Vou ver Juliana (Dorival Caymmi) *6.* Itapoan (Dorival Caymmi) *7.* Canto do Obá (Dorival Caymmi)

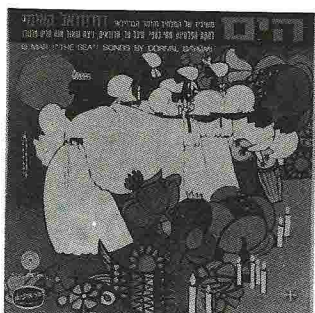
Discografia

■ Caymmi também é de rancho

(Odeon, 1973)

□ **Lado 1**

1. ...das rosas (Dorival Caymmi) *2.* Rosa Morena (Dorival Caymmi) *3.* Canção da partida - *da História de Pescadores* (Dorival Caymmi) *4.* Marina (Dorival Caymmi) *5.* Canoeiro (Dorival Caymmi) *6.* Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi e Carlos Guinle)

□ **Lado 2**

1. Coqueiro de Itapoan (Dorival Caymmi) *2.* Peguei um "Ita" no Norte (Dorival Caymmi) *3.* Nem eu (Dorival Caymmi) *4.* O bem do mar (Dorival Caymmi) *5.* Temporal - *da História de Pescadores* (Dorival Caymmi) *6.* Acalanto (Dorival Caymmi)

■ O mar ("The Sea")

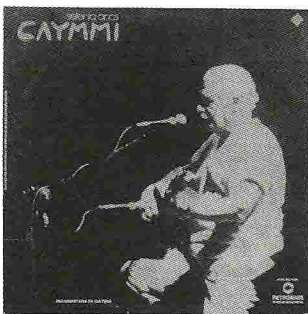
Songs by Dorival Caymmi

(HED-ARZI, 1974)

□ **Side 1**

1. É doce morrer no mar - *Michal Tal* *2.* O vento - *Mathi Caspi* *3.* O "bem" do mar - *Mathi Caspi* *4.* A jangada voltou só - *Ana Maria Fernandez* *5.* Canoeiro - *Ha'doodaim* *6.* March of the fisherman - *Ha'doodaim*

□ **Side 2**

1. O mar - *Mathi Caspi* *2.* Promessa de pescadores - *Ana Maria Fernandez* *3.* Maracangalha - *Nitz Shaul* *4.* Samba da minha terra - *Mathi Caspi* *5.* Brazilian rythm - *The Platina* *6.* Saudade de Itapoã - *Michal Tal*

■ Setenta anos Caymmi

(Fundação Nacional de Arte - Divisão de Música Nacional, 1984)

DISCO Nº 1

□ **Lado 1**

Postais Urbanos e Praieiros

1. Sodade matadera (Dorival Caymmi)/Saudade da Bahia (Dorival Caymmi)/Você já foi à Bahia? (Dorival Caymmi)/365 igrejas (Dorival Caymmi)/Pregões (folclore): Acaçá - Flor da noite - Sorvete - Iaiá/A preta do acarajé (Dorival Caymmi)/Vatapá (Dorival Caymmi)/Saudade de Itapoã (Dorival Caymmi)/Dois de fevereiro (Dorival Caymmi)/Festa de rua (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

De amor, de mulheres

1. Saudade (Dorival Caymmi e Fernando Lobo)/Nem eu (Dorival Caymmi)/Não tem solução (Dorival Caymmi) *2.* Francisca Santos das Flores (Dorival Caymmi)/Marina (Dorival Caymmi)/Eu cheguei lá (Dorival Caymmi)/Dora (Dorival Caymmi)

DISCO Nº 2

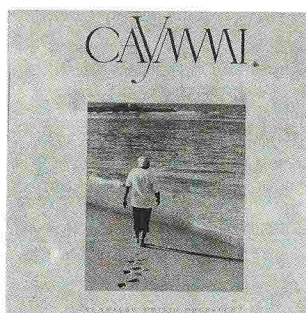
□ **Lado 1**

A força dos elementos

1. A jangada voltou só (Dorival Caymmi)/Noite de temporal (Dorival Caymmi)/O vento (Dorival Caymmi)/É doce morrer no mar (Dorival Caymmi e Jorge Amado)/O bem do mar (Dorival Caymmi)/Quem vem pra beira do mar (Dorival Caymmi)/Milagre (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

Caymmi, retrato

1. Tema sem nome (Dorival Caymmi)/Tema incidental: *September Song* (Kurt Weil e Maxwell Anderson) *2.* Adalgisa (Dorival Caymmi)/Oração de Mãe Menininha (Dorival Caymmi)/Acalanto (Dorival Caymmi)/Canção da partida (Dorival Caymmi)

■ Caymmi

(Fundação Emílio Odebrecht, 1984)

DISCO 001/1

□ **Lado 1**

1. Depoimento de Jorge Amado *2.* É doce morrer no mar (Dorival Caymmi e Jorge Amado) *3.* Festa de rua (Dorival Caymmi) *4.* A preta do acarajé (Dorival Caymmi) *5.* Canção da partida (Dorival Caymmi) *6.* A lenda do Abaeté (Dorival Caymmi) *7.* O que é que a baiana tem? (Dorival Caymmi) *8.* Depoimento de Caetano Veloso

□ **Lado 2**

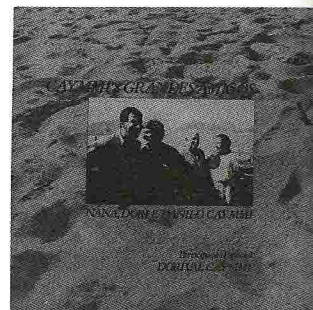
1. Depoimento de Tom Jobim *2.* ...das rosas (Dorival Caymmi) *3.* Dora (Dorival Caymmi) *4.* Eu fiz uma viagem (Dorival Caymmi) *5.* Peguei um "Ita" no Norte (Dorival Caymmi) *6.* Maracangalha (Dorival Caymmi) *7.* Acalanto (Dorival Caymmi) *8.* Depoimento de Carybé

DISCO 001/2

□ **Lado 1**

1. Caymmiana (Radamés Gnattali - sobre temas de Dorival Caymmi) *2.* Você já foi à Bahia? (Dorival Caymmi) *3.* João Valentão (Dorival Caymmi) *4.* O samba da minha terra (Dorival Caymmi) *5.* Sargaço mar (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. A Mãe d'Água e a menina (Dorival Caymmi) *2.* Pescaria (Dorival Caymmi) *3.* Vatapá (Dorival Caymmi) *4.* Marina (Dorival Caymmi) *5.* Dois de fevereiro (Dorival Caymmi) *6.* Oração de Mãe Menininha (Dorival Caymmi)

■ Caymmi's grandes amigos

Nana, Dori e Danilo Caymmi (Participação especial de Dorival Caymmi

(EMI-Odeon, 1986)

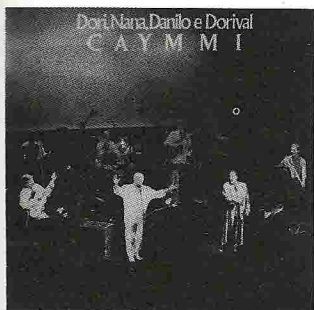
□ **Lado 1**

1. Canção da partida (Dorival Caymmi) *2.* João Valentão (Dorival Caymmi) *3.* ...das rosas (Dorival Caymmi) *4.* Velhas histórias (Dorival Caymmi e Danilo Caymmi) *5.* A vizinha do lado (Dorival Caymmi) *6.* Canção antiga (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Acalanto (Dorival Caymmi) *2.* Requebre que eu dou um

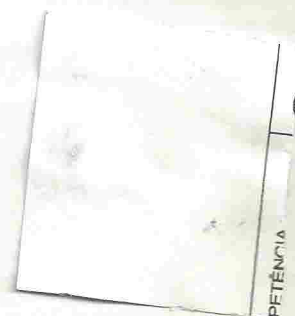
Discografia

doce (Dorival Caymmi) *3.* Dora (Dorival Caymmi) *4.* O mar (Dorival Caymmi) *5.* Peguei um "Ita" no Norte (Dorival Caymmi)

■ Dori, Nana, Danilo e Dorival Caymmi
(EMI-Odeon, 1987)

□ **Lado 1**

1. Promessa de pescador (Dorival Caymmi) *2.* Meu menino (Danilo Caymmi e Ana Terra) *3.* Velho piano (Dori Caymmi e Paulo Cesar Pinheiro) *4.* Só louco (Dorival Caymmi) *5.* Vatapá (Dorival Caymmi) *6.* Andança (Danilo Caymmi, Paulinho Tapajós e Edmundo Souto) *7.* João Valentão (Dorival Caymmi) *8.* Acalanto (Dorival Caymmi)

□ **Lado 2**

1. Quem vem pra beira do mar (Dorival Caymmi) *2.* Nem eu (Dorival Caymmi) *3.* Marina (Dorival Caymmi) *4.* Severo do pão (Dorival Caymmi) *5.* A Mãe d'Água e a menina (Dorival Caymmi) *6.* Adalgisa (Dorival Caymmi) *7.* História de pescadores: Canção da partida (Dorival Caymmi)

Caymmi: o décimo da série

O *songbook* de Dorival Caymmi é o décimo da série lançada pela Lumiar Editora, do músico, produtor e editor Almir Chediak. São 98 canções distribuídas em dois volumes,todas revistas pelo compositor. Neste trabalho, além das músicas, você encontrará fotos de época, discografia, texto biográfico escrito por Sérgio Cabral, texto analítico da obra pelo jornalista e crítico de música Tárik de Souza, texto introdutório por Almir Chediak, prefácio de Antonio Carlos Jobim e uma entrevista com o próprio Caymmi, inserida no segundo volume.

Os *songbooks* lançados anteriormente ao de Dorival Caymmi são: Caetano Veloso (dois volumes); Bossa Nova (cinco volumes); Tom Jobim (três volumes); Cazuza (dois volumes); Rita Lee (dois volumes); Noel Rosa (três volumes); Gilberto Gil (dois volumes); Vinicius de Moraes (três volumes) e Carlos Lyra (um volume).

Quanto aos *songbooks* em disco, o de Dorival Caymmi é o quinto da série lançada no mercado fonográfico pela Lumiar Discos, com produção de Almir Chediak. São quatro CDs e fitas cassetes, reunindo 82 canções interpretadas por mais de 100 artistas.

Os *songbooks* em CD lançados anteriormente ao de Caymmi são: Noel Rosa (um CD); Gilberto Gil (três CDs); Vinicius de Moraes (três CDs) e Carlos Lyra (um CD).

Songbook - Marca Registrada
Sob o Nº 815878117